



I Congresso Luso-Brasileiro
de práticas clínicas
fenomenológico-existenciais:
[Diálogos entre a clínica e a filosofia]

UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

I Congresso Luso-Brasileiro de práticas clínicas fenomenológico-existenciais: [Diálogos entre a clínica e a filosofia]

UERJ

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

**24, 25 e 26
Outubro de 2012**

Uma iniciativa: UERJ, CEPUERJ, Instituto de Psicologia da UERJ,
Laboratório de Fenomenologia e Estudos da Psicologia da Existência
da UERJ, SPPE - Lisboa - Portugal e IFEN - Rio de Janeiro - Brasil



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA CLÍNICA
**LABORATÓRIO DE FENOMENOLOGIA E ESTUDOS DA
PSICOLOGIA DA EXISTÊNCIA**

**ANAIS DO I CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE
PRÁTICAS CLÍNICAS FENOMENOLÓGICO-
EXISTENCIAIS: DIÁLOGOS ENTRE A CLÍNICA E
A FILOSOFIA**

**BRASIL
RIO DE JANEIRO
2012**



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Reitor: Ricardo Vieiralves de Castro

Vice-reitor: Paulo Roberto Volpato Dias

Sub-reitoria de Graduação: Lená Medeiros de Menezes

Sub-reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa: Monica da Costa Pereira Lavalle Heilbron

Instituto de Psicologia

Diretora: Rita Maria Manso de Barros

Vice-diretora: Marcia Mota

Departamento de Psicologia Clínica

Chefe: Marco Antonio Coutinho Jorge

Sub-Chefe: Sonia Alberti

Laboratório de fenomenologia e estudos da psicologia da existência

Coordenadora: Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo

CATALOGAÇÃO NA FONTE UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

C749 Congresso Luso-Brasileiro de práticas clínicas fenomenológico-existenciais (1.: 2012 : Rio de Janeiro).
Anais do Congresso Luso-Brasileiro de práticas clínicas fenomenológico-existenciais / Laboratório de Fenomenologia e Estudos da Psicologia da Existência (org.). – Rio de Janeiro: IFEN, 2012. 185 p.

ISSN: 2316-6320

Encontro realizado nos dias 24 a 26 de outubro de 2012, com o tema: "Diálogos entre a clínica e a filosofia".

1. Psicoterapia – Congressos. 2. Psicologia e filosofia – Congressos. I. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Laboratório de Fenomenologia e Estudos da Psicologia da Existência. II. Título.

nt

CDU 615.851



I CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE PRÁTICAS CLÍNICAS FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAIS: DIÁLOGOS ENTRE A CLÍNICA E A FILOSOFIA – 24,25 e 26 de outubro de 2012

Promoção e organização:

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Centro de Produção da UERJ (CEPUERJ) e Projeto do Laboratório de Fenomenologia e estudos da Psicologia da Existência da UERJ

Coordenação Geral:

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo – *UERJ*

Coordenação de Comissão Organizadora:

Alexandre Trzan - *CRP-RJ*

Carolina Mendes Campos – *PUC-Rio e IFEN*

Elaine Lopez Feijoo - *IFEN*

Fernanda Alt – *UERJ e IFEN*

Maria Bernadete Medeiros Fernandes Lessa – *IFEN*

Myriam Moreira Protasio – *UERJ e IFEN*

Comissão Organizadora:

Roberta Rodrigues (IFEN)

Fernanda Rimes (IFEN)

Fernanda Amaral (IFEN)

Vanessa Cunha Magnan (IFEN)

Ronald Cromack (IFEN)

Carla Portugal (IFEN)

Marinete Julianelli (IFEN)

Cintia Fraga (IFEN)

Comissão Científica:

Adriano Furtado Holanda - *UFPR* - Brasil

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo - *UERJ* – Brasil

André Barata – *UBI* – Portugal

Ariane Patricia Ewald – *UERJ* - Brasil

Carlos Diogenes Cortes Tourinho – *UFF* - Brasil

Daniel Sousa – *ISPA e SPPE* - Portugal



Irene Borges – *Universidade de Évora* - Portugal
Luiz Damon Santos Moutinho – *UFPR* - Brasil
Marco Antonio Casanova - *UERJ* - Brasil
Roberto Novaes de Sá – *UFF* - Brasil
Victor Amorim – *ISPA e SPPE* - Portugal
Virginia Moreira - *UNIFOR* - Brasil

Consultores *Ad hoc*:

Alessandro Gemino (UFF)
Alexandre Cabral (UERJ e IFEN)
Carolina Mendes Campos (PUC-Rio e IFEN)
Carolina Dhein (UERJ e IFEN)
Crisóstomo Lima (ISAT e IFEN)
Cristine Mattar (UFF)
Débora Gill (PUC-Rio)
Elaine Feijoo (IFEN)
Fernanda Alt (UERJ e IFEN)
Jean Marlos (UFMA)
Juliana Vendrusculo (UNAERPe UNIP)
Lucia Cecília da Silva (UEM)
Luiz Veríssimo (UVA e IFEN)
Maria Bernadete Lessa (IFEN)
Michelle Thieme (UERJ e IFEN)
Myriam Protasio (UERJ e IFEN)
Vanessa Cunha Magnan (UERJ e IFEN)

Coordenação de edição dos anais:

Danilo Suassuna (ITGT)
Fernanda Alt (UERJ- IFEN)
Carolina Mendes Campos (PUC-Rio – IFEN)

Revisão dos anais:

Roberta Rodrigues e Cintia Fraga

Monitores:

Paulo Victor Rodrigues da Costa
Rodolfo Rodrigues de Souza
Tatiana Rodrigues
Marta Velasques
Miguel da Silva Leal Neto
Amanda Carvalho Barreto
Marcia Regina de Freitas
Victor Portavales Silva
Gabriela Rocha Santos
Juliana Ramos Ribeiro



Isabela Tamis Assis Mendes
Fernanda Pinto Miranda
Tradutora (italiano):
Rebeca Furtado (UERJ)

Apoio:

UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro)
IP (Instituto de Psicologia)
IFEN (Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro)
SPPE- (Sociedade Portuguesa de Psicoterapia Existencial)
CRP-05 (Conselho Regional de Psicologia – Rio de Janeiro)
CEPUERJ (Centro de Produção da UERJ)
Que Mais Comunicação

Ressalva: Os resumos aqui exibidos foram publicados na íntegra e não passaram por revisão, já que os textos são de inteira responsabilidade de seus autores.



Carta de Apresentação Portuguesa

A abordagem fenomenológico existencial em psicologia clínica e em psicoterapia tem já um percurso de décadas em Portugal. Inicialmente esteve centrado no ISPA – Instituto Superior de Psicologia Aplicada, de Lisboa, no qual foram desenvolvidos diversos trabalhos de investigação e publicação, sob coordenação dos Professores José A Carvalho Teixeira e Victor Amorim Rodrigues. A elaboração do *Mestrado em Relação de Ajuda – Perspectivas da Psicoterapia Existencial* foi o culminar desse investimento académico, curso que contou já na altura com a participação prestigiante de colegas de filosofia e também de colegas brasileiros.

Em 2006, foi dado um passo crucial ao ser criada a *SPPE – Sociedade Portuguesa de Psicoterapia Existencial* que veio colmatar uma lacuna na formação científica em Portugal, uma vez que só a partir desse momento, passou a ser possível realizar formação profissional em psicoterapia existencial. O curso da SPPE, de 4 anos duração e que segue as recomendações da *European Association of Psychotherapy*, tem tido uma articulação particular com a chamada “Escola Britânica” de psicoterapia existencial, no qual colegas ingleses de reputação internacional têm tido uma participação de primordial importância.

Esta iniciativa – o *Primeiro Congresso Luso-Brasileiro de Práticas Clínicas Fenomenológico-Existenciais* –, que nos reúne hoje pela primeira vez, colegas brasileiros e portugueses, no quadro de um encontro científico especificamente dedicado à abordagem dos temas da psicoterapia existencial, com uma regularidade que se projecta ser bienal, é um passo natural, muito embora particularmente importante, para um novo movimento, que se pretende impulsionar, de enlace e proximidade entre duas comunidades de profissionais, interpretadas pelas sociedades dos respectivos países – o IFEN – Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro e a SPPE.

No âmbito destes congressos luso-brasileiros que hoje, e durante os próximos dias, têm a sua primeira edição, nesta bela cidade do Rio de Janeiro, espera-se que a abertura de novas perspectivas de investigação científica, de desenvolvimento académico, de saber-fazer clínico, sejam delineados por profissionais de ambos os países, abrindo possibilidades de mútuas aprendizagens e de caminho conjunto.

Este primeiro congresso luso-brasileiro de práticas clínicas fenomenológico-existenciais é uma parceria com a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), o Laboratório de Fenomenologia e Estudos da Psicologia da Existência desta universidade, o Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro (IFEN). A todos prestamos agradecimento pela magnífica organização do evento. Os dados estão, portanto, lançados. Votos de bons trabalhos!

Daniel Sousa e André Barata



Carta de Apresentação Brasileira

A Universidade do Estado do Rio de Janeiro como um espaço de constituição universal do saber vem, no ano de 2012, abrir um campo perspícuo de debates em uma perspectiva muito pouco divulgada no seio da Psicologia. Não há como deixar de sermos eternamente gratos pela oportunidade que esta Universidade gratuitamente nos oferece, tornando possível um rico e prolífero intercâmbio de conhecimentos na área por meio dos estudos e das pesquisas desenvolvidos pelos participantes.

O Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial (IFEN), entidade sem fins lucrativos, fundada por psicólogos cariocas no ano de 1996, surgiu com o único propósito de pesquisar, desenvolver e divulgar esse modo de se pensar e colocar em prática a Psicologia. E, é com entusiasmo e alegria que junto a Sociedade Portuguesa de Psicoterapia Existencial (SPPE) estamos transformando o sonho em realidade - **I Congresso Luso-Brasileiro de práticas clínicas fenomenológico-existenciais**. Inauguramos assim um encontro da comunidade brasileira com a comunidade portuguesa em um tema que nos tem sido caro: a psicologia de inspiração fenomenológico-existencial.

Não foi de forma fortuita que escolhemos as pedras portuguesas como símbolo deste primeiro Congresso. Mas para podermos marcar simbolicamente a união Brasil-Portugal, presente em nosso encontro, elegemos como signo do Congresso os mosaicos portugueses. Entendemos que essas pedras são presença marcante nas calçadas do Rio de Janeiro e ali eternizaram o elo entre os lusitanos e os brasileiros. A Cidade do Rio de Janeiro, cantada pelos poetas como maravilhosa e que agrega a sua paisagem natural a beleza do mosaico produzido pelo homem em suas calçadas, vai situar esse encontro pioneiro de estudiosos portugueses e brasileiros das temáticas existenciais na clínica psicológica. Esses mosaicos encontrados em diferentes cidades brasileiras com diversas cores podem ser apreciados na cidade maravilhosa, predominante, nas cores preto e branco.

Foi o brasileiro Roberto Burle Max quem projetou as nossas calçadas ornamentadas pelos mosaicos portugueses e foram os *mestres calceteiros* vindos de Portugal que no século XIX orquestraram a confecção do famoso calçadão da praia de Copacabana entre outros espaços públicos menos famosos, porém não menos importantes.

O I Congresso Luso Brasileiro vem do mesmo modo que vieram as pedras portuguesas em uma tentativa de manter o elo que une os portugueses e brasileiros, agora não mais por meio as calçadas, mas por meio ao saber. Saber este que do mesmo modo que as pedras portuguesas não só embelezam a cotidianidade hodierna da existência como também trazem ao existir a possibilidade de ir e vir, ou seja, de caminhar mais livremente.



Queremos concluir falando do nosso orgulho por iniciarmos esta parceria Brasil-Portugal nos estudos em Psicologia Fenomenológico-Existencial, e de nossa torcida para que a este primeiro encontro venha a se somar um segundo, um terceiro, um quarto...

Desejamos a todos que este evento seja profícuo em provocar inquietações acerca do nosso modo cotidiano de fazermos clínica em Psicologia, abrindo espaço para que nossos estudos e pesquisas se tornem clássicos, tal como, as pedras portuguesas também se tornaram clássicas em solo brasileiro.

Rio de Janeiro, 24 de outubro de 2012.
Equipe IFEN



Sumário

PALESTRANTES CONVIDADOS	19
PSICOLOGIA E PSICOPATOLOGIA FENOMENOLÓGICA: PRIMEIRAS LEITURAS NO BRASIL.	20
EXISTÊNCIA, CLÍNICA E CONFISSÃO: SOBRE A SUPERAÇÃO DA MORAL NA PSICOLOGIA DE ORIENTAÇÃO FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL.	21
REFORMA PSIQUIÁTRICA BRASILEIRA: APROXIMAÇÕES COM A PSICOLOGIA EXISTENCIAL E A PSICOLOGIA HUMANISTA.....	22
ESPECIFICIDADES DAS CRISES EXISTENCIAIS CONTEMPORÂNEAS E A CLÍNICA PSICOLÓGICA EXISTENCIAL	23
FENOMENOLOGIA DOS SENTIMENTOS SOCIAIS E A TEMPORALIDADE	24
HOMEM-SEM-KÓSMOS E CORPOS PÓS-AFETOS: DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS AO PENSAMENTO DE CARL ROGERS	25
A FENOMENOLOGIA DA AFETIVIDADE EM MICHEL HENRY: FUNDAMENTOS PARA A PSICOLOGIA CLÍNICA	26
A RELAÇÃO AFETIVA-CRIATIVA NA PERSPECTIVA EXISTENCIAL E A TEORIA EXISTENCIAL DA PERSONALIDADE NA OBRA DE LUIGI MARCHI	27
MUNDO COMPARTILHADO E PSICOTERAPIA DE GRUPO: APROXIMAÇÕES HEIDEGGERIANAS À CLÍNICA.....	28
SAUDADE E MELANCOLIA: NARRATIVAS DE "ESTRANHAMENTOS EMOCIONAIS".....	29
A CRÍTICA AO PSICOLOGISMO E A CRISE DA HUMANIDADE EUROPÉIA NA FENOMENOLOGIA DE HUSSERL.....	30
MODALIDADES DE PRÁTICA PSICOLÓGICA: A AÇÃO CLÍNICA E OS PRESSUPOSTOS FENOMENOLÓGICOS EXISTENCIAIS	31
ENTRE A DISPONIBILIDADE E A VULNERABILIDADE: REFLEXÕES SARTRIANAS SOBRE O AMOR E A INTIMIDADE.....	32
A VIVÊNCIA NA PSICOTERAPIA DE GRUPO: UMA PESQUISA QUALITATIVA FENOMENOLÓGICA	33
FINITUDE E SER-COM: UMA ONTOLOGIA DAS RELAÇÕES NO CONTEMPORÂNEO	34
A OBRA A <i>DOENÇA MORTAL</i> DE ANTI-CLIMACUS E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A PSICOLOGIA.....	35



PSICOTERAPIA EXISTENCIAL: ANÁLISE GENÉTICO-FENOMENOLÓGICA DA EXISTÊNCIA	36
FUNDAMENTOS HISTÓRICOS E EPISTEMOLÓGICOS DA CLÍNICA DA ATENÇÃO PSICOSSOCIAL A PARTIR DA FENOMENOLOGIA E DO EXISTENCIALISMO.....	37
A ABORDAGEM GESTÁLTICA, A CONTEMPORANEIDADE E SUAS IMPLICAÇÕES SOCIAIS.....	38
O PROJETO FENOMENOLÓGICO “BANQUETE FILOSÓFICO”; ONDE O CINEMA VAI À MESA..	39
SARTRE: PARA UMA FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL	40
PRÁTICAS DA PSICOTERAPIA EXISTENCIAL EM PORTUGAL E NO BRASIL: ALGUNS DADOS COMPARATIVOS	41
O QUE NA DOR DO OUTRO ACALMA A MINHA? A ESCOLHA DA PSICOLOGIA COMO PROFISSÃO: A POSSIBILIDADE DA ESCUTA DE SI MESMO - UMA LEITURA GESTÁLTICA	42
DASEINSANÁLISE NOS DIAS ATUAIS: REINVENTANDO A CLÍNICA PSICOLÓGICA NA ERA DA TÉCNICA.....	43
CONCEITOS FUNDAMENTAIS PARA A TERAPIA EXISTENCIAL - VIVÊNCIA, DESEJO E COMPREENSÃO	44
A COMPREENSÃO EM JEAN-PAUL SARTRE E SUAS POSSIBILIDADES	45
PSICANÁLISE EXISTENCIAL EM J-P SARTRE: ARTICULANDO AS NOÇÕES DE MÁ-FÉ E ALIENAÇÃO COMO FORMA DE COMPREENSÃO DO SOFRIMENTO PSÍQUICO	46
CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA DE CAMPO DE KURT LEWIN À PRÁTICA DE GRUPOS EM GESTALT-TERAPIA.....	47
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES DA FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL PARA A AÇÃO PSICOLÓGICA NA PRÁTICA E NA PESQUISA EM INSTITUIÇÕES.....	48
O TEMPO PRESENTE. DANIEL STERN E A FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL.....	49
MUNDO DA VIDA E VIDA FINANCEIRA: A PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA FRENTE À CULTURA DO ENDIVIDAMENTO E DO CONSUMISMO	50
A CLÍNICA DO MORRER E DO LUTO.....	51
HERMENÊUTICA E ANÁLISE DA RELAÇÃO EXISTENCIAL.....	52
PSICOLOGIA CLÍNICA E INSTITUCIONAL E FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL: SOBRE A FORMAÇÃO DO ALUNO DE GRADUAÇÃO	53
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A EXPERIÊNCIA RELIGIOSA EM RUDOLF OTTO E EM KIERKEGAARD	54
EXISTÊNCIA E TRANSITORIEDADE: PRINCÍPIOS E FUNDAMENTOS DE UMA PSICOLOGIA COM BASES DASEINSANÁLÍTICAS.....	55



FENOMENOLOGIA, ARTE E CLÍNICA NA COMUNIDADE	56
O UNIVERSAL E O SINGULAR NA PSICOLOGIA KIERKEGAARDIANA	57
DIVERSAS POSSIBILIDADES DA CLÍNICA AMPLIADA EM UM ENFOQUE FENOMENOLÓGICO	58
HERMENÊUTICA E PSICOTERAPIA: DA NARRAÇÃO AO NARRADOR	59
A ANGÚSTIA ENTRE A TONALIDADE AFETIVA FUNDAMENTAL E O TRANSTORNO PSÍQUICO: HEIDEGGER E BOSS.....	60
AS DISPOSIÇÕES AFETIVAS FUNDAMENTAIS E A SINGULARIZAÇÃO DA EXISTÊNCIA: CONTRIBUIÇÕES HEIDEGGERIANAS PARA A PSICOTERAPIA.....	61
SARTRE E O PAPEL DA RAZÃO NA CONVERSÃO DO HOMEM AUTÊNTICO	62
A CONSTITUIÇÃO DA PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA NA FENOMENOLOGIA DE EDMUND HUSSLERL	63
O TRAJECTO DE IMPLEMENTAÇÃO DA PSICOTERAPIA EXISTENCIAL NO CONTEXTO CULTURAL PORTUGUÊS	64
A RELAÇÃO DE IMPLICAÇÃO (E NÃO DE APLICAÇÃO) ENTRE AS FENOMENOLOGIAS FILOSÓFICA E CLÍNICA: O OLHAR DE ARTHUR TATOSSIAN	65
PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA-EXISTENCIAL DA GESTALT-TERAPIA: PSICOTERAPIA DO TEMPO VIVIDO	66
QUANDO O TERAPEUTA ADOECE EXISTENCIALMENTE	67
RESUMO DAS APRESENTAÇÕES EM MESA REDONDA	68
ANGÚSTIA EM HEIDEGGER E NA CLÍNICA	69
SARTRE E PIRANDELLO: A FENOMENOLOGIA DO ESPAÇO E DAS RELAÇÕES INTERSUBJETIVAS A PARTIR DO TEATRO	70
O ESPECIALISMO “PSI” CONTEMPORÂNEO E A BUSCA POR UM CIENTIFICISMO (DES)NAUSEANTE: UMA ANÁLISE SARTREANA.....	71
SANIDADE E ADOECIMENTO PSÍQUICO: COMPREENSÕES INSPIRADAS NOS PENSAMENTOS DE MARTIN HEIDEGGER	72
UMA INTERPRETAÇÃO FENOMENOLÓGICO-HERMENÊUTICA DAS COMPULSÕES NA ERA DA TÉCNICA.....	73
DEPENDÊNCIA QUÍMICA E NEGAÇÃO DA LIBERDADE: UM ESTUDO DE CASO SOB A ÓTICA KIERKEGAARDIANA.....	74
A FENOMENOLOGIA DA VIDA EM MICHEL HENRY NO SUL DO BRASIL: FECUNDOS CAMINHOS INTERDISCIPLINARES	75



A FENOMENOLGIA DA VIDA DE MICHEL HENRY NO INSTITUTO DE PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO	76
POR UMA FENOMENOLOGIA DA CRISE PSÍQUICA GRAVE	77
OS DESAFIOS DA CLÍNICA DA ATENÇÃO PSICOSSOCIAL E AS CONTRIBUIÇÕES DA FENOMENOLOGIA	78
CUIDAR DE QUEM CUIDA: TRABALHO DE GRUPO COM AGENTES REDUTORES DE DANOS... 79	
COMENTÁRIOS DE MEDARD BOSS SOBRE TERAPIA DE GRUPO: PSICANÁLISE E DASEINSANALYSE DE GRUPOS	80
FRIDA E O AMOR: ANÁLISE EXISTENCIAL DE SUA BIOGRAFIA DE ACORDO COM JEAN-PAUL SARTRE	81
AS ESPECIFICIDADES DA COMUNIDADE RELIGIOSA NA OBRA DE EDITH STEIN.....	82
MEMÓRIA E FUNDAMENTOS DA POSSIBILIDADE DE REPARAÇÃO DE DANOS.....	83
EXPERIÊNCIA PSICOTERAPÊUTICA DE ELABORAÇÃO DA DEPENDÊNCIA E DEFICIÊNCIA	84
O SOFRIMENTO PSÍQUICO GRAVE NO CONTEXTO DA RELIGIÃO PENTECOSTAL E NEOPENTECOSTAL - REPERCUSSÕES DA RELIGIÃO NA FORMAÇÃO DO TIPO PSICÓTICA	85
A PRÁTICA CLÍNICA NA UNIVERSIDADE: ENTRE DESVIOS E DESAFIOS DA EXPERIÊNCIA DE ENSINAR GESTALT-TERAPIA	86
SUPERVISÃO EM GESTALT TERAPIA NA UNIVERSIDADE: DA F(Ô)RMA À BOA FORMA	87
PSICOTERAPIA FENOMENOLÓGICA E A GUARDA DO ESPAÇO DE ALTERIDADE: SEDIMENTAÇÃO E TENSÃO NO CONTEXTO CLÍNICO	88
SARTRE: O ENREDO EMOCIONAL.....	90
DO CONTRIBUTO DA FILOSOFIA DAS FORMAS SIMBÓLICAS PARA UMA LEITURA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL DAS PSICOTERAPIAS	91
ATENÇÃO CLÍNICA E PENSAMENTO MEDITANTE: CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO CLÍNICO FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL.....	92
“TODA A VIDA NO CORPO”: O SENTIDO DO PROCESSO EXPERIENCIAL	93
UMA ABORDAGEM FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL DA INTERVENÇÃO DE RUA.....	94
PSICOTERAPIA EXISTENCIAL COM CRIANÇAS E JOVENS – DESCOBRINDO EM CONJUNTO ESCOLHA, LIBERDADE E RESPONSABILIDADE.....	95
SESSÃO COORDENADA.....	96
O ADOECIMENTO PSÍQUICO NA CONTEMPORANEIDADE E O MITO DA PRODUTIVIDADE	97



PRÁTICA PSICOLÓGICA EM SAÚDE: ATENÇÃO E CUIDADO.....	98
A FORÇA DOS ENCONTROS AFETIVOS NA CLÍNICA PARA A EXPERIÊNCIA PESSOAL DO PSICÓLOGO.....	99
CLÍNICA E CONTEMPORANEIDADE: A CONSTITUIÇÃO DA SUBJETIVIDADE NO CONTEXTO DO MULTICULTURALISMO	100
HEIDEGGER E GADAMER: REFLEXÕES FENOMENOLÓGICO-HERMENÊUTICAS NA CLÍNICA PSICOLÓGICA.....	101
CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS ACERCA DAS CONTRIBUIÇÕES DO PENSAMENTO SARTREANO À CLÍNICA GESTÁLTICA	102
SUPERVISÃO DE ESTÁGIO E ATITUDE PSICOTERAPÊUTICA NUMA PERSPECTIVA EXISTENCIAL	103
PSICODIAGNÓSTICO COLABORATIVO: CONTRIBUIÇÕES DA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL	104
INTERVENÇÃO PSICOLÓGICA NAS DELEGACIAS DA MULHER: HÁ ESPAÇO?.....	105
PSICODIAGNÓSTICO INTERVENTIVO: MODALIDADE DE ATENÇÃO E CUIDADO	106
IDEAIS SIMMELERIANAS SOBRE AS INFLUÊNCIAS DO DINHEIRO NA SUBJETIVIDADE: CONTRIBUIÇÕES PARA A PSICOLOGIA CLÍNICA.....	107
CORPO E BELEZA: UMA ANÁLISE SOBRE A EXPERIÊNCIA DO CORPO NA CONTEMPORANEIDADE	108
“A FINITUDE NA CONTEMPORANEIDADE À LUZ DE JOSÉ SARAMGO: “AS INTERMITÊNCIAS DA MORTE”	109
UMA DISCUSSÃO SOBRE A FELICIDADE NA ERA DA TÉCNICA.....	110
ATENDIMENTO EM GRUPO FENOMENOLÓGICO PARA VÍTIMAS DE VIOLAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS	111
DA INSEPARABILIDADE ENTRE SOCIAL-CLÍNICA: A EXPERIÊNCIA DE VOLUNTARIADO E A PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA	112
FERIDA QUE NÃO FECHA: TRATANDO ADULTOS VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA SEXUAL INFANTIL NA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA	113
DIFERENTES CONCEPÇÕES DE EMPATIA: CONTRIBUIÇÕES DA FENOMENOLOGIA DE MICHEL HENRY.....	114
EMPATIA E ESTRUTURA DA PESSOA HUMANA NA FENOMENOLOGIA DE EDITH STEIN E NA PSICOTERAPIA	115



FENOMENOLOGIA E GRUPOS: EXPERIÊNCIA DE UM GRUPO TERAPÊUTICO COM ADOLESCENTES EM INSTITUIÇÃO DE SAÚDE	116
RELATO DE UM ATENDIMENTO HÍBRIDO: ENTRE O CONSULTÓRIO E O ACOMPANHAMENTO TERAPÊUTICO	117
O EXISTIR ESQUIZOFRENICO NA PERSPECTIVA DASEINSANALÍTICA DE MEDARD BOSS.....	118
A PRÁTICA DO PSICÓLOGO E O CUIDADO: A EXPERIÊNCIA VIVIDA NUMA CLÍNICA-ESCOLA DE FORTALEZA	119
PLANTÃO PSICOLÓGICO EM DELEGACIAS ESPECIALIZADAS DE ATENDIMENTO A MULHER: UMA COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL	120
A ANALÍTICA DO SENTIDO ENQUANTO MÉTODO NA PESQUISA EM CLÍNICA FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL.....	121
QUANDO A CEGONHA VEM? REFLEXÕES ACERCA DE HOMENS QUE VIVENCIAM A INFERTILIDADE	122
NARRATIVA COMO RESGATE DO VIVIDO	123
CASO LUANA: UMA COMPREENSÃO DA EXPERIÊNCIA VIVIDA DE DEPRESSÃO NA PERSPECTIVA DE ARTHUR TATOSSIAN	124
REVISANDO OS PRESSUPOSTOS BÁSICOS DA TEORIA DE LUDWIG BINSWANGER APLICADOS À PSICOPATOLOGIA.....	125
O INCONSCIENTE NAS FENOMENOLOGIAS FILOSÓFICA E CLÍNICA: UM OLHAR A PARTIR DE ARTHUR TATOSSIAN.....	126
A PRÁTICA PSICOLÓGICA COM ADOLESCENTES AUTORES DE ATOS INFRACIONAIS, À LUZ DA ONTOLOGIA HEIDEGGERIANA.....	127
A PSICOTERAPIA DA CRIANÇA, POR UM FIO	128
PLANTÃO PSICOLÓGICO E A CLÍNICA-ESCOLA: UM OLHAR FENOMENOLÓGICO SOBRE A EXPERIÊNCIA CLÍNICA.....	129
A CONSTRUÇÃO ARTESANAL DO FAZER CLÍNICO SOB O ENFOQUE DA GESTALT TERAPIA ..	130
SARTRE E A PSICOTERAPIA EXISTENCIAL.....	131
A RESISTÊNCIA SILENCIOSA DO TRABALHO DA PSICOTERAPIA COM O ENFOQUE DASEINSANALÍTICO	132
SARTRE E A PSICOLOGIA: UM DIÁLOGO A PARTIR DA TRAJETÓRIA EXISTENCIAL DE LUCIEN FLEURIER	133



A RELAÇÃO DIALÓGICA COMO RECURSO DE APRENDIZAGEM: O ENCONTRO NA FORMAÇÃO ACADÊMICA.....	134
USO DE DROGAS NA ÓTICA DO EXISTENCIALISMO SARTRIANO	135
ANALISE DA ESCOLHA PROFISSIONAL (AEP)	136
CONSIDERAÇÕES DE HUSSERL SOBRE A CRISE EUROPEIA DO PERÍODO ENTRE GUERRAS ..	137
O SER E A POSSIBILIDADE DA PRÓPRIA MORTE:OS ASPECTOS EXISTENCIAIS DO FENÔMENO SUICÍDIO	138
O PLANTÃO PSICOLÓGICO COMO UMA PRÁTICA DO CUIDADO EM SAÚDE: REFLEXÕES FENOMENOLÓGICAS	139
EFEITOS DA DESCRIÇÃO FENOMENOLÓGICA EM UM GRUPO DE TERAPIA.....	140
EM BUSCA DO SENTIDO DA VIDA:.....	141
ESTUDO DE CASO EMBASEADO NA LOGOTERAPIA DE VIKTOR FRANKL.....	141
EXPERIÊNCIAS DA PERDA DE UM FILHO COM CÂNCER INFANTIL: REFLEXÕES SOBRE VIDA E MORTE.....	142
ALMA, CORPO E CONSCIÊNCIA: CONVERSAS ENTRE MERLEAU-PONTY E A PSICOLOGIA	143
O SER CRIANÇA NO CENÁRIO DA INFÂNCIA PÓS-MODERNA HIPER-REALIZADA.....	144
INDUÇÃO E INTUIÇÃO DE ESSÊNCIAS: SOBRE A RELAÇÃO ENTRE FENOMENOLOGIA E EDUCAÇÃO	145
FENOMENOLOGIA E MUSICOTERAPIA: CONTRIBUIÇÕES PARA A DESCONSTRUÇÃO DE UM PSICODIAGNÓSTICO EM TDAH.....	146
A VIVÊNCIA DO LUTO NA ADOLESCÊNCIA.....	147
UM ESTUDO FENOMENOLÓGICO SOBRE OS DIVERSOS OLHARES DA INCLUSÃO ESCOLAR NO MUNICÍPIO DE FRANCA.....	148
UM ESTUDO DE CASO: A FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL NO ATENDIMENTO LUDOTERÁPICO	149
SENTIDOS INDESCRITÍVEIS: ANÁLISE DE CASOS À LUZ DA FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL EM ACONSELHAMENTO	150
REFLEXÕES FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAIS DO SUICÍDIO DE IDOSOS NO RN	151
PSICOTERAPIA EXISTENCIAL COM CRIANÇAS:UMA POSSIBILIDADE DE ATUAÇÃO.....	152
ENTRE A RESISTÊNCIA DO CLIENTE E A ANGÚSTIA DO PSICOTERAPEUTA: CAMINHOS E DESCAMINHOS	153



EDUCAR COM CUIDADO: REFLEXÕES FENOMENOLÓGICAS SOBRE AS DITAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM	154
PSICOTERAPIA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL: ALGUMAS REFLEXÕES INICIAIS A PARTIR DE FRAGMENTOS DE UM DISCURSO CLÍNICO.....	155
DIÁLOGOS E DESAFIOS ENTRE HOMEM E ROBÔS-HUMANOIDES: UMA PERSPECTIVA SOCIAL DA ABORDAGEM EXISTENCIAL.....	156
DEIXOU O CORPO EM CASA E FOI PARA A TERAPIA: O CORPO SEGUNDO PSICÓLOGOS	157
PLANTÃO PSICOLÓGICO E AÇÃO POLÍTICA	158
GRUPO DE ATENÇÃO PSICOLÓGICA NA ATENÇÃO SECUNDÁRIA À SAÚDE	159
SUPERVISÃO DE SUPERVISÃO COMO METODOLOGIA INVESTIGATIVA, CLÍNICA, INVESTIGATIVA, EDUCACIONAL E ÉTICO-POLÍTICA.....	160
PLANTÃO PSICOLÓGICO NA COMUNIDADE: ATENÇÃO PSICOLÓGICA NA PLURALIDADE DO CONTEXTO SOCIAL	161
EMOÇÕES EM CONTEXTO DA PSICOTERAPIA FENOMENOLOGICA EXISTENCIAL	162
PSYCHOTHERAPY PROCESS Q-SET (PQS): UMA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL	163
FENOMENOLOGIA DA VIDA EM MICHAEL HENRY NA PSICOTERAPIA E NO ATELÊ DE PINTURA	164
UMA ANÁLISE EXISTENCIAL SOBRE AS REDES SOCIAIS E AS RELAÇÕES HUMANAS NA CONTEMPORANEIDADE	165
O MEDO SEM RAZÃO	166
PSICOLOGIA, CIÊNCIA E PENSAMENTO DO SER: UMA REFLEXÃO SOBRE O SER DA PSICOLOGIA A PARTIR DO HEIDEGGER II	167
PLANTÃO PSICOLÓGICO COMO MODALIDADE DE PRÁTICA CLÍNICA A INSTITUIÇÕES JURÍDICA E HOSPITALAR	168
POSTER	169
O CORPO EM MERLEAU-PONTY: O CASO CLÍNICO DE MARIA	170
A PRÁTICA CLÍNICA FENOMENOLÓGICA-EXISTENCIAL NA CENTRAL DE APOIO ÀS MEDIDAS E PENAS ALTERNATIVAS (CEAPA).....	171
KUNG FU PANDA II: UM ESTUDO DE CASO ATRAVÉS DA FILOSOFIA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL	172



ANÁLISE DA FÁBULA O CAVALEIRO PRESO NA ARMADURA À LUZ DA PSICOTERAPIA FENOMENOLÓGICA-EXISTENCIAL	173
A PSICO(PATO)LOGIA SOB O OLHAR DA FENOMENOLOGIA – EXISTENCIAL.....	174
UM OLHAR FENOMENOLÓGICO SOBRE O SENTIDO DA FINITUDE PARA PROFISSIONAIS DE SAÚDE.....	175
A EXPERIÊNCIA DE PACIENTES EM UMA UNIDADE HOSPITALAR PARA QUEIMADOS: NARRATIVAS COMPREENSIVAS.....	176
EU SEM TU: UMA ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA DO LUTO	177
TEMAS FUNDAMENTAIS DA FENOMENOLOGIA APLICADOS AO CONTEXTO DO PLANTÃO .	178
DO CONTATO À ADEÇÃO AO TRATAMENTO DA EPILEPSIA: UM ESTUDO FENOMENOLÓGICO	179
CONSTRUÇÃO DE UM INSTRUMENTO DE AUTOAVALIAÇÃO SOBRE A RELAÇÃO PROFISSIONAL DE SAÚDE-PACIENTE.....	180
PSICOPATOLOGIA E FENOMENOLOGIA: UM MODO DE COMPREENSÃO.....	181
PODEMOS (NÃO) FALAR SOBRE SUICÍDIO?.....	182
RELATO DE EXPERIÊNCIA DE PLANTÃO PSICOLÓGICO COM ESTUDANTES DE MEDICINA DA UFRN.....	183
A POSTURA FENOMENOLÓGICA NA CONTEMPLAÇÃO DO OUTRO: UMA PERSPECTIVA DA GESTALT-TERAPIA.....	184
A PSICOLOGIA CLÍNICA SOB O OLHAR FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL	185
A LUTA PARA PODER SER AS SUAS POSSIBILIDADES EXISTENCIAIS	186



PALESTRANTES CONVIDADOS



PSICOLOGIA E PSICOPATOLOGIA FENOMENOLÓGICA: PRIMEIRAS LEITURAS NO BRASIL.

Adriano Furtado Holanda (Laboratório de Fenomenologia e Subjetividade, UFPR).

A proposta deste trabalho é apresentar o projeto de pesquisa sobre as raízes do pensamento fenomenológico no Brasil, e busca traçar o panorama da chegada, desenvolvimento e ramificações da Fenomenologia em solo brasileiro, a partir do destaque aos temas, obras e nomes dos primeiros leitores e difusores do pensamento fenomenológico no país. A Fenomenologia somente ganha destaque no Brasil, a partir da década de 1940, com o que se chama de “ideário existencialista”, em duas vertentes: uma, de reflexão filosófica, e outra; de reflexão psicológica, com significativas repercussões na psiquiatria. Nesta segunda vertente surgem seus primeiros leitores: Nilton Campos e Elso Arruda. Nilton Campos formou-se em Medicina na Faculdade Nacional de Medicina da antiga Universidade do Brasil, voltando-se para a neurologia e a psiquiatria. Após sua especialização integra a equipe da Colônia de Psicopatas do Engenho de Dentro, onde atua entre 1925 e 1937. A partir de 1944 passa a exercer a cátedra de Psicologia Geral, na Faculdade Nacional de Filosofia, graças a concurso cuja tese foi *O Método Fenomenológico na Psicologia*, onde antecipa a potencialidade desse método para a pesquisa psicológica. Prof. Elso Arruda, em 1933, ingressa na Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil, se doutorando em 1941. No ano de 1953, fez Concurso para a Cátedra de Clínica Psiquiátrica da Faculdade Nacional de Medicina da Bahia com a Tese *Ensaio de Psicologia e Psicopatologia Husserlianas* obtendo assim, o Título de Livre Docente de Psiquiatria. Lecionou Psicologia na Escola de Enfermagem Alfredo Pinto e na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, bem como foi Professor Titular de Psicologia da Personalidade do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. De sua extensa bibliografia, vale destacar não apenas seus estudos clínicos e psicológicos, mas – além de uma leitura fenomenológica – a presença de temas “atuais” para o debate contemporâneo em Saúde Mental. Em 1975, publica “*Modelo Médico e Valores Humanos em Psicoterapia*”, onde destaca um conjunto de autores fenomenológicos. Publica ainda “*A Angústia e o Nada. Estudo ontológico-fenomenológico*”, em 1978; e “*Patografia de Friedrich Wilhelm Nietzsche (Estudo Ontológico-Fenomenológico)*”, de 1985.

Palavras-chave: Fenomenologia. Existencialismo. História da Psicologia.



EXISTÊNCIA, CLÍNICA E CONFISSÃO: SOBRE A SUPERAÇÃO DA MORAL NA PSICOLOGIA DE ORIENTAÇÃO FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL.

Alexandre Marques Cabral UERJ/IFEN

O presente trabalho tem como intuito primordial assinalar a incompatibilidade essencial entre o caráter existencial da condição humana e o caráter confessional das práticas clínicas legitimadas por dispositivos teóricos de matriz metafísica. Trata-se, portanto, de ensaiar, dentro dos limites temporais de uma exposição oral, uma desconstrução do elemento *moral* que condiciona tradicionalmente a prática clínica. Para a consecução de tal objetivo, lançaremos mão, em um primeiro momento, da análise foucaultiana acerca da relação de entre verdade e confissão na compreensão hegemônica ocidental da sexualidade (*scientia sexualis*), elaborada sobretudo em *História da sexualidade I* (Vontade de saber) e em *Ditos e escritos V*. Com estas considerações, esclareceremos o que entendemos por caráter moral da clínica e assinalaremos como tal elemento se manifesta correntemente na prática clínica. A partir disto, conquistaremos o solo adequado para empreender uma crítica desconstrutiva da relação entre moralidade, clínica e confissão. O princípio norteador deste empreendimento será o conceito heideggeriano de *existência* como presente em *Ser e tempo*. Como o conceito de existência retira do ser-aí a presença de qualquer elemento ontológico hipostasiado, como os *supósitos* metafísicos em geral, tudo o que o ser-aí é e pode ser decide-se performativamente no desdobramento temporal da existência do ser-aí. Isto inviabiliza qualquer ideia de retificação existencial do ser-aí sustentada por verdades ônticas que almejam dar conta aprioristicamente da condição humana. Porquanto toda confessionalidade clínica baseia-se, como assinala Foucault, em verdades de pretensão científica (leia-se: absoluta) e como tais verdades condicionam moralmente a existência humana, com o conceito fenomenológico de existência, há a suspensão do poder normatizador (moralizador) da clínica psicológica. Isto, entretanto, abre espaço para se pensar em práticas clínicas não morais (supra-morais) e não normatizadoras, como buscaremos assinalar no final da exposição, com a menção à obra *A existência para além do sujeito*, de Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo.

Palavras-chave: Confissão, existência, moralidade; clínica.



REFORMA PSIQUIÁTRICA BRASILEIRA: APROXIMAÇÕES COM A PSICOLOGIA EXISTENCIAL E A PSICOLOGIA HUMANISTA

Alexandre Trzan Ávila (Mestrando PPGPS/UERJ)

As transformações da assistência psiquiátrica no Brasil encontram-se imersas em contextos sócio-históricos precisos, e, portanto, datadas e matizadas por jogos de interesse, relações entre saberes, poderes, práticas e subjetividades. Entre as reflexões das questões que envolvem a reforma psiquiátrica no Brasil temos: o saber médico, as práticas de exclusão social, os interesses das classes dominantes, e também temos as contribuições da Psicologia Humanista e da Psicologia Existencial. A Psicologia Humanista defende um modelo de homem, que enfatiza o desenvolvimento das melhores capacidades e potencialidades do ser humano, valorizando o pleno e o saudável em detrimento assim de modelos deterministas oriundo de generalizações baseadas em indivíduos psicologicamente perturbados. As teorias associadas ao humanismo, como fenomenologia e existencialismo, aparecem sob a denominação de psicologias compreensivas por estarem interessadas no estudo da expressividade e da comunicação. A Psicologia Existencial possui aproximações com a Humanista porém diferem-se ao analisar a relação entre essência e existência, pois para a Psicologia Existencial o homem nada mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo, ele se projeta no futuro e tem consciência de estar se projetando. Dentre as diversas ações e tentativas de transformação do espaço do hospital psiquiátrico serão abordadas e questionadas aquelas com possível influência e/ou proximidades com as perspectivas existenciais e humanistas. Entre elas: adoção de medidas participativas e coletivas no hospital psiquiátrico, trabalho com grupos, doentes e funcionários desempenhando tarefas para a instituição, espaço de resistência durante a Segunda Guerra, crítica a segregação e o isolamento do paciente, importância das relações familiares e sociais para o paciente psiquiátrico, foco em prevenção, ou seja, saúde mental no lugar de terapêuticas de doença mental, declínio de teorias organicistas no lugar da sociologia e da psicologia, percepção do indivíduo como um sujeito biopsicossocial (um todo indivisível), crítica aos dispositivos de controle e disciplinamento social embutidos nas práticas psiquiátricas, influência da contracultura (movimento hippie, pacifismo, psicodelismo), questionamento sobre o que é a doença mental, loucura passando a ser vista como atividade libertária e forte crítica a produção da doença mental enquanto objeto médico e toda a prática relacionada (diagnóstico, medicalização e classificação)

Palavras-chave: Reforma Psiquiátrica Brasileira, Psicologia Existencial, Psicologia Humanista..



ESPECIFICIDADES DAS CRISES EXISTENCIAIS CONTEMPORÂNEAS E A CLÍNICA PSICOLÓGICA EXISTENCIAL

Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo (UERJ/IFEN)

Na tentativa de encontrarmos outra possibilidade de pensarmos a clínica psicológica por meio a elementos que escapem as determinações das ciências naturais, buscamos nos escritos de Heidegger esclarecimentos acerca de como podemos trilhar essa procura. Primeiramente, em *Ser e tempo* encontramos subsídios para pensar a existência prescindindo da noção de psiquismo substancializado e assim passaremos a considerar a existência como se constituindo em fluxo constante em meio ao horizonte histórico em que ela se encontra. Nos escritos de Heidegger a partir de 1929, encontramos as bases para compreender as determinações presentes em nosso horizonte histórico. Em uma tentativa de corresponder às solicitações do mundo, abafamos as tonalidades afetivas fundamentais, que nesse mesmo horizonte emergem, surgindo daí às crises existenciais próprias ao nosso tempo. Em síntese, pretendemos aproximar-nos da fenomenologia hermenêutica para, então, alcançar elementos que nos permitam pensar as bases de uma clínica psicológica que parte da ideia de *Dasein* tal como desenvolvida por Heidegger. Por fim, com esse trabalho, pretendemos abrir espaço para uma nova possibilidade de realização da clínica psicológica.

Palavras-chave: Clínica psicológica; Heidegger; *Dasein*; tonalidades afetivas; crises existenciais.



FENOMENOLOGIA DOS SENTIMENTOS SOCIAIS E A TEMPORALIDADE

André Barata (UBI e AFFEN)

Há um conjunto de sentimentos sociais que tem uma longa tradição de submissão à ordem das considerações religiosas sem que, porém, tal dependência seja forçosa, podendo, na verdade, ser tema de uma descrição fenomenológica religiosamente neutra. Tais sentimentos acabaram por constituir parte significativa do vocabulário de uma psicologia moral cristã, passando assim como se fossem essência fenomenológica desta moralidade e como se, fora desta, nem sequer fizesse sentido nomeá-los. O meu ponto, porém, é que uma tal denegação tem um preço demasiado elevado. Por um lado, a fenomenologia das vivências do remorso, do arrependimento, do perdão é abertura a uma verdade que pode ser trazida à presença sem, com isso, implicar o compromisso com uma moralidade religiosa. Portanto, recusá-la seria como alguém fechar os olhos quando posto diante de vivências cuja realidade é, pelo menos em esboço, fenomenologicamente tratável. Na verdade, é como se, à partida, nos decidíssemos a nos subtrairmos parte das nossas possibilidades mais próprias de vivência pelo fato, até certo ponto verdadeiro, de que a cultura religiosa cristã é uma cultura de culpa. Por outro lado, há uma verdade da moralidade religiosa que estará na “sua” fenomenologia ainda que essa fenomenologia não seja sua senão circunstancialmente. Foi isso que Kierkegaard terá percebido ao apostar numa certa psicologia do pecado como matriz para uma teologia do pecado. Ora, a minha pretensão será, muito à semelhança do que Sartre fez com a vergonha, a culpabilidade e o pecado, não deixar ao discurso religioso-moral o exclusivo do tratamento fenomenológico de afectos como o arrependimento e o remorso, o perdão e o auto-perdão. Naturalmente, este resgate não se faz a não ser praticando-se fenomenologia, ou seja, indo às coisas elas mesmas. O que proponho então é abordar, numa sequência de secções, primeiramente os fenómenos do *arrependimento* e do *remorso*, vinculando-os à intersubjectividade; em segundo lugar, os fenómenos do *perdão* e do *auto-perdão*, estendendo aquela primeira vinculação à temporalidade; em terceiro lugar, a contraposição entre o *remorso* e a *impenitência* na relação que um e a outra mantêm com a temporalidade.

Palavras-chave: Sentimentos sociais, remorso, arrependimento, perdão, temporalidade



HOMEM-SEM-KÓSMOS E CORPOS PÓS-AFETOS: DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS AO PENSAMENTO DE CARL ROGERS

André Feitosa de Sousa (FANOR/DeVry Brasil)
Yuri de Nóbrega Sales (FChristus e FANOR/DeVry Brasil)

Consciência, Self (Si-Mesmo), Congruência, Crescimento, Sabedoria Organísmica, Inteireza, Serendipidade, Atualização, Formatividade, Vida Boa, Realização etc, exemplificam algumas das rubricas conceituais que a Psicologia Humanista de Carl Rogers (1902-1987) ofereceu no lastro das promessas de desenvolvimento e ulterior resgate da dignidade criativa do humano, no espectro entre a transição inicial para o século XX e o momento que se apresentam nas décadas do pós-Guerra. Embora Contemporânea sob facetas pontuais, as descrições gerais de Rogers coincidem à história de um pensamento Moderno e Antropocêntrico, que ratifica a premissa de um subjetivismo que se afirma enquanto singularidade, ao ser capaz de manobrar seus interesses sobre o cotidiano experiencialmente indiferenciado. Mais particularmente, implícita à sua proposta ampla de Relações Humanas Centradas na Pessoa subjaz uma visão de sociedade e de cultura, de lugar para o homem no universo e na vida, notoriamente confiante no êxito que perscruta, desde a fundação do Novo Mundo das Antigas Colônias, sua Política Liberal e a Filosofia Americana do Pragmatismo, com suas experimentações estéticas e reflexos institucionais, do Jazz à Contra-Cultura do Rock. Essa plataforma de aparentemente infinitos e inesgotáveis desdobramentos refratou as tensões, os ruídos e as colisões que se avolumam e intensificam suas críticas, desde os anos de 1980/90, e que, gradualmente, se encorpam em torno de novas metáforas, uma delas, novos psiquismos emergentes, tomados como Pós-Modernos. Em uma formulação teórica onde se distingue como égide norteadora que “a experiência é a suprema autoridade”, observa-se que a prevalência na Abertura ao Contato, a insistência ao laço como aproximação necessária pela via do Afeto, refugou uma série de novas configurações que não sugerem a estratégia do Vínculo como elemento de suas transações. Nesse trabalho, os autores discutem trajetórias ambíguas que se desprendem de uma visada Pós-Éros/Pós-Vínculos, a partir das metáforas das Instalações e das Curadorias Experienciais, das categorias de Vertigo e Flutuação, e suas questões para esse Homem.Sem.Kósmos (h. §.x) e seu Humanismo Pós-Afeto.

Palavras-chave: Humanismo; Carl Rogers; Pós-Afeto.



A FENOMENOLOGIA DA AFETIVIDADE EM MICHEL HENRY: FUNDAMENTOS PARA A PSICOLOGIA CLÍNICA

Andrés Eduardo Aguirre Antúñez (USP)

Jacqueline Santoantonio (UNIFESP)

A fenomenologia da Vida foi criada pelo filósofo francês Michel Henry (1922-2002) e mostra uma amplitude crítica que afetou as ciências da saúde, especificamente a medicina e a psicoterapia. Em 2001 a Universidade do Porto organizou um conjunto de debates em torno das práticas clínicas, seus pressupostos e problemas. Os textos publicados nesse evento contam com tema *o estranho terrível outro*. É neste grupo que apresentaram trabalhos Christophe Déjours, Antonio Damásio, André Green e Michel Henry, entre outros. Florinda Martins colaborou neste evento apresentando Michel Henry e a sua obra, uma vez que já trabalhava com Henry havia mais de duas décadas. Nos encontros com Florinda Martins tomamos conhecimento de que foi no âmbito da filosofia da medicina que os trabalhos dela sobre Henry começaram a ser reconhecidos em Portugal. O primeiro encontro de Henry com a medicina deu-se numa Universidade de Verão, Arrábida, na qual também ela participou. A partir daí notaram-se algumas inflexões no pensamento de Henry, nas relações entre filosofia e medicina. Se *a Genealogia da psicanálise*, obra que reúne um conjunto de seminários realizados no Japão faz críticas contundentes à metapsicologia freudiana, acusando-a dos mesmos embaraços em que mergulham as correntes epistemológicas do seu tempo, embora deles querendo libertar-se, já na Encarnação, a Fenomenologia da Vida abre o diálogo com a clínica e a investigação médica, o que se torna explícito no final do artigo *Souffrance et vie*. Isto permite-nos não só rever as teorias sobre psicoterapias anteriores, nomeadamente as do romance *O filho do rei* como abre todo um filão de investigações na linha do afeto. Michel Henry contribui para a psicologia colocando a afetividade como central na Vida dos seres humanos, que são afetos na Vida, afetados por ela desde o nascimento. O papel do terapeuta é auxiliar o outro a transformar seu sofrer em fruir, sentimentos vividos num corpo subjetivo e na dialética dos afetos, como desenvolve Florinda Martins na coordenação científica do projeto internacional de investigação em rede: o que pode um corpo? - *O olhar clínico é um olhar transcendental e se experiencia no coração da realidade humana*.

Palavras-chave: Fenomenologia da vida, afetividade, psicologia clínica



A RELAÇÃO AFETIVA-CRIATIVA NA PERSPECTIVA EXISTENCIAL E A TEORIA EXISTENCIAL DA PERSONALIDADE NA OBRA DE LUIGI MARCHI

Dra. Antonella Stefania Filastro

Na visão existencial de Luigi De Marchi, a personalidade se forma, por um lado, através de uma interação contínua entre fatores genéticos e ambientais e, por outro, pelas dinâmicas intrapsíquicas inerentes ao “choque” existencial e as dimensões consciente e inconsciente, pessoais e participativas, com as quais a angústia da morte foi e é experimentada pelo indivíduo. A hipótese tanto de Otto Rank como de Luigi De Marchi é a de que o ser humano é uma criatura intrinsecamente angustiada, dada sua relação específica da percepção mais ou menos traumática da dimensão morte. Pretende-se, na presente comunicação, apresentar a noção de angústia, a partir da comparação da visão dos dois autores citados, evidenciando, sobretudo, a distinção quanto à origem da angústia, que para Rank é devida ao trauma de nascimento enquanto que para De Marchi, é consequente do “choque existencial”, conceito que será fundamental para a obra de tal autor. Em seguida, o trabalho abordará como, segundo De Marchi, se dá a influência, sobre a formação da personalidade do indivíduo, das duas modalidades de reação ao choque existencial, a saber, a patológico-destrutiva e a afetivo-criativa, discutindo suas características e relações. A comunicação pretende ainda mostrar como o processo de maturação interior, de transcendência do eu, pode ser desenvolvimento através da afetividade (amor) e da criatividade (ato de criar), apresentando, por fim, três possibilidades existenciais fundamentais derivantes daí.



MUNDO COMPARTILHADO E PSICOTERAPIA DE GRUPO: APROXIMAÇÕES HEIDEGGERIANAS À CLÍNICA

Ana Tereza Camasmie (UFF - IFEN)

A aproximação entre filosofia e clínica é algo que requer cuidado para que a clínica não se torne exemplo da teoria, portanto esse ponto de contato entre elas não pode ser tomado enquanto explicação causal. Mantendo-nos nessa atenção, entendemos que a filosofia da existência guarda uma relação especial com a clínica por oferecer reflexões fundamentais sobre o modo de ser do homem. Desse modo, a filosofia inspira caminhos para os modos de cuidar, que é próprio da clínica. No que diz respeito à clínica em grupo, aproximamo-nos do pensamento do filósofo Martin Heidegger, especificamente quanto ao seu entendimento sobre mundo compartilhado. Essa escolha se deu em função do fato da psicoterapia de grupo ser marcada principalmente pela experiência da convivência. É pela presença dessa característica constitutiva que os modos de ser-com-outro tendem a se tornar visíveis mais rapidamente do que em outras modalidades psicoterápicas. Se por um lado isso possa parecer positivo pela oportunidade que oferece de trabalho terapêutico, por outro, justamente por essa condição de exposição dos modos de ser-com, que se dá com menos controle, é que pode afastar a escolha imediata por esse tipo de psicoterapia. Se essa condição de convivência é justamente o ponto de tensão dessa modalidade terapêutica, refletir sobre ela torna-se essencial para quem se interessa por grupos. Pensando nessa direção é que esse trabalho tem como proposta apresentar faces do cotidiano psicoterápico em grupo, enfatizando os fenômenos próprios à experiência de convivência que só é possível aos entes cujo modo de ser é ser-no-mundo compartilhado.

Palavras-chave: Mundo compartilhado; Clínica; Grupo; Martin Heidegger.



SAUDADE E MELANCOLIA: NARRATIVAS DE "ESTRANHAMENTOS EMOCIONAIS"

Ariane P. Ewald (UERJ)

Como podemos pensar a relação entre noções do domínio da subjetividade que se apresentam como “irrefutavelmente constituídas cientificamente” e as suas versões em um outro campo, de constituição diversa, que chamamos de “literário”? Tendo este questionamento como princípio norteador dos meus trabalhos nos últimos anos, este texto tem como pano de fundo a noção de “estranhamento emocional”. Ele visa investigar narrativas da melancolia e da saudade na correspondência entre Mario de Sá Carneiro e Fernando Pessoa, pois o estudo da saudade e da melancolia através de narrativas, coloca em cena o campo literário como cenário das lutas íntimas que são travadas em torno dos sentimentos, fundamentais na Psicologia e que ganham forma e estatuto diverso no campo da ciência, em particular no da Psiquiatria. A correspondência entre Mario de Sá Carneiro e Fernando Pessoa ganha sentido para desvelar esta dupla relação, pois evidencia o paradoxo do sentimento numa época em que expor-se, mesmo intimamente, não era parte das pretensões autorais como o são na atualidade.

Palavras-chave: saudade; literatura; estranhamento emocional; sofrimento psíquico



A CRÍTICA AO PSICOLOGISMO E A CRISE DA HUMANIDADE EUROPÉIA NA FENOMENOLOGIA DE HUSSERL

Carlos Diógenes C. Tourinho (PFI/UFF)

O projeto de naturalização do espírito ganha contornos mais nítidos com o advento da psicologia experimental do séc. XIX. Husserl afirma-nos que tal projeto incorre, na sua origem, em problemas de fundamentos, ao confundir as leis do pensamento com as leis causais da natureza, conexões ideais com conexões naturais, o ato de julgar com o conteúdo lógico de um juízo e, por fim, o sujeito do conhecimento com o sujeito psicológico. Com a consolidação e hegemonia da doutrina naturalista, onde sequer o espírito (enquanto esfera do pensamento) escaparia de ser concebido como um “fato natural”, o lugar reservado à filosofia estaria ameaçado. Por mais importante que fosse, no pensamento, o valor de uma dada proposição – enquanto uma “generalização empírica” – ela seria uma proposição de cunho probabilístico e, portanto, não afastaria jamais o seu caráter circunstancial. Tal projeto de uma “física do pensar” esvairia a filosofia em um naturalismo, destinando-a, na primeira metade do século XX, ao seu desaparecimento. Abrir-se-iam, com isso, as portas para um ceticismo radical, pois, se trataria de um modo de consideração acerca do mundo onde nada poderia, em última instância, aparecer ou evidenciar-se plenamente aos homens. Em tal modo de consideração naturalista, restaria à humanidade contentar-se com “generalizações empíricas”. Tal fato repercutiria na própria mentalidade da humanidade européia que, absorvida por este naturalismo, viveria uma crise sem precedentes na primeira metade do séc. XX. Para Husserl, o projeto de naturalização do espírito representaria um perigo crescente para a cultura. O desafio de Husserl seria, inicialmente, o de denunciar os equívocos do psicologismo com o intuito de conter o fortalecimento do referido projeto, pois tal projeto conduziria, uma vez consolidado, a um ceticismo radical, o que implicaria, por sua vez, no fim da filosofia entendida como “ciência primeira”.

Palavras-chave: Psicologismo; Naturalismo; Crise da humanidade; Edmund Husserl; Fenomenologia



MODALIDADES DE PRÁTICA PSICOLÓGICA: A AÇÃO CLÍNICA E OS PRESSUPOSTOS FENOMENOLÓGICOS EXISTENCIAIS

Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto (Universidade Católica de Pernambuco – LACLIFE)

A prática psicológica mostra uma diversidade de atuações, compreensões e concepções teóricas. Nos últimos anos, os estudos referentes às práticas psicológicas têm despertado interesse e investigação de forma mais sistemática, principalmente no que concerne às diversas modalidades da prática e a concepção de clínica que as norteiam. Prática psicológica, no presente contexto, está vinculada à produção do conhecimento, sustentada no tensionamento teórico-prático. Privilegia o sentido originário de prática enquanto práxis do grego *prassein* (passar através), significando ação voluntária com decisões éticas, afastando-se da perspectiva da Psicologia cindida entre ciência básica e ciência aplicada. Compromete-se, assim, em manter contato estreito com a experiência do cliente, renunciando às posturas de controle e de previsão do processo clínico. Clínica é compreendida como solicitude, ao modo de Heidegger, como compartilhar com o Outro de modo envolvente e significativo. Encontrar os outros não significa que aquele outro que encontro seja, de imediato, presença simples e objetivada e depois seja apreendido. Como também não significa um polo distintivo do si mesmo, referindo-se a ele através da solicitude. Partindo de tal contexto, o objetivo do presente estudo é apontar possibilidades dos pressupostos fenomenológicos existenciais, ao modo de Heidegger, poderem “fecundar” outra possibilidade de compreensão da ação clínica e seus desdobramentos em modalidades de prática psicológica. Busca, assim, refletir a ação clínica aberta/atravesada à constituição ontológica da existência humana, assumindo, na prática, a atitude fenomenológica de aderência e abertura ao fenômeno na sua singularidade e a atitude hermenêutica, enquanto possibilidade de criação de outros modos de compreensão do sofrimento, projetadas pela compreensão. Desse modo, as modalidades de prática psicológica e a ação clínica do psicólogo são configuradas pelos modos cotidianos de coexistência e remetidas às dimensões estruturais originárias do modo de existir do ser humano. Daí a importância dos pressupostos ontológicos existenciais, ao modo de Heidegger, para clínica psicológica: eles evidenciam a perda do ser e a possibilidade de resgatá-lo; constituem um esforço compreensivo para retirar do encobrimento aquilo que já está aí, cotidianizado e encoberto pela familiaridade; enfim, convocam-nos para um esforço de pensar que, ao desvelar a existência, a deixa em liberdade para apropriar-se.

Palavras-chave: prática psicológica; ação clínica; fenomenologia existencial; pressupostos ontológicos



ENTRE A DISPONIBILIDADE E A VULNERABILIDADE: REFLEXÕES SARTRIANAS SOBRE O AMOR E A INTIMIDADE

Carolina Mendes Campos (PUC-Rio e IFEN-RJ)

Pretendo neste trabalho refletir por uma perspectiva sartriana sobre um dos temas mais frequentes em nossos consultórios, a saber, o amor. Nosso mundo atual desfruta de todas as conquistas e mudanças ocorridas ao longo do século XX, considerado por Giddens como o século da “transformação da intimidade”. Tais transformações não sanaram, contudo, as complexas demandas envolvidas no jogo de amar. Sofremos por amor: sofremos por amar demais, sofremos por não amar e sofremos por não sermos amados. Mas, para Sartre, na verdade, sofremos, justamente, porque pretendemos através do amor alcançar o inatingível, ou seja, desejamos que no amor nossa existência seja justificada. Buscamos nessa relação um fundamento para nossa vaga inconsistência, um fundamento que lhe garanta um sentido, de preferência, “*para sempre*”. Além disso, o amor também implica no exercício da intimidade, pois é preciso constantemente equilibrar a tênue linha entre a abertura e o limite, a atração e a repulsa, entre a disponibilidade para o Outro e a vulnerabilidade derivada de estar diante deste Outro que “me olha tão de perto”. Acredito que Sartre pode trazer importantes contribuições para refletirmos sobre esses temas tão significativos para todos nós, na medida em que ele nos inspira a pensar nessa complexa condição de existirmos diante deste Outro que nos seduz, que nos repele, mas que, sobretudo, nos é tão necessário.

Palavras-chave: Sartre; amor; intimidade; Outro.



A VIVÊNCIA NA PSICOTERAPIA DE GRUPO: UMA PESQUISA QUALITATIVA FENOMENOLÓGICA

Celana Cardoso Andrade (UFG/ITGT)

A psicoterapia em grupo tornou uma realidade nos consultórios dos psicólogos. Frente a essa nova demanda tem-se discutido a respeito, tanto de sua importância enquanto um processo restaurador das relações de inter-humanas, intra-pessoais e transpessoais, quanto de seus benefícios sociais, econômicos e culturais. A força desse tipo de trabalho incide no fato do grupo psicoterapêutico: a) ser a síntese de uma realidade maior, na medida em que é considerado uma micro-representação social; b) trabalhar as relações no aqui-e-agora e; c) facilitar o face a face, onde a presença de uma pessoa altera a outra. O objetivo dessa apresentação é discutir a influência do contexto grupal nas mudanças vivenciadas pelo cliente. A compreensão dos resultados foi alcançada a partir de uma investigação qualitativa fenomenológica de relatos dos membros do grupo no fechamento do grupo. O grupo era composto por dez participantes, todas mulheres e psicólogas; coordenado por duas Gestalt-terapeutas; com a frequência semanal; duração de duas horas; por um período de um ano. Na pesquisa observou-se que o grupo é um ambiente psicossocial potente que afeta profundamente os sentimentos, atitudes e os comportamentos das pessoas em tal sistema, e, convergentemente, é profundamente afetado pelos os sentimentos, atitudes e os comportamentos do indivíduo, neste sistema. Enfim, notou-se uma ressignificação de temáticas individuais na medida em que eram confirmadas em um contexto grupal.

Palavras-chave: Grupo psicoterapêutico; vivência, força grupal; pesquisa qualitativa fenomenológica.



FINITUDE E SER-COM: UMA ONTOLOGIA DAS RELAÇÕES NO CONTEMPORÂNEO

Crisóstomo Lima do Nascimento (IFEN)

A finitude do *ser-aí* manifesta-se na dinâmica velamento-desvelamento e se instaura como *aletheia*. Na *aletheia* reside a relação co-originária entre *ser-aí* e finitude. O filósofo alemão Martin Heidegger nomeia de Dasein (existência ou *ser-no-mundo*) o modo de ser deste ente que somos. Sua diferença fundamental com relação aos demais entes co-mundanos a ele é que enquanto o seu ser, está sempre em jogo no seu existir, o modo de ser dos entes não humanos é denominado como “ser simplesmente dado” porque o que eles são, o seu sentido, nunca está em jogo em seu devir temporal. Heidegger nos sinaliza em sua primeira e principal obra *Ser e tempo*, que a marca da finitude do *ser-aí* se revela no fato de o homem somente poder conhecer os entes através da compreensão do ser. Lançando mão de uma apreciação da ontologia fenomenológica apresentada por Heidegger, este trabalho se propõe a incidir um olhar sobre a compreensão mediana das relações no âmbito da *Fursorge*, atentando para uma eventual entificação deste outro ancorada numa inautêntica relação com a temporalidade. Em relação às contribuições à psicoterapia, entendemos que a fenomenologia heideggereana muito pode contribuir para uma compreensão de que o fenômeno que vem à luz no diálogo clínico deve ser discutido a partir do contexto factual concreto em que surge e nunca reduzido genericamente a uma conexão lógica de sentidos ou a uma estrutura existencial invariante.

Palavras-chave: Finitude; ser-com; temporalidade.



A OBRA *A DOENÇA MORTAL* DE ANTI-CLIMACUS E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A PSICOLOGIA

Cristine Monteiro Mattar (UFF)

O presente artigo apresenta uma das obras “psicológicas” do filósofo dinamarquês Søren Kierkegaard, que viveu na primeira metade do século XIX. Assinada pelo personagem Anti-Climacus, tal obra tem como título no original *A Doença Mortal*, que é o desespero que se propõe a descrever. O autor inicia com uma crítica à especulação dos saberes científicos afastados da realidade concreta e sem implicação com a vida. Descreve em seguida a doença que dá título à obra, o desespero, bem como suas personificações e sua relação com o fenômeno do pecado. Ao longo do livro, publicado em 1849, deparamo-nos com descrições de modos de ser e agir muito familiares a todos nós, habitantes do tempo presente. Ao psicólogo, segundo Anti-Climacus, caberia detectar o desespero, assim como o médico detecta a presença de uma doença orgânica mesmo no paciente que afirma estar muito bem. Podemos afirmar, usando uma expressão de Michel Foucault, que se encontram descritos na obra ‘modos de subjetivação’, seja na consciência ou inconsciência de se ter um eu, no aprisionamento ao temporal em detrimento do eterno, no esquecimento dos necessários em favor dos possíveis ou vice-versa. Explicitando o sentido dado à psicologia pelo autor na época, pretende-se mostrar a atualidade do estudo da obra tanto para o psicólogo clínico quanto para qualquer leitor interessado pela própria existência.

Palavras-chave: Kierkegaard; desespero; psicologia



PSICOTERAPIA EXISTENCIAL: ANÁLISE GENÉTICO-FENOMENOLÓGICA DA EXISTÊNCIA

Daniel Sousa (ISPA – SPPE)

Esta conferência tem como objectivo apresentar um novo enquadramento teórico-prático para a psicoterapia existencial, tendo por base os métodos fenomenológicos estático e genético. Parte-se da Psicologia Fenomenológica, procurando-se desenvolver uma articulação entre uma psicologia eidética, que tem como objecto de estudo a experiência intencional, e a análise genética como metodologia de compreensão da Identidade. Com a introdução da problemática da consciência temporal, o método fenomenológico torna-se estático por não considerar a história pessoal, o processo em permanente devir da existência humana. O método genético é introduzido quando se procura desvelar as dimensões passivas e activas da história pessoal do self que em grande medida estão mergulhadas em sedimentações que se encontram a um nível pré-reflectido, não temático, mas que contudo influenciam a vivência da subjectividade. Entre o método estático e o método genético há uma permanente dialéctica articulada através de “leading clues”. A nossa proposta de enquadramento da psicoterapia existencial, para além de metodologicamente estruturada na análise genética-fenomenológica, sustenta-se em três pilares fundamentais: a teoria da consciência interna do tempo; o self experiencial e a teoria das géneses passivas.

Palavras-chave: psicoterapia existencial; método fenomenológico; análise genética; géneses passivas, teoria consciência interna tempo



FUNDAMENTOS HISTÓRICOS E EPISTEMOLÓGICOS DA CLÍNICA DA ATENÇÃO PSICOSSOCIAL A PARTIR DA FENOMENOLOGIA E DO EXISTENCIALISMO

Daniela Ribeiro Schneider (UFSC)
Bianca Spornh (USP).

O movimento antipsiquiátrico, iniciado em torno dos anos 1950, foi responsável por ampla crítica ao modelo psiquiátrico de compreensão e atenção à loucura até então hegemônicos. Da análise do conceito de “doença mental” até os questionamentos dos modelos de tratamento centrados nos hospitais psiquiátricos, por serem considerados produtores de violência e exclusão, o movimento está na base das transformações na chamada assistência psiquiátrica e da criação de novos modelos de atenção em saúde mental. O presente trabalho discute a importância da fenomenologia e do existencialismo para a fundamentação da antipsiquiatria e dos novos modelos em saúde mental. Estas filosofias forneceram subsídios para a compreensão da psicopatologia como um processo que ocorre nas relações do sujeito em seu contexto sócio-histórico, com ênfase nas relações familiares; opondo-se à noção de entidade mórbida, de cunho organicista, que imperava na tese psiquiátrica. Implicou, portanto, na exigência de uma compreensão dialética do processo de enlouquecimento, do estabelecimento de novas formas de relação entre profissionais e usuários, e na necessidade de formulação de uma nova clínica, de caráter psicossocial. Retomar as raízes epistemológicas do movimento antipsiquiátrico é um importante meio para se realizar a indispensável discussão em torno das contradições teórico-práticas atuais no campo da saúde mental, bem como da fundamentação da clínica da atenção psicossocial.

Palavras-chave: Antipsiquiatria; Fenomenologia, Existencialismo, História da Loucura; Epistemologia.



A ABORDAGEM GESTÁLTICA, A CONTEMPORANEIDADE E SUAS IMPLICAÇÕES SOCIAIS

Danilo Suassuna (ITGT)

Os padrões sociodemográficos mundiais vêm se alterando seja devido à redução da taxa de crescimento populacional, seja pela modificação na distribuição populacional por faixa etária culminando com o aumento da população idosa no planeta. A estimativa para o futuro segue a continuidade dessas transformações. Sendo prevista pela Organização Mundial de Saúde (OMS, 2002) uma população de 2 bilhões de pessoas acima de 60, um aumento de 233% em relação ao ano de 2000. A população com mais de 80 anos representa 1,1% da população brasileira (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, 2010). Camarano (2002) também afirma que as proporções dessa população estão aumentando num ritmo acelerado, embora represente um contingente percentual pequeno, elevando-se de 166 mil em 1940, para 1,9 milhões em 2000. Diante dessa realidade, o vertiginoso envelhecimento populacional, cabe refletir no âmbito da academia, como a sociedade tem se mobilizado para a construção de políticas públicas que visem proporcionar a redução das desigualdades sociais experimentadas por esse segmento populacional. Desde muito, como propõe Alvim (2007) a Abordagem gestáltica, “tem um ideal social e comunitário, desenvolvido tanto por influência dos ares bauhausianos quanto por influência de Paul Goodman” (p. 19). Neste sentido o presente trabalho pretende apontar para a realidade desta abordagem em âmbito nacional, bem como as implicações sociais evidenciadas no município de Goiânia a cerca da temática do envelhecimento, tendo em vista ser esta a prática efetiva do pesquisador.

Palavras-chave: Abordagem Gestáltica; Envelhecimento; Psicoterapia



O PROJETO FENOMENOLÓGICO “BANQUETE FILOSÓFICO”; ONDE O CINEMA VAI À MESA

Danuta Dawidowicz Pokladek (Instituto PsicoEthos)

O presente trabalho tem a intenção de descrever a vivência de uma pesquisadora e analista-existencial que atua no segmento da psicologia e considera em sua prática psicoterápica, os pressupostos filosóficos, que se, diz do método de investigação fenomenológica. Tendo como iniciativa de propagar a fenomenologia no cotidiano das pessoas, criou o projeto “Banquete Filosófico; onde o cinema vai à mesa.” O ponto de partida deste projeto concebe que o ser humano imagina suas idéias, não como mera reprodução e sim como criação. Tendo o cinema como criação que reatualiza a vida pela imaginação provocando implicações importantes para o comportamento humano, tanto no âmbito cultural, como no pedagógico e psicoterapêutico. O ser humano assume personagens enquanto assiste ao filme, uma vez, que o cinema nos convida a entrar em outros mundos, possibilitando à todos nós encarnarmos os personagens e suas máscaras. A atitude de se reconhecer, durante o enredo do filme, promove reflexões existenciais importantes para o ser humano, na medida em que ele atualiza a vida pela imaginação produzindo implicações muito intensas para o comportamento humano. O projeto possibilita uma articulação de alguns princípios filosóficos da fenomenologia de Husserl e Merleau - Ponty com cotidiano das pessoas e o ato terapêutico de cuidar. Viver no mundo e o conhecimento vivido, ou seja, as experiências vividas no mundo em que habitamos são o primado do conhecimento que vai sendo produzido e, então, passível de ser refletido; Compreender que a via de acesso para conhecer o mundo, se dá por meio da percepção enquanto vivência qualitativa a qual carrega as experiências vividas “em carne e osso”; Reaprender a enxergar o mundo; Provocar no expectador um “encontro dialógico”; Despertar nas pessoas a conversão de sua existência, promovendo ações comunitárias solidárias.

Palavras-chave: fenomenologia; cotidiano; cinema; filosófico; psicologia clínico social.



SARTRE: PARA UMA FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL

Deise Quintiliano Pereira (UERJ)

Em contraposição à existência puramente natural, se considerarmos que a descrição fenomenológica da existência-empírica humana apoia-se na tríade individualidade, liberdade e historicidade, compreenderemos de que modo um ser só pode anunciar-se verdadeiramente individual (e não apenas particular) se for também histórico. Ao mesmo tempo, ele só será histórico se for realmente livre. E vice-versa: um ser realmente livre é necessariamente histórico. A solidariedade dessas três categorias fundamentais apresenta o homem, isto é, a "realidade humana" como um ser dialético, definido na feliz expressão proposta por Sartre – o "singular-universal". Esse conceito conglomerava a fenomenologia existencial que o filósofo utiliza no estudo das biografias de escritores e artistas, constituindo um componente significativo e *sui generis*, no projeto (auto) biográfico sartriano.

Palavras-chave: Fenomenologia, Sartre, Singular-universal.



PRÁTICAS DA PSICOTERAPIA EXISTENCIAL EM PORTUGAL E NO BRASIL: ALGUNS DADOS COMPARATIVOS

Edgar Correia (SPPE)

Mick Cooper (University of Strathclyde)

Lucia Berdondini (University of Strathclyde)

As Psicoterapias Existenciais assentam a sua prática em quase cem anos de reflexão e intervenção clínica. É sem dúvida um dos grandes modelos psicoterapêuticos (Cooper, 2003), cujas bases da sua prática parecem apontar para uma intervenção eficaz em diversas situações clínicas (Cooper, 2004; Sousa, 2006). Todavia, por razões que se sustentam no próprio cerne da sua prática – caracterizada pelo encontro genuíno (não tecnicista) entre terapeuta e cliente (Teixeira, 1993) – os psicoterapeutas existenciais têm sido avessos a explicitar as suas técnicas e a sistematizar o seu modelo de intervenção (Spinelli, 2007), dificultando e protelando a investigação sobre a eficácia das suas práticas (Sousa, 2004). Dados alguns indicadores gerais que apontam para os bons resultados clínicos das Psicoterapias Existenciais (Cooper, 2004; Sousa, 2006), importa operacionalizar e sistematizar as suas práticas e verificar quais destas demonstram resultados realmente benéficos para a promoção do bem-estar. O presente trabalho sustenta-se em dados parciais de um estudo preliminar que, através de um questionário electrónico, procurou indagar psicólogos e psicoterapeutas existenciais de todo o mundo, no sentido de obter uma perspectiva sobre os autores e textos da psicoterapia existencial que mais influenciaram as suas práticas e que práticas terapêuticas consideram mais importantes e características desta abordagem. Entre Portugal e Brasil participaram neste primeiro estudo 251 pessoas. Os resultados permitem uma visão geral sobre as características profissionais, associativas e formativas dos participantes, bem como uma comparação destas características entre os dois países envolvidos no presente congresso. Mas, acima de tudo, estes dados apontam caminhos para as principais influências e práticas terapêuticas utilizadas pelos psicoterapeutas existenciais Luso-Brasileiros. Estes dados serão o suporte para a segunda e terceira fase do nosso estudo, onde se pretende comparar as práticas referidas neste inquérito com aquelas que constam na literatura apontada e, posteriormente, após sistematização dessas práticas, verificar a utilização e eficácia em contexto psicoterapêutico efectivo.

Palavras-chave: Psicoterapias Existenciais; práticas psicoterapêuticas; influências sobre a prática; dados comparativos; Portugal-Brasil.



O QUE NA DOR DO OUTRO ACALMA A MINHA? A ESCOLHA DA PSICOLOGIA COMO PROFISSÃO: A POSSIBILIDADE DA ESCUTA DE SI MESMO - UMA LEITURA GESTÁLTICA

Eleonôra Torres Prestrelo (UERJ)

Esse trabalho desenvolve uma reflexão acerca da escolha da Psicologia como profissão nos dias atuais, pontuando alguns aspectos que tem se tornado figura no exercício dessa profissão por parte da autora. É curioso notar o poder dos mitos, os que em pleno século XXI ainda persistem. Sua analogia com pajés, curandeiros, figuras com poder de cura, enfim, a mítica do especialista em cuidar se faz presente em leigos e profissionais (PORCHAT e BARROS, 1985; XISTO, 2006). Alguns teóricos sociais identificam a modernidade como um período de referenciais mais facilmente norteadores do comportamento humano (BAUMAN, 1998; HALL, 2005; FENSTERSEIFER e WERLANG, 2006). Numa perspectiva pós-moderna essa clareza se perde, expondo mais freqüente e claramente as nossas fragilidades e incertezas (BAUMAN, 1998; PRESTRELO, 2008). A melhor expressão de cuidado, bem claro na perspectiva gestáltica, é a confirmação do outro enquanto ser legítimo em sua alteridade. (MILLER, 1986; RIBEIRO, 1998). Trazemos para a reflexão Luiz Claudio Figueiredo (2009) com a proposta da construção de mutualidade nas relações de cuidado, uma perspectiva que desconstrói a representação social do psicólogo como um ser “superior” isento de problemas, que sabe sempre qual a melhor escolha a fazer. Nesse sentido, o autor nos convida a reflexão sobre a construção social que estamos desenvolvendo, retomando a questão da confirmação como elemento central. Retomando a pergunta que orienta esse trabalho indagamos: em que reside o encantamento desse ofício nos dias de hoje? A possibilidade de superação? Alguns autores já nos falam disso, o exercício da psicologia clínica como espaço de elaboração de seu próprio sofrimento (MILLER, 1986; RIBEIRO, 1998), a necessidade de cuidar daquele que deveria ser seu cuidador, satisfazendo suas necessidades de atenção e afeto. No acompanhamento cotidiano de alunos e no convívio com psicoterapeutas presenciamos seus sofrimentos, feridas profundas nunca ou muito pouco tratadas, estariam eles reproduzindo essa perspectiva? O que na dor do outro acalma a minha?

Palavras-chave: psicologia como profissão; leitura gestáltica; relações de cuidado.



DASEINSANÁLISE NOS DIAS ATUAIS: REINVENTANDO A CLÍNICA PSICOLÓGICA NA ERA DA TÉCNICA

Elza Dutra (UFRN)

Tradicionalmente fundada no paradigma tecno-científico, a psicologia clínica, nos dias atuais, encontra respaldo para as suas práticas num contexto de mundo já nomeado, pelo filósofo Martin Heidegger, como era da técnica. Inicialmente proposta pelo psiquiatra Ludwig Binswanger, a Daseinsanalyse anuncia uma direção para se pensar o sofrimento humano sob a ótica da existência, implicando, assim, questionamentos acerca das práticas clínicas atuais. Partindo de tais ideias, este trabalho reflete sobre a clínica fenomenológico-existencial numa sociedade que valoriza o consumo, a medicalização, a eficiência e brevidade das psicoterapias. Tal pensamento conduz a uma padronização do sofrimento, à patologização da angústia, esta considerada como sintoma a ser tratado e eliminado. Finaliza propondo o desafio de se reinventar a clínica, sob a inspiração da Daseinsanalyse, numa direção que interroga os sentidos que os sofrimentos contemporâneos des-velam, e privilegiando a atitude fenomenológica diante do poder-ser do *Dasein*. Espera-se contribuir com o campo das práticas clínicas fenomenológico-existenciais e acrescentar reflexões sobre o fazer-saber do psicólogo clínico identificado com essa perspectiva.

Palavras-chave: Daseinsanalyse; clínica fenomenológico-existencial; práticas clínicas fenomenológico-existenciais; daseinsanálise na atualidade.



CONCEITOS FUNDAMENTAIS PARA A TERAPIA EXISTENCIAL - VIVÊNCIA, DESEJO E COMPREENSÃO

Fabio Caprio (PUCRS e Uniritter)

A terapia existencial é norteada por uma concepção da existência que é a base para a construção do diálogo entre paciente e terapeuta. No sentido original da palavra “terapia”, o que se busca nas sessões é uma forma de atenção, o cuidado, concretizado pela escuta analítica. Precisamente, esta relação pode ser considerada em termos fenomenológicos. A chave de toda terapia está na posição assumida pelo terapeuta, na qual ele fará juntamente com o paciente um esforço de análise da vivência, do reconhecimento do desejo concreto nela manifesto e do próprio exercício de compreensão realizado. Pretendemos demonstrar a importância da hermenêutica na formação do terapeuta, com base em análises motivadas pela psicanálise existencial sartriana, pela hermenêutica filosófica de Gadamer e pela filosofia da diferença de Lévinas.

Palavras-chave: terapia existencial, vivência, desejo e compreensão.



A COMPREENSÃO EM JEAN-PAUL SARTRE E SUAS POSSIBILIDADES

Fernanda Alt (UERJ/IFEN)

O presente trabalho tem como objetivo destacar a noção de compreensão como chave metodológica no interior do pensamento sartriano a partir de sua concepção de homem como projeto de ser. Pensamos que tal investigação deve ser parte integrante da ideia de se pensar uma clínica de inspiração sartriana. Situado no interior de uma tradição fenomenológico-hermenêutica que privilegia a compreensão, embora de diferentes maneiras, como nos pensamentos de M. Heidegger e W. Dilthey, Sartre propõe sua contribuição um tanto diferente, posto que dentro do quadro da filosofia marxista. No intuito de levantar as possibilidades originais decorrentes desta contribuição, faz-se necessário, de início, delinear brevemente o desenvolvimento da noção de homem como projeto em *O ser e o Nada* e assim destacar o papel dos pressupostos ontológicos para uma formulação metodológica denominada psicanálise existencial. Diante destas bases, buscaremos apresentar a ideia de uma atitude compreensiva progressiva-regressiva em *Questões de método*, pensada como um elemento de enriquecimento da psicanálise existencial e como uma possibilidade metodológica original para se compreender um ser que se constitui pela temporalidade, como projeto de ser. Neste percurso, ao destacar as características principais da atitude compreensiva no interior da proposta metodológica sartriana, pretendemos, do mesmo modo, vislumbrar as possibilidades decorrentes de tal investigação para se pensar a relação clínica enquanto espaço de compreensão da singularidade

Palavras-chave: compreensão; projeto de ser; clínica; psicanálise existencial.



PSICANÁLISE EXISTENCIAL EM J-P SARTRE: ARTICULANDO AS NOÇÕES DE MÁ-FÉ E ALIENAÇÃO COMO FORMA DE COMPREENSÃO DO SOFRIMENTO PSÍQUICO

Fernando Gastal de Castro (UFRJ)

Uma preocupação na obra de Sartre desde o *A transcendência do Ego* (1934\1992) até *O idiota da família* (1971) é o esclarecimento do ser humano como ontologicamente livre e sujeito da história. Um ser que existe projetando-se para um fim transcendente que ainda não existe, uma vez que “a essência é para a realidade humana posterior a existência”, quer dizer “define-se pela eleição de seus fins” (Sartre, 1943\1989). Isso significa que não há nada dado *a priori* na realidade humana e que esta faz seu próprio ser. Neste sentido é que ganha corpo a proposta de uma psicanálise existencial, como método que visa à elucidação *projeto de ser* do sujeito. No entanto, esse método precisa ser compreendido a partir de um suporte teórico novo que articula as dimensões ontológico-existencial, psíquica e social. Passaremos assim a direcionar esta exposição esclarecendo primeiramente : 1º. a *dimensão ontológico-existencial*, 2º. a *dimensão psíquica* e 3º. a *dimensão psíquica alterada pela práxis social*. Em seguida, refletiremos sobre a noção de *totalização em curso*, para a qual cada uma das três dimensões referidas existem como momentos de um processo único de realização histórica singular. Seguindo uma inspiração dialética, buscaremos mostrar como a psicanálise existencial implica na compreensão de que toda dimensão psíquica é resultante da livre realização temporal de uma práxis consciente e intencional, bem como, toda dimensão ontológico-existencial necessariamente totaliza-se e unifica-se em uma *exis psíquica* específica e capaz de ser *alterada* pela práxis social. Por fim, concluiremos nossa exposição mostrando como as formas de sofrimento psíquico podem ser compreendidas a partir deste referencial, visto serem o resultado da implicação entre o que o sujeito faz de si através de atos de má-fé e aquilo que os outros fazem dele, resultantes da práxis social comum capaz de alterar e alienar mais ou menos profundamente o sentido de um projeto de ser singular.

Palavras-chave: existencialismo ; J-P. Sartre, Clínica , Sofrimento Psíquico



CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA DE CAMPO DE KURT LEWIN À PRÁTICA DE GRUPOS EM GESTALT-TERAPIA

Georges Daniel Janja Bloc Boris (UNIFOR)
Patrícia Valle de Albuquerque Lima (UFF)

O objetivo deste trabalho é discutir as contribuições de Kurt Lewin à prática de grupos em gestalt-terapia. A abordagem gestáltica em psicoterapia teve seu início na década de 1950, nos Estados Unidos, mas grande parte das contribuições teóricas que compõem tal perspectiva foi desenvolvida por Frederick (Fritz) Perls, seu criador, durante o período de formação médica e psicanalítica, na Europa, no qual ele teve contato, entre outros, com a fenomenologia existencial e, também, com a psicologia da gestalt, à qual Kurt Lewin, criador da teoria de campo, se vinculava. Desde suas obras iniciais em gestalt-terapia, Perls não se preocupou em deixar explícitas as suas fontes de influência, citando muito poucos autores e conceitos nos quais se apoiava, mais apresentando um panorama geral do que pensava ser importante na criação de uma nova escola de psicoterapia. Por conta disso, não podemos afirmar quais os aspectos da teoria de campo Perls se propunha a adotar na abordagem da gestalt-terapia, trabalho a que têm se dedicado seus seguidores, buscando maior aprofundamento teórico, epistemológico e filosófico que a sustente em suas bases conceituais. Neste sentido, nossa proposta, neste trabalho, é discutir os fundamentos da teoria de campo que constituam, de fato, uma contribuição para a prática com grupos em gestalt-terapia.

Palavras-chave: Kurt Lewin; dinâmica de grupo; grupos; teoria de campo; gestalt-terapia.



ALGUMAS CONSIDERAÇÕES DA FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL PARA A AÇÃO PSICOLÓGICA NA PRÁTICA E NA PESQUISA EM INSTITUIÇÕES

Henriette Tognetti Penha Morato (IPUSP/BRASIL)

O presente trabalho empenha-se em refletir uma possibilidade de pesquisa e prática na Psicologia a partir especificamente da consideração dos existenciários de Heidegger. Tais reflexões permitem um direcionamento ao trabalho aqui apresentado, não possibilitado por nenhuma teoria psicológica sistematizada a partir do projeto da modernidade. A experiência desenvolvida na ação clínica e educativa e no ato de pesquisar permite desvelar o sentido, como produção, por entre as lacunas das tramas construídas no modo cotidiano de viver. Atividades de prática e pesquisa têm como ponto central interpretações problematizadoras do vivido. Na prática, a tematização ocorre em meio ao acontecer no cotidiano da ação clínica. Na pesquisa, a interpretação de narrativa dos envolvidos na intervenção em ação conduz a possibilidades de reconfiguração da prática mais pertinente às necessidades de ação psicológica em organizações sociais. Pela presença dos existenciários, faz-se possível uma aproximação entre pesquisa e prática/intervenção, na medida em que se apresentam como modos de “operar” da Psicologia: compreensão comunicada e possibilidade de abertura ao humano para pensar o sentido e a expressão do viver como ação política.

Palavras-chave: ação psicológica; instituições; fenomenologia existencial.



O TEMPO PRESENTE. DANIEL STERN E A FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL

Irene Borges-Duarte (Universidade de Évora)

A obra de Daniel Stern sobre *O momento presente na psicoterapia e na vida de todos os dias* constitui uma importante tentativa de compreensão da importância dos pequenos acontecimentos quotidianos na constituição da experiência vivida e da comunicação intersubjectiva. Atribui-lhe, por isso, um significado especial na psicoterapia, que procura aproveitar tecnicamente. Nessa análise, roça em muitos pontos a problemática fenomenológico-existencial do tempo, aproximando-se do que podemos chamar o tempo do mundo, na abordagem de Heidegger nos Seminários de Zollikon. O presente trabalho tenta aclarar esse nexos, em relação com uma explicitação estruturadora da práxis terapêutica.

Palavras-chave: Tempo – Agora – Mundo - Existência



MUNDO DA VIDA E VIDA FINANCEIRA: A PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA FRENTE À CULTURA DO ENDIVIDAMENTO E DO CONSUMISMO

Jean Marlos Pinheiro Borba (UFMA)

Apresenta-se uma reflexão sobre o mundo-da-vida contemporâneo a partir da percepção de evidências concretas que emergem nas relações entre o homem, o consumo e o endividamento. Os bancos, as instituições financeiras, o comércio em geral e os meios de comunicação de massa oferecem inúmeras oportunidades para serem “aproveitadas”, desde ofertas de aquisição de produtos e serviços, principalmente serviços financeiros, como a tomada de empréstimos, parcelamento de compras e dívidas com cartão de crédito até o uso de parcelamento para tratamentos estéticos. A essência da sociedade contemporânea é de uma vida financeira voltada preferencialmente por ações de consumo e contração de dívidas como processos “naturais” da condição de ser-no-mundo, nesse sentido os homens contemporâneos são seres-para-o-consumo, seres-para-o-endividamento. O número de endividados e consumistas cresce em escala exponencial, esse modo de vida se naturalizou. A psicologia fenomenológica fornece condições de “ver” diretamente como o homem contemporâneo está-no-mundo e se configura numa atitude intelectual rigorosa de análise do vivido. As evidências atuais mostram a emergência de uma cultura do endividamento e do consumismo que é “estimulada” pelas estratégias capitalistas de subjetivação, culturas que foram naturalizadas na sociedade contemporânea. A Psicologia Fenomenológica é capaz contribuir para clarificar a emergência do modo de ser e estar no mundo que o homem, em atitude ingênua escolheu se manter. A fenomenologia enquanto atitude intelectual pode permitir ao homem em situação de crise e perda de sentido da vida, por apego ao consumismo ou endividado, a possibilidade de (des) naturalizá-los. A naturalização das práticas de consumo e de endividamento, principalmente, as práticas de estímulo ao endividamento, se constituem como modos de ser-do-endividado e podem vir-a-ser re-significadas caso o homem em crise se permita ver tal condição.

Palavras-chave: psicologia fenomenológica; fenomenologia; mundo-da-vida; vida financeira; endividamento; consumismo



A CLÍNICA DO MORRER E DO LUTO

Joanneliese de Lucas Freitas (UFPR)

Na atualidade existem divergências no modo de se compreender e atuar diante do luto. No Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais 4ª edição (DSM-IV-TR), o luto (V62.82) nos é apresentado como uma condição clínica que pode demandar auxílio profissional para alívio de sintomas associados. Testemunhamos uma era de hipermedicalização e pouca tolerância às vivências inerentes ao luto que delimita-o como uma vivência patológica, produzindo consequências na qualidade da vivência e na possibilidade de ressignificação. Do ponto de vista existencial, o compreendemos como uma vivência típica em situações de transformação abrupta nas formas de se dar do ser em uma relação eu-tu. A ausência inalienável imposta pela morte e a manutenção de uma presença significativa existencialmente são precipitadores do luto. Os três aspectos essenciais dessa experiência são: uma mudança abrupta de uma relação eu-tu com a supressão de um modo da presença do tu (aspecto geral), as características da relação (aspecto particular) e os significados culturais e sentidos familiares sobre a morte e o luto (horizonte histórico). A clínica do morrer e do luto garantiria a manutenção do sentido da vivência do enlutado enquanto modo de ser que perde não um “ente” querido, mas um “mundo” e uma possibilidade de seu vir a ser. Em uma cultura onde prioriza-se a técnica e a anestesia diante do sofrimento a clínica psicológica configurar-se ia como guardiã do sentido vivenciado na vivência do luto, rompendo com as imposições de silêncio frente à morte vividas na contemporaneidade.

Palavras-chave: morte, luto, fenomenologia.



HERMENÊUTICA E ANÁLISE DA RELAÇÃO EXISTENCIAL

Josefina Daniel Piccino (Sobraphe)

Este trabalho diz respeito a uma área de conhecimento por mim desenvolvida que denominei Análise da Relação Existencial. Sua elaboração incluiu um diálogo com a Psicologia Clínica que, para construir seu edifício científico, não se propôs, primeiro, a retomar a pergunta sobre a constituição de ser do homem. Comandada pela consideração de que ser homem consiste em existência e não cogito, psiquismo, subjetividade ou comportamento, envolvi-me com a tarefa de pensar maneiras *daseinsanlíticas* fenomenológicas e hermenêuticas de compreensão, “interpretação” e intervenção na terapia da existência cotidiana. Mais especificamente, o propósito é pensar as possibilidades indicadas pela fenomenologia hermenêutica e filosofia existencial de Martin Heidegger para a terapia da **relação existencial cotidiana** que o homem é. Realizar essa tarefa, obrigou-me a tratar de várias questões paradigmáticas como: estabelecer outros pontos de partida, re-estabelecer o sentido originário de teoria e teorizar e de método, estruturar aspectos do passo a passo metodológico fenomenológico-hermenêutico, guias e entendimento para a formulação de conceituações, etc., etc. Ao mesmo tempo, foi necessário caracterizar e estruturar orientações para investigar e agir em Análise da Relação Existencial e para formar profissionais para realizar o ofício de analista. Neste trabalho, tratarei especificamente do caráter hermenêutico da Análise da Relação Existencial, tarefa que será realizada por intermédio de apresentação do significado de teoria e metodologia na área de conhecimento relativa à facticidade.

Palavras-chave: Terapia Existencial; Daseinsanálise; Fenomenologia; Hermenêutica



PSICOLOGIA CLÍNICA E INSTITUCIONAL E FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL: SOBRE A FORMAÇÃO DO ALUNO DE GRADUAÇÃO

Juliana Vendruscolo (UNAERP e UNIP)

A formação do profissional psicólogo durante a graduação engloba diversos aspectos a serem contemplados, dentre eles a questão institucional. Vale ressaltar que por muitos anos a Psicologia esteve associada, de forma praticamente exclusiva, à prática clínica. Sendo assim, os cursos de graduação também priorizavam as disciplinas e os estágios referidos nessa área de atuação. Gradativamente o trabalho do psicólogo passa a ocupar outros espaços – o das instituições. Surgem novas demandas de atendimentos que requerem outras modalidades de intervenções. A Psicologia referenciada no modelo científico-natural delimitará técnicas a serem aplicadas no contexto institucional em diferentes abordagens teóricas. A partir de minha vivência como docente em disciplinas e estágios relacionados às instituições de saúde, tenho tido a oportunidade de refletir acerca da formação do aluno para atuação nessa prática. A proposta que tenho desenvolvido nesse contexto acadêmico pode ser descrita como o atendimento psicológico fenomenológico-existencial no contexto clínico-institucional. Trata-se da mesma compreensão realizada no contexto clínico, porém balizada pelo *setting* institucional. Para o graduando, a atuação fora do ambiente protegido da clínica, torna-se o grande impedimento para o desenvolvimento do raciocínio clínico, podendo gerar no mesmo a sensação de um “atendimento menos profundo”. O desafio tem se constituído em apresentar aos alunos o atendimento psicológico fenomenológico-existencial no contexto das instituições de saúde como uma possibilidade de intervenção, sem recorrer ao modelo tradicional da Psicologia pautado em discriminações técnicas específicas para esse ambiente.

Palavras-chave : psicologia institucional, fenomenologia, formação em psicologia



ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A EXPERIÊNCIA RELIGIOSA EM RUDOLF OTTO E EM KIERKEGAARD

Luiz José Veríssimo (UVA / IFEN).

Em nosso trabalho gostaríamos de estudar alguns aspectos da experiência religiosa a partir da leitura de Rudolf Otto e de Kierkegaard. Parece-nos que, para Rudolf Otto, a experiência religiosa é a experiência do sagrado, a que designa, por vezes, de “o numinoso”. Em Rudolf Otto destaca-se a noção de “estado de criatura”. A experiência religiosa pode suscitar no homem o sentimento do nada da criatura quando ele se encontra diante da aparição do numinoso. Segundo a interpretação de Otto, podemos identificar o “estado de criatura” na enunciação de Abraão diante de Deus: “não sou nada, Tu és Tudo”. Acreditamos que esse ponto de vista espelha uma concepção do sagrado em que ele se impõe ao indivíduo como ponto central de valor: a relação entre o ser humano e o sagrado é marcada por um imenso abismo entre a pessoa e o sagrado, marcada pela nadificação do eu, pela concepção do indivíduo como finito diante de uma infinitude ao qual ele deverá se submeter a fim de lidar com o caos, a morte, o aspecto paradoxal, infável, contingente da existência. Para Kierkegaard, o eu é espírito, o que significa que é uma síntese, uma relação entre finito e infinito, temporal e eterno, liberdade e necessidade. O voltar-se para essa relação constitui o si-mesmo, que ao se relacionar com Deus recebe Dele a sua firmeza. Na aparição de Deus no horizonte de Abraão temos a oportunidade de compreender que a fé ultrapassa a moral e a especulação intelectual, e pode soar como absurda e paradoxal. Abraão realiza o salto da fé não por mandamento divino, mas por amor a Deus e, ao mesmo tempo por amor ao seu filho. A proposição da presença de Deus no horizonte da existência não esmaga o ser humano num “estado de criatura”, ao revés, abre-se a perspectiva para que cada indivíduo estabeleça uma relação com Deus fundada no amor e na fé.

Palavras-chave: Kierkegaard e Rudolf Otto; fé e fenomenologia do sagrado; experiência religiosa.



EXISTÊNCIA E TRANSITORIEDADE: PRINCÍPIOS E FUNDAMENTOS DE UMA PSICOLOGIA COM BASES DASEINSANALÍTICAS

Marco Antonio Casanova (UERJ)

O intuito do presente texto é apresentar as bases e os princípios de uma psicologia com bases daseinsanalíticas. Partindo da noção de ser-aí humano e reconstruindo a ligação entre essa noção e a compreensão husserliana da consciência como síntese em fluxo, procuraremos mostrar como as identidades se constroem sempre existencialmente e jamais podem experimentar uma calcificação completa. Com isso, surgirá todo um novo campo de reflexão que procura pensar o próprio processo de constituição de si mesmo e a necessidade de escapar das tendências funcionalizantes das psicologias positivas em geral. Como veremos, então, a daseinsanálise se estabelece justamente em contraposição a tais tendências. Por meio de uma tentativa de resgatar a junção cooriginária entre o ser-aí e o seu campo existencial, uma junção que sempre se desenrola temporalmente, uma vez que a essência do aí é temporal, ela abre um espaço para pensar os processos terapêuticos como processos justamente de reconquista da transitoriedade constitutiva do existir. Por fim, procuraremos apresentar os elementos básicos para a construção de uma descrição efetivamente fenomenológica dos transtornos existenciais em geral.

Palavras-chave: existência, transitoriedade, identidade, negatividade, ser-aí e tonalidades afetivas



FENOMENOLOGIA, ARTE E CLÍNICA NA COMUNIDADE

Mônica Botelho Alvim (UERJ)

Este trabalho propõe discutir a clínica na comunidade na perspectiva de um trabalho interdisciplinar que articula fenomenologia, gestalt-terapia e arte. Articulação que se faz em torno da implicação da experiência e do corpo no processo de produção de sentidos e significação da existência. Merleau-Ponty propõe a retomada do corpo e da sensibilidade – a experiência mundana - como fonte legítima e originária do conhecimento e foi buscar inspiração na arte para abordar a capacidade instituinte do humano, considerando-o como aquele que transgride o que está dado para transformar o mundo e a cultura – o que denomina espírito selvagem. Refere-se ao artista como aquele que não tem compromisso com o status quo da cultura instituída, da ciência reflexiva e dicotômica e que, assim, pode se aproximar da experiência em estado bruto. O filósofo se utiliza da categoria trabalho quando se refere ao corpo como uma estrutura que dota o humano do sentido da possibilidade e o projeta no âmbito da produção de novas estruturas, ação transformadora da natureza. O trabalho para ele é fala falante, aquela que diz o que ainda não foi falado e institui. O projeto “Expressão e Transformação” é uma proposta interdisciplinar que envolve psicologia e arte na pesquisa-ação em torno dos processos de subjetivação de adolescentes em comunidades. Apoiado na experimentação, metodologia da Gestalt-Terapia, o projeto vem desenhando uma prática psicológica clínica no âmbito comunitário. Reconhecendo uma aproximação entre o ato artístico e o ato psicoterápico, recorreremos à arte e à estética como interlocutores e concebemos o fazer artístico como possibilidade expressiva e transformadora, em especial no trabalho com os jovens. A arte não é tomada apenas como recurso, mas como experiência que reacende o corpo – núcleo de significação da existência. Nossa proposta clínica busca a corporeidade e a expressividade como instrumentos de desvelamento de sentidos, o que propicia oportunidade concreta de *trabalho* na acepção mais genuína da palavra. Uma terapêutica da criação e do trabalho, que oferece a possibilidade expressiva dos jovens como poder de ressignificar a existência por meio da própria experiência no mundo.

Palavras-chave: Corpo, expressão, arte, clínica, gestalt-terapia



O UNIVERSAL E O SINGULAR NA PSICOLOGIA KIERKEGAARDIANA

Myriam Moreira Protasio (UERJ/IFEN)

Esse trabalho pretende, problematizando a relação entre o universal e o singular, pensar uma psicologia kierkegaardiana. A existência (a vida) vinha sendo apreendida, no interior das ciências do espírito, em seu caráter de universalidade, para o que estas ciências precisaram reduzir a compreensão da existência a categorias que podiam ser submetidas aos critérios objetivos e racionais. Kierkegaard opõe-se à redução da existência a categorias universais abstratas e pensa o universal como o caráter eterno, ou seja, repetível da vida, que só pode ser compreendido existencialmente. Seu esforço se dirige para uma retomada da vida em seu acontecimento enquanto a particularidade da vida de cada um, a minha vida, que sempre se relaciona com a universalidade que é o viver mesmo. O caráter particular da existência aparece na obra de Kierkegaard tanto no modo como ele se dirige ao “seu leitor”, ou seja, a um leitor particular, quanto na descrição de modos de existir, sempre singulares. O que importa para o filósofo é a vida de cada um enquanto tarefa de justificar-se eternamente como o existente que ele mesmo é. O si-mesmo é, para Kierkegaard, relação que se relaciona com a relação, ou seja, sendo particular a relação não pode prescindir do universal e sendo temporal não pode prescindir do eterno, mas precisa, constantemente, relacionar-se com a relação que ele é. Desta forma Psicologia, em Kierkegaard, deve ser entendida como o esforço por apreender as diferentes manifestações particulares, ou modos de existência, em suas múltiplas possibilidades de configuração diante problema da justificação.

Palavras-chave: Kierkegaard; Psicologia; universal; singular; justificativa.



DIVERSAS POSSIBILIDADES DA CLÍNICA AMPLIADA EM UM ENFOQUE FENOMENOLÓGICO

Patricia Valle de Albuquerque Lima (UFF)

Tratar da Psicologia Clínica como um dos ramos do exercício da Psicologia é pensar em uma área de atuações diversas onde há uma enorme dispersão de modos possíveis, não só do exercício da clínica, mas também na forma como se pode concebê-la teoricamente e conceitualmente. Esta amplitude de possibilidades ocorre desde o início da fundação da Psicologia como uma ciência, mas o que entendemos enquanto atuação clínica é algo que vem sendo construída ao longo da história da criação da própria Psiquiatria e está diretamente ligada aos caminhos de tratamento buscados, ao longo dos séculos, para se compreender e tratar da loucura propriamente dita. A loucura, em muitas épocas foi vista como qualquer outra forma de marginalidade que, portanto, se constituía no terreno das questões jurídicas. Com o modelo clínico da Psiquiatria, que começou a surgir por volta do Sec XVIII na França, passou-se a pensar a loucura com uma doença, portanto como tema próprio da Medicina, mais especificamente da área da Saúde Mental. Com o surgimento da Psicanálise concebida por Freud, as doenças mentais deixam de ser tratadas apenas nos manicômios e lugares de internação e um modelo de atendimento clínico individual é criado e os sofrimentos psicológicos ganham um lugar de escuta e de interpretação. De lá pra cá inúmeras escolas em Psicologia surgiram e propuseram modelos de atuação na área da clínica psicológica, mas estes modelos passaram a ser questionados e revistos em função de demandas sociais atuais e de saúde pública que fizeram com o que os profissionais de Psicologia saíssem das quatro paredes do consultório particular e passassem a atuar nos serviços de saúde da rede pública, nos atendimentos a comunidades diversas e na esfera institucional. O objetivo desse trabalho é refletir sobre a Psicologia Fenomenológica nesse terreno, com suas possibilidades de atuação e de entendimento da atuação clínica ampliada.

Palavras-chaves: psicoterapia; clínica ampliada; modelo fenomenológico.



HERMENÊUTICA E PSICOTERAPIA: DA NARRAÇÃO AO NARRADOR

Paula Ponce de Leão - ISPA e SPPE

Começarei por analisar a inovação semântica que noção de narração introduz e que nos permite pensar o narrador não apenas através dos jogos de linguagem, mas antes como o elo que permite entretecer religando o mundo, o tempo e a identidade pessoal. História e ficção ao conjugarem-se na intriga vão contribuir para a aproximação da vida real. Mas porque não é a mesma coisa a vida vivida da vida simplesmente contada importa refletir sobre as questões daqui decorrentes. Se toda a narração conjuga a história a contar com a ficção, configurar uma narração é sempre um ato incompleto que precisa de recorrer ao interprete (ouvinte ou leitor) para ser terminado. É neste sentido que é necessário aceitar a fragilidade da função narrativa da vida. A narração de uma vida carece daquilo a que Koeselleck chama a “fusão de horizontes”. Em si mesma a identidade é sempre tensão, caminho, cuja estrutura se alicerça no futuro. Porque a narração da história de vida de cada um é espera e rememoração, a refiguração feita pelo psicoterapeuta dá sentido ao existir humano ao pensa-lo como projeto.

Palavras-chave



A ANGÚSTIA ENTRE A TONALIDADE AFETIVA FUNDAMENTAL E O TRANSTORNO PSÍQUICO: HEIDEGGER E BOSS

Roberto Saraiva Kahlmeyer-Mertens (UERJ)

A presente comunicação assume por tema o fenômeno da angústia. Tal temática é enfocada à luz da fenomenologia existencial do filósofo alemão Martin Heidegger e do psicoterapeuta suíço Medard Boss, mais especificamente no que ficou conhecido (de especial modo com o segundo) pela designação: “daseinanalyse”. Com base nas ideias desses pensadores, buscamos problematizar as diferenças de compreensão que os mesmos fazem do fenômeno em questão. Objetivamos, de maneira geral, determinar as diferenças conceituais existentes na angústia e, especificamente, apresentar os pormenores das posições sustentadas por Heidegger e Boss, respectivamente, quando se trata de abordar clinicamente tal fenômeno. Sustentamos a hipótese de que existem diferenças substanciais nas compreensões que os autores fazem do fenômeno da angústia. Afinal, no primeiro caso, Heidegger, no âmbito de sua analítica existencial, compreende a angústia ontologicamente; por outro lado, Boss, fazendo daseinanalyse, ainda conjuga elementos da psicanálise freudiana em sua abordagem do fenômeno, compreensão que ainda toma a angústia como um transtorno de humor. Valendo-nos do método descritivo, daremos a essas hipóteses apresentação adequada e validação no texto integral do trabalho. As ideias aqui consignadas se justificam pela relevância que o conceito de angústia tem no âmbito da analítica existencial heideggeriana e pela recorrência da angústia, enquanto psicopatologia, na psicoterapia de Boss. A investigação (e suas ideias diretrizes) se apoiam basicamente em três títulos: *Ser e tempo*, de Heidegger; *Seminários de Zollikon*, protocolos de curso do alemão organizados pelo suíço, e *Angústia, culpa e libertação*, de Boss.

Palavras-chave: Heidegger; angústia; tonalidade afetiva; daseinanalyse; Boss.



AS DISPOSIÇÕES AFETIVAS FUNDAMENTAIS E A SINGULARIZAÇÃO DA EXISTÊNCIA: CONTRIBUIÇÕES HEIDEGGERIANAS PARA A PSICOTERAPIA

Roberto Novaes de Sá (UFF)

Este trabalho propõe um diálogo entre a fenomenologia de Heidegger e a clínica psicoterápica enquanto caminhos para uma singularização das experiências de si-mesmo e do mundo. O objetivo desta aproximação é elaborar tematicamente a experiência clínica para além das suas representações modernas como técnica enquanto teoria aplicada. Nossa hipótese é de que o espaço da psicoterapia preserva hoje, ainda que atravessado de ambivalências e raramente elaborado de modo próprio, a experiência de articulação essencial entre conhecimento e existência, entre ser e saber, que tradicionalmente tinha lugar nas práticas espirituais e modos de viver ligados à filosofia antiga. O resgate dessa pertinência ontológica entre ser e saber operado pela fenomenologia, particularmente pela fenomenologia existencial de Heidegger que se detém sobre as disposições afetivas fundamentais para a apropriação e a singularização da existência, fornece à psicoterapia uma base consistente para a tematização da experiência clínica.

Palavras-chave: Disposição afetiva; Heidegger; Singularidade.



SARTRE E O PAPEL DA RAZÃO NA CONVERSÃO DO HOMEM AUTÊNTICO

Thana Mara de Souza (UFES)

Pretendemos mostrar como a noção de reflexão aparece ao longo das obras de Sartre relacionada (ou não) a outra noção essencial: a de conversão pela qual o homem autêntico deve passar. Recorrendo principalmente a *O ser e o nada* e *Cahiers pour une morale*, tentaremos ao menos colocar em questão como, no primeiro livro, a decisão não está ligada à razão, e como, depois, esta aparece como necessária para a conversão do homem autêntico. Se no primeiro livro Sartre mostra que a decisão não é feita por meio de raciocínios que mostrariam os prós e contras que nos levariam a agir de um modo ou outro (pelo contrário, o ato que mostra qual motivo foi considerado como motivo); no segundo livro a reflexão pura passa a ter um papel essencial para que o homem consiga sair da má-fé, revelando a contingência da situação humana. Por meio principalmente dessas obras, pretendemos pensar estas questões: estariam essas razões pensadas em âmbitos distintos? Seria possível conciliar as duas visões? Seria possível pensar, a partir disso, alguns aspectos da clínica?

Palavras-chave: Sartre, autenticidade, razão.



A CONSTITUIÇÃO DA PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA NA FENOMENOLOGIA DE EDMUND HUSSERL

Tommy Akira Goto – UFU

O filósofo e matemático Edmund Husserl (1859-1938) foi fundador da Fenomenologia cujo pensamento influenciou tanto as correntes filosóficas de seu tempo quanto as ciências em geral. Dentre as ciências, a Psicologia foi a que mais recebeu influência direta da Fenomenologia, a qual proporcionou a essa ciência a possibilidade de desenvolver-se como Psicologia Fenomenológica. Para termos uma compreensão do que constitui para Husserl a Psicologia Fenomenológica, apresentamos, de início, uma breve introdução à Fenomenologia Transcendental, destacando os pontos principais dos últimos escritos de Husserl denominado: *A Crise das Ciências Europeias* e a *Fenomenologia Transcendental* (*Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendente Phänomenologie. Eine Einleitung in die phänomenologische Philosophie*), evidenciando a denúncia que o filósofo faz de uma crise das ciências e da razão bem como sua crítica fenomenológica à epistemologia da Psicologia (crise da Psicologia). Em seguida, trazemos as análises de Husserl da relação da Fenomenologia com a Psicologia e a necessidade filosófica de uma Psicologia Fenomenológica. Para Husserl, a Psicologia Fenomenológica se constituirá como uma ciência universal do seres humanos cujo objeto de estudo é o ser anímico. Na acepção de Husserl, a autêntica e genuína concepção de Psicologia Fenomenológica é fundamental para os psicólogos, porque é com o desenvolvimento dessa disciplina que eles poderão resgatar a subjetividade como fonte originária da vida humana e a sua correlação com o mundo-da-vida (*Lebenswelt*).

Palavras-chave: Psicologia Fenomenológica, Fenomenologia Transcendental, Edmund Husserl, mundo-da-vida (*Lebenswelt*).



O TRAJECTO DE IMPLEMENTAÇÃO DA PSICOTERAPIA EXISTENCIAL NO CONTEXTO CULTURAL PORTUGUÊS

Victor Amorim Rodrigues ISPA-IU - SPPE.

O autor narra o trajecto de implementação da psicoterapia existencial em Portugal contrastando as características do pensamento existencial com as linhas de força da identidade cultural portuguesa. A comparação é ilustrada com poemas e letras de fado (expressão da cultura portuguesa e património imaterial da humanidade) .

Palavras-chave: Psicoterapia Existencial; Identidade Cultural; Portugal.



A RELAÇÃO DE IMPLICAÇÃO (E NÃO DE APLICAÇÃO) ENTRE AS FENOMENOLOGIAS FILOSÓFICA E CLÍNICA: O OLHAR DE ARTHUR TATOSSIAN

Virginia Moreira (UNIFOR)

O desenvolvimento da fenomenologia clínica, que teve seu início nos anos 1920 com os trabalhos de Binswanger, Minkowski, Strauss e Von Gebsattel, tem sofrido, frequentemente, por conta de mal entendidos que giram em torno de uma falta de delimitação entre dois campos: a fenomenologia filosófica e a fenomenologia clínica (que inclui a prática psicológica e/ou psiquiátrica, a psicoterapia e a psicopatologia). Mais grave, ainda, é o engano de se querer “aplicar” a fenomenologia filosófica à clínica. Esta comunicação tem como objetivo pensar a relação entre a fenomenologia filosófica e a fenomenologia clínica, apresentando o olhar de Arthur Tatossian, que propõe uma relação de implicação, e não de aplicação, entendendo a fenomenologia como “a escola da experiência”.

Palavras-chave: Fenomenologia, Clínica, Filosofia, Experiência.



PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA-EXISTENCIAL DA GESTALT-TERAPIA: PSICOTERAPIA DO TEMPO VIVIDO

Dra. Virginia Elizabeth Suassuna Martins Costa (ITGT-GO)

Na revisão de textos filosóficos a respeito do tempo, aliada às vivências e observações frutos da prática profissional como *gestalt*-terapeuta, o ser humano é considerado na sua historicidade, vivendo a dimensão temporal em uma totalidade, na qual presente, passado e futuro se fundem no aqui e agora e nos projetos que antecipam o que está por vir. Nesse sentido, algumas concepções que não abordam a temporalidade de forma absoluta, objetiva e mensurável, são explicitadas, tendo em vista a maneira como a mesma é vivenciada nos modo de ser no mundo com os outros. O tempo, em si, não faz sentido, pois tempo é temporal. Em nossa mundaneidade, o tempo é percebido no como vivemos e é desse modo que deve ser tratado. Para abordá-lo nesse contexto a perspectiva de Minkowski é salientada. Para ele, o agora emerge no presente e nele se finda. O presente, por outro lado, caracteriza-se pela duração, sucessão e continuidade, e, assim, não pode ter início e fim determinados. Em relação ao modo de viver o passado, Minkowski, apresenta três categorias – a recordação, o remorso e o pesar – elementos capazes de abrir novamente o caminho para o futuro, se ressignificados. Entretanto, afirma que, o modo de viver o tempo é fundamentalmente orientado para o futuro em razão do fenômeno do ‘*élan vital*’, que contém, de forma primitiva, a noção de direção do tempo. Seis fenômenos ou categorias do ‘*élan vital*’ são apontadas como características do modo de viver intencionalmente o tempo: a ‘atividade’ e a ‘espera’, o ‘desejo’ e a ‘esperança’, a ‘prece’ e a ‘ação ética’. Pretende-se por meio dessa proposta, apoiada na perspectiva da temporalidade esboçada, elaborar uma reflexão teórica sobre cada constitutivo das categorias do tempo vivido, em uma dimensão mais operacional, por meio de intervenções nos elementos constitutivos do futuro, proporcionando, ao indivíduo, possibilidades de resgate de sua função de protagonista da própria vida, na perspectiva da Gestalt-terapia. Neste percurso, encontra-se também em Martin Heidegger, contemporâneo de Minkowski, aspectos da temporalidade relacionadas ao cuidado ou solicitude.

Palavras-chaves: Gestalt terapia; Fenomenologia; Tempo vivido



QUANDO O TERAPEUTA ADOECE EXISTENCIALMENTE

Yolanda Cintrão Forghieri (USP)

Este trabalho encontra-se fundamentado em uma abordagem fenomenológica a partir de idéias dos filósofos Husserl , Merleau – Poty , Buber e do psiquiatra e psicólogo Binswanger , compreendidas e articuladas às vivências da própria autora , como terapeuta durante mais de meio século . Em tal abordagem é atribuída grande importância à vivência , sendo esta considerada o início , ou o ponto de partida dos conhecimentos. O referido trabalho tem por objetivo tratar de um problema que pode surgir no decorrer de um processo psicoterápico : o adoecimento existencial do terapeuta. Este consiste no adoecer de uma pessoa , que atinge seu modo de ser , de pensar e de agir , deixando-a , momentaneamente , confusa , aflita , ansiosa ou deprimida , sem conseguir compreender o que está lhe acontecendo , e consequentemente sem saber o que pensar e como agir. Várias circunstâncias podem provocar o adoecimento existencial , tais como : uma repentina e grave doença física , a morte de uma pessoa muito querida , o rompimento de uma relação amorosa profunda , um assalto etc . Trata-se de algo que chega a atingir , ou pode até ultrapassar o limite dessa pessoa para reconhecer , enfrentar e superar a situação . Pode durar apenas alguns dias , mas também vários meses , dependendo da intensidade do sofrimento da pessoa . Embora esse adoecimento seja freqüente em pessoas reconhecidas como clientes , pode também atingir o terapeuta . Pois , este como ser humano é ser-no-mundo em constante desenvolvimento no sentido de seu amadurecimento , porem nunca chega a se completar . E quando ele adoeca existencialmente de modo prolongado , pode necessitar da ajuda de um profissional e deve tomar providências em relação aos seus clientes . A primeira delas é colocá-los a par do que está lhe acontecendo , demonstrando-lhes sua consideração e autenticidade , dando-lhes seu exemplo de enfrentar a realidade . Em seguida , em diálogos com cada um dos clientes , juntos podem decidir pelo prosseguimento da sua terapia , ou pelo seu encaminhamento a outro profissional . Nas vivências da própria autora , em momentos muito difíceis de sua existência , os seis clientes que estava atendendo nessa ocasião quiseram com ela prosseguir sua terapia , durante a qual apresentaram significativas melhoras.

Palavras-chave



RESUMO DAS APRESENTAÇÕES EM MESA REDONDA



ANGÚSTIA EM HEIDEGGER E NA CLÍNICA

Débora Gill (PUC-RJ)

Esta pesquisa tem como objetivo estudar o papel privilegiado que é atribuído a angústia na obra *Ser e tempo* (1927/2009) de Heidegger pensando a importância deste papel na clínica fenomenológico-existencial. Este papel é privilegiado na medida em que a angústia desempenha um papel exclusivo para o ser do homem. Pensar a relação entre a angústia e o ser do homem se dá pelo fato de não ser todo e qualquer ente que se angustia. A angústia acontece com um ente específico, aquele que Heidegger compreendeu por o ser-aí. O ser-aí são os modos de ser do ente que nós mesmos somos. Este papel da angústia é privilegiado pois na maioria das vezes nos encontramos em meio a modos automáticos de ser, nos comportando de maneira preconceituosa. Em algumas ocasiões esses modos podem trazer dor e sofrimento para aquele que procura ajuda na clínica. Dessa maneira, para pensarmos algo novo, para pensarmos novos modos de ser-no-mundo, torna-se necessário uma ruptura com estes modos sedimentados. Esta ruptura é possibilitada pela angústia. A angústia rompe a familiaridade com os modos automatizados de ser, podendo levar ao alcance da transparência do ser-aí com vistas a si mesmo e ao mundo, desvelando o espaço no qual se encontra. Alcançando esta transparência o ser-aí pode singularizar-se, e assim, novos modos de ser-no-mundo podem surgir. A clínica é o espaço para se pensar este papel privilegiado da angústia na medida em que é através de uma crise existencial da angústia que o ser-aí pode se transformar e novos modos de ser-no-mundo podem surgir. A clínica é o lugar de abertura desse espaço para a transformação, para a transparência e responsabilidade do ser-aí.

Palavras-chaves: Angústia; Heidegger; clínica; automatismo; novo.



SARTRE E PIRANDELLO: A FENOMENOLOGIA DO ESPAÇO E DAS RELAÇÕES INTERSUBJETIVAS A PARTIR DO TEATRO

Lucrecia Corbella (UERJ)

Neste trabalho, ao aproximar as obras do filósofo Jean-Paul Sartre e do dramaturgo Luigi Pirandello, pretende-se pesquisar de que forma o teatro pode contribuir para ampliar o espaço significativo entre as pessoas no qual elas possam realizar novas escolhas subjetivas. O teatro tem uma grande importância, no entender de Sartre, que é a de mostrar o ser - humano em determinada situação na sua vida cotidiana, como se ele pudesse ver a si próprio a partir do seu exterior. É a partir deste espaço dramático que Pirandello parte para compreender o indivíduo e sua relação com os outros. O homem, para Pirandello, para poder se relacionar com as demais pessoas, constrói uma máscara ou uma forma determinada, e é desta maneira que ele inventa a si próprio. Tanto para Sartre quanto para Pirandello, a subjetividade, sempre movente, mutável e conflituosa, é construída à medida que cada qual tece linhas de ação, em determinada situação e em um lugar específico. O lugar fenomenal, para Merleau-Ponty, é o espaço no qual o corpo realiza um conjunto de ações que estão organizadas em prol de um projeto existencial. A constituição da subjetividade possui uma relação íntima com a intersubjetividade e com o espaço que ocupamos no mundo; ela será definida a partir de elos afetivos, políticos, profissionais, utópicos e espaciais que se estabelecem no mundo. A peça *Esta noite se representa de improviso*, de Pirandello, coloca em cena a percepção do espaço a partir da subjetividade, a partir da relação de intencionalidade que se estabelece com este espaço. Para poder expandir o horizonte de escolha do ser - humano, é preciso construir novos lugares que acolham possibilidades que estão por vir. O teatro, ao apresentar um homem situado, engajado em um projeto de vida através de suas palavras, seus silêncios, seus gestos e suas ações, pode ser uma via de invenção de trajetórias de existência outrora impensáveis.

Palavras-chave: espaço fenomenológico; Sartre; intersubjetividade; Pirandello; teatro.



O ESPECIALISMO “PSI” CONTEMPORÂNEO E A BUSCA POR UM CIENTIFICISMO (DES)NAUSEANTE: UMA ANÁLISE SARTREANA

Michelle Thieme de Carvalho Moura (UERJ)

Esse trabalho tem como objetivo compreender como se configura a relação entre o saber psicológico que chega ao grande público na sociedade contemporânea e o fenômeno aqui chamado de especialismo “psi” de reduções cientificistas. Tal fenômeno será aqui entendido como um tipo de especialismo que acredita possuir o domínio absoluto das narrativas sobre o homem, domínio esse pautado muitas vezes em uma aceitação incondicional da concepção de ciência proveniente do campo das ciências exatas. Para investigar como uma redução cientificista estaria chegando ao grande público, o presente trabalho faz uma análise de fragmentos jornalísticos que retratam questões “psi” publicadas nos anos 2009 e 2010 em duas revistas de grande circulação no Rio de Janeiro. O método progressivo-regressivo proposto por Jean-Paul Sartre será a estratégia metodológica aqui adotada, onde a tentativa de não compreender o fenômeno como algo puramente individual nem puramente universal se apresenta como um constante desafio. A partir da análise feita, uma restrição cientificista no campo “psi” foi observada a partir de tendências como a do uso do método experimental e sua consequente tentativa de criação de relações causais, além da busca pela substancialização de experiências subjetivas, usando para isso conhecimentos da neurociência e fenômenos como o da matematização da existência. A busca por universalidades abstratas e o abandono do sentido singular parecem ser, portanto, características importantes desse saber “psi” analisado. Para reafirmar a possibilidade de lidar com o conhecimento psicológico a partir da abertura de sentidos, e não a partir de uma restrição cientificista, esse trabalho busca principalmente no pensamento de Jean-Paul Sartre elementos para pensar uma proposta de saber que fuja da formatação dos sentidos feita pela cultura dos especialismos.

Palavras-chave: Especialismo; Contemporaneidade; Saber psicológico; Sartre.



SANIDADE E ADOECIMENTO PSÍQUICO: COMPREENSÕES INSPIRADAS NOS PENSAMENTOS DE MARTIN HEIDEGGER

Danielle de Gois Santos (UFF)

O presente estudo resgata o filósofo Martin Heidegger e algumas de suas obras, em destaque, Seminários de Zollikon (2009), na tentativa de que através de revisão bibliográfica desta e de outras obras do filósofo, possam ser construídos exercícios compreensivos inspirados no método fenomenológico-hermenêutico. A proposta almeja incentivar um olhar diferenciado e crítico sobre a clínica psicológica e a respeito dos processos de adoecer e de promoção de saúde, atentando para o modo como estes se apresentam no contemporâneo. Discussões sobre clínica, homem, modos de ser-sadio e ser-doente e de modo de ser ético preocupado com a existência serão admitidas como incentivadoras para refletirmos a respeito de experiências do cotidiano. Temáticas da existência inicialmente desenvolvidas por Heidegger são acrescidas, neste estudo, pelas pesquisas de estudiosos preocupados com o modo que vivemos atualmente, por exemplo, Hans-Georg Gadamer, Michel Foucault, Jeff Malpas, Steven Crowell etc. O percurso desenvolvido, neste estudo, inspira-se na compreensão metodológica da fenomenologia hermenêutica. Temáticas da existência na clínica psicológica viabilizam reflexões sobre adoecimento e sanidade psíquica, uma vez que possibilitam exercícios de pensar uma atitude cuidadora-libertadora para as práticas psicológicas e em nossas experiências cotidianas. Acrescentando a estas reflexões, a questão da ética foi tomada como uma possibilidade de compreensão dos exercícios reflexivos/meditativos de cuidado e de liberdade enquanto questões da existência. Assim, compreendemos o exercício ético como um caminho para cuidarmos livremente, isto é, cuidar livremente do homem em sua constituição existencial. O estudo encaminha-se destacando que a co-pertinência entre homem-mundo e da existência como cuidado e liberdade, naquele sentido ontológico, que implica transformação do olhar, amplia as possibilidades de singularização existencial.

Palavras-chave: sanidade e adoecimento psíquico; Seminários de Zollikon; ética.



UMA INTERPRETAÇÃO FENOMENOLÓGICO-HERMENÊUTICA DAS COMPULSÕES NA ERA DA TÉCNICA

Carolina Freire de Araújo Dhein (UERJ)

O fenômeno da compulsividade vem sendo amplamente discutido no terreno da psicologia principalmente pela apropriação de um discurso técnico-cientificista que Procura dar conta da complexidade do fenômeno, desdobrando, classificando e compreendendo a experiência da compulsão como um desvio oriundo ora da interioridade humana, privilegiando assim, aspectos de ordem biológica ou psíquica; ora da exterioridade, enfatizando o mundo como determinante dos comportamentos humanos. Essa visão dicotomizada sobre o homem pode ser compreendida como uma tentativa constante na história da psicologia de reafirmar o campo das experiências humanas através do embate de perspectivas herdadas da tradição científica moderna, ainda fortemente presente no campo das ciências humanas. Atentando para essas considerações, esse estudo traz como proposta pensar o fenômeno da compulsão e suas diferentes expressões a partir de um referencial outro que não o da tradição dominante da psicologia. Para tanto, encontramos no pensamento fenomenológico-hermenêutico, e em especial na filosofia da existência de Jean-Paul Sartre e Martin Heidegger, fundamentos para se pensar homem e mundo não como instâncias separadas que tratariam posteriormente de recobrar seus vínculos, mas sim como uma relação co-originária, na qual ambos formam uma unidade copertencente, a partir da qual as compulsões podem ser interpretadas como uma expressão singular dessa relação mesma. Compreendendo o homem à luz da ontologia fenomenológica de Sartre como um projeto de totalização que não cessa de se constituir a partir da relação dialética com o mundo, não mais encontramos o homem em sua profunda interioridade, mas sim *em situação*, na medida em que o homem é uma livre apropriação das condições de possibilidade circunscritas pelo horizonte histórico no qual existe. Horizonte esse que, segundo Heidegger, desde o advento da física e da matemática, se descortina ao modo da técnica reduzida exclusivamente ao terreno do cálculo e da instrumentalidade. Dessa forma, vemos um mundo permeado por solicitações de utilidade, produtividade, exploração e controle. Compreendemos com isso, que é no horizonte da técnica que a compulsão se desvela, não podendo o homem e seus sofrimentos psíquicos serem compreendidos desarticulados desse mesmo horizonte.

Palavras-chave: Compulsão; Existência; Fenomenologia; Hermenêutica



DEPENDÊNCIA QUÍMICA E NEGAÇÃO DA LIBERDADE: UM ESTUDO DE CASO SOB A ÓTICA KIERKGAARDIANA

Alan Henrique Costa de Souza (IFEN-RJ)

O presente trabalho pretende abordar um caso de atendimento clínico cuja temática presente era a dependência de substâncias psicoativas. A análise será feita à luz da filosofia da existência de Sören Kierkegaard, atendo-se para a compreensão da situação existencial em que o paciente se encontra, visto que este filósofo aponta para a impossibilidade de abarcarmos a existência humana com base somente nos princípios metodológicos positivistas presentes na ciência clássica. Portanto, é tomando as condições de indeterminação, angústia e liberdade, que abrem o homem às possibilidades e conseqüentes situações de ter de decidir, que ocorre a análise existencial. A vertigem que assola o indivíduo é frente à liberdade entendida não como a possibilidade de escolher um determinado bem ou um determinado mal, mas como a possibilidade geral de escolher. Portanto, reflete-se aqui sobre um caso atendido em psicoterapia em que o indivíduo relata não conseguir mudar sua situação devido a seus “impulsos que o dominam a todo instante”, sendo esta uma das principais questões trazidas nas sessões, possibilitando ao terapeuta pensar o modo como este sujeito lida com a sua condição de liberdade, optando por negá-la reforçadamente, se justificando em determinismos biológicos e/ou psíquicos, se colocando como vítima diante de sua situação. Lidando com a sua condição de abertura ao modo da negação, o analisando em questão sempre atribui aos eventos frustrantes da vida que acontecem, a motivação para o seu uso das drogas. Na visão kierkegaardiana, o homem estando distanciado de si mesmo, escravizando-se aos apelos do mundo, é tentado a assumir-se na seriedade, e o elemento dessa tentação seria o arrependimento. Mas, como poderá se perceber com o delineamento do caso ilustrado, o elemento da tentação pode também se mascarar em remorso ou autopiedade, de modo a evitar o encontro com suas possibilidades existenciais mais singulares. Na busca de compreender a existência a partir dos modos de posicionamento perante a condição de liberdade, que analisaremos as temáticas trazidas pelo cliente em psicoterapia.

Palavras-chave: estudo de caso; dependência química; filosofia da existência; Sören Kierkegaard.



A FENOMENOLOGIA DA VIDA EM MICHEL HENRY NO SUL DO BRASIL: FECUNDOS CAMINHOS INTERDISCIPLINARES

Karin H. K. Wondracek (Faculdades EST)

A busca por bases antropológicas levou-nos no doutorado à fenomenologia da Vida de Michel Henry, com estudos na Alemanha e Portugal. Uma das conclusões da tese foi de que sua ênfase na vida como afeto abre possibilidades fecundas de repensar a clínica, especialmente as suas dimensões afetivas. Michel Henry mostra como a questão do afeto foi colocada num plano secundário pelo pensamento ocidental, e propõe a inversão fenomenológica para que o afeto volte a ter a preeminência que lhe cabe. A efetivação de um Grupo de Pesquisas voltado à fenomenologia da Vida cria condições para a investigação da sua proposta e compartilha as intuições da fenomenologia, também para outras áreas. A formação da rede de investigação “O que pode um corpo?” e a instauração de protocolos entre as instituições (CEfi-EST, CEfi-Sig) concretiza a pesquisa conjunta. O Grupo de Pesquisa na EST, assessorado pela Prof. Dra. Florinda Martins, tradutora de Henry, tem investigado, a partir dos textos do autor e dos seus pesquisadores, a questão da corporeidade e comunidade, para subsidiar os estudos acadêmicos. O conceito de “carne” de Henry traz novos aportes para a subjetividade, e a fenomenologia da comunidade mostra o fundo comum que doa a vida a todos, e da qual cada um segue recebendo a vida. O Grupo de investigação na Sigmund Freud Associação Psicanalítica prioriza o estudo da dimensão afetiva e modos de intensificação do trabalho sobre o mesmo. Investigam-se especialmente os afetos ligados ao traumático, à recepção da dor; vinculados à passibilidade da condição humana. Através da relação entre passibilidade e possibilidade (Eu posso), estabelece-se uma via importante para a clínica, especialmente pelo conceito de modalização. Mostram-se fecundos para a clínica contemporânea os conceitos de passibilidade, inversão fenomenológica e modalização dos afetos.

Palavras-chave: fenomenologia da Vida, passibilidade, inversão, afeto



A FENOMENOLOGIA DA VIDA DE MICHEL HENRY NO INSTITUTO DE PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Maristela Vendramel Ferreira (USP)

A fenomenologia de Michel Henry se insere com convites das Faculdades EST/RS ao Centro de Estudos em Filosofia CEFi, Universidade Católica Portuguesa, com apoio da CAPES. Dentro do escopo do projeto *O que pode um corpo?*, que visa divulgar a obra de Michel Henry em língua portuguesa e contribuir para a formação de pesquisadores, a coordenadora científica do projeto, Profa. Florinda Martins, apresentou em 15 de março de 2010 a conferência intitulada *Fenomenologia da Vida: o que pode um sentimento?* no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Assim, a fenomenologia de Henry se apresenta à psicologia. Em 17 e 18 de novembro de 2011 retorna à USP para ministrar o curso *Fenomenologia da Vida em Michel Henry e as Psicoterapias* no Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica, com apoio da Pró-Reitoria de Pós-graduação da USP, consolidando o ingresso oficial do trabalho de Henry nesta universidade. O objetivo deste trabalho é apresentar e discutir a entrada da obra de Michel Henry no Instituto de Psicologia, bem como os aspectos fundamentais de sua fenomenologia abordados por Florinda Martins nos eventos acima mencionados. O que pode um corpo na clínica psicológica? Esta questão desafia, motiva e norteia o trabalho de pesquisadores do projeto internacional *O que pode um corpo?*, principalmente os brasileiros que desenvolvem estudos nas áreas de interlocução da Fenomenologia da Vida com as psicoterapias, a psicanálise e o acompanhamento terapêutico. Esta interlocução tem sido profícua para compreendermos o papel fundamental do corpo e dos afetos na relação com a alteridade e mais especificamente do terapeuta e seu paciente. A afetividade é tema central desta fenomenologia, pois através dela nos provamos e nos constituímos no enredo da vida, encarnados num corpo vivo. Em suma, apresentaremos como a fenomenalidade pura do afeto permite abertura ao outro, os conceitos de *pathos*, passibilidade, *pathos-com* e o caminho filosófico percorrido por Henry na busca dessa fenomenalidade originária e na construção da Fenomenologia da Vida associada à psicologia clínica.

Palavras-chave: fenomenologia da vida, psicoterapia, psicanálise, Michel Henry.



POR UMA FENOMENOLOGIA DA CRISE PSÍQUICA GRAVE

Ileno Izidio da Costa (UnB)

“As psicoses” para a psicopatologia clássica manifestam-se basicamente por certa perda de contato com a realidade expressas por alterações comportamentais, do juízo, das sensações, da representação e/ou do pensamento. No entanto, esta psicopatologia tem se dedicado a avaliar estes fenômenos em suas “manifestações explícitas” (leia-se sintomas) dentro de uma cronificação posta. O presente trabalho pretende problematizar “as psicoses” (colocando tal definição em suspenso pela sua diversidade de expressão e de compreensão) a partir das primeiras crises psíquicas que, além de supostamente as iniciar, que, para efeito desta apresentação, serão denominadas de “graves” para se referir à intensidade com que se manifestam, sejam individuais, familiar ou psicossocial, portanto, existenciais. A partir do paradigma internacional da intervenção precoce nas psicoses serão apresentados os conceitos de pródromos, risco, alto risco e intervenção precoce na busca de compreender se as “primeiras crises psíquicas graves” podem (ou não) desembocar em uma “psicose”. Com base nos estudos do Grupo de Intervenção Precoce nas Primeiras Crises Psíquicas Graves (Gipsi) da Universidade de Brasília, serão apresentadas os dados e a forma dos atendimentos do grupo de 2010 a 2012 objetivando apontar para uma “fenomenologia da crise psíquica grave”. Dos 80 casos atendidos até a presente data pelo Gipsi, podemos afirmar que apenas 10% deles estariam num caminho possível de estruturação de uma psicose segundo os critérios clínicos clássicos, tendo sido todos encaminhados com os imprecisos diagnósticos iniciais de “pré-psicose”, “episódio psicótico breve”, “esquizofrenia” ou transtornos correlatos. Isto aponta não apenas para uma crítica à fenomenologia diagnóstica psiquiátrica e psicopatológica tradicionais, mas antes para uma “suspensão deste conhecimento cronificado” (Foucault, Hermenêutica, Merleau-Ponty) em busca de uma leitura fenomenológica mais cuidadosa (Heidegger, Henry Levy, Levinas) destas primeiras manifestações enquanto expressão do sofrimento psíquico inerente e, principalmente, como uma manifestação legítima existencial-afetivo-comportamental do ser humano.

Palavras-chave: fenomenologia da crise, intervenção precoce, crise psíquica grave, “psicose”



OS DESAFIOS DA CLÍNICA DA ATENÇÃO PSICOSSOCIAL E AS CONTRIBUIÇÕES DA FENOMENOLOGIA

Tânia Maris Grigolo (CESUSC)

Esta reflexão tem como base pesquisa realizada em Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), que teve como objeto as dimensões da clínica da atenção psicossocial a partir da perspectiva de trabalhadores e usuários envolvidos no cotidiano do cuidado nos CAPS. Para esta reflexão, mais especificamente, destacaremos as contribuições da Fenomenologia para a clínica da atenção psicossocial, através da discussão de alguns conceitos, tais como: existência- sofrimento, cuidado, cotidiano, subjetividade e projeto terapêutico, tomando por referência teórica as contribuições de Heidegger, Sartre e Van Den Berg e de outros autores do campo das Reformas Psiquiátricas. O objetivo é discutir a clínica da atenção psicossocial e seus fundamentos com base nas narrativas de usuários e trabalhadores e nos conceitos que lhe dão sustentação e as contribuições que o campo da Fenomenologia pode dar a esta clínica. A pesquisa que deu base a estas análises situa-se no âmbito das pesquisas qualitativas e avaliativas em Psicologia da Saúde e Saúde Mental. Utilizou-se como método os Grupos de Discussão (GDs) com trabalhadores e a técnica de Entrevistas Narrativas (ENs) com usuários de CAPS III. Destacamos a complexidade, que envolve esta discussão, tendo em vista a necessidade de superação do modelo clínico baseado na doença mental e na psicopatologia descritiva e a sustentação teórica da amplitude da clínica da atenção psicossocial, que envolve o cuidado cotidiano nos serviços, a dimensão subjetiva de cada usuário, as relações com o território, com outras equipes de saúde e com a comunidade. Assim, apontamos a importância da reflexão sobre as práticas terapêuticas nos CAPS e as bases teórico-filosóficas da clínica da atenção psicossocial, que apontem para novas perspectivas neste campo.

Palavras-chave: Centros de Atenção Psicossocial, Clínica da Atenção Psicossocial, Fenomenologia, Cuidado, Cotidiano.



CUIDAR DE QUEM CUIDA: TRABALHO DE GRUPO COM AGENTES REDUTORES DE DANOS

Leonardo Toshiaki Borges Yoshimochi (Feno&Grupos)

Este resumo tem o objetivo de apresentar o acompanhamento grupal de Agentes Redutores de Danos (ARD) como forma de exemplificar o fenômeno grupal em uma leitura e conduta fenomenológico existencial. O acompanhamento é realizado em encontros semanais, com o objetivo de auxiliar os ARD no enfrentamento das situações vivenciadas no campo de trabalho, na elaboração de estratégias de abordagens e na realização de encaminhamentos para rede pública de saúde. O Programa de Redução de Danos (PRD) está diretamente relacionado ao Programa Municipal DST/AIDS e Hepatites Virais e é voltado às pessoas que são consideradas grupos de riscos na população. O trabalho dos ARD consiste em caminhar “extramuros”, formar vínculos com as pessoas que se encontram em situações de riscos e fazer com que estas aproximem ou retornem aos serviços de saúde. Embora seja um cuidado voltado às pessoas de alto risco, a exposição destes trabalhadores no campo se localiza na fronteira do cuidado e do sofrimento, pois suas vivências solicitam uma aproximação reveladora do sofrimento humano encontrado. A fronteira, não por acaso, é um marco que separa aqueles que buscam pela saúde e aqueles que não mais a consideram como possibilidade de suas existências. Apesar desta separação, estes mundos se encontram diariamente. E lidar com o sofrimento alheio mobiliza estes trabalhadores. Ora os motivam, ora os desestimulam. O momento do grupo é um tempo em que eles encontram as diversidades das vivências enfrentadas e podem escutar seus pares nas diferentes reações e condutas assumidas.

Palavras-chave: Grupos; Fenomenologia; Redução de Danos.



COMENTÁRIOS DE MEDARD BOSS SOBRE TERAPIA DE GRUPO: PSICANÁLISE E DASEINSANALYSE DE GRUPOS

Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista (UNIP-SP / LEFE-USP / Feno&Grupos)

Em 1965 Medard Boss publica um livro baseado sobre suas viagens à Índia e à Indonésia na década anterior. Convidado na condição de professor visitante de medicina, entra em contato com ocidentalização da medicina indiana, o que lhe fornece dados para refletir sobre as limitações do pensamento ocidental para a compreensão do ser humano, assim como considerar a possibilidade de compreensão da psicopatologia a partir da “ontologia” milenar indiana. No relato de viagem, tece breves considerações sobre grupos de psicoterapia coordenados por psiquiatras indianos. Nesta comunicação, apresentamos uma tradução dos dois parágrafos sobre psicoterapia de grupo. Em seguida, apontamos os pressupostos que norteiam sua compreensão. Embora sua compreensão seja fundamentada na analítica existencial heideggeriana, Boss compreende os fenômenos grupais a partir da concepção psicanalítica de grupos. Identifica competição entre os membros, conflitos com a autoridade do líder e resistência. Essa interpretação está apoiada na concepção psicanalítica de nos grupos os membros disputam o afeto do analista; é a transferência. Boss busca na analítica existencial novas possibilidades de compreender a transferência como relação. Consideramos o sentido desses fenômenos encontrados por Boss nos grupos a partir da psicanálise e da daseinsanalyse. Seguimos a comunicação refletindo sobre a possibilidade de que a fenomenologia existencial amplie a compreensão dos fenômenos grupais para além da ‘transferência’ prevista pela psicanálise de grupos, o que indicaria um aprisionamento de Boss ao método psicanalítico.

Palavras-chave: daseinsanalyse; terapia de grupo; Medard Boss



FRIDA E O AMOR: ANÁLISE EXISTENCIAL DE SUA BIOGRAFIA DE ACORDO COM JEAN-PAUL SARTRE

Anita de Souza Coutinho (IFEN)

As relações amorosas e suas questões são frequentes nos atendimentos psicológicos. As dúvidas sobre este assunto, nas queixas ou relatos nos consultórios de psicologia apontam à necessidade de falarmos de amor e por isto, sob a égide da teoria sartriana, na abordagem da psicologia fenomenológico-existencial, o amor e suas formas de relacionamentos estão esmiuçados com objetivo de pautar e esclarecer como esta abordagem clínica compreende e atua sobre o que tange as questões amorosas. Para ilustrar o trabalho, recorreremos à vida da pintora mexicana Frida Kahlo como possibilidade de realizar uma análise fenomenológica, descrita a partir da “psicanálise existencial” de Sartre, bem como de suas concepções, tendo como norte a biografia e diário e cartas da pintora, que contam também a importante história de amor com Diego Rivera, que durou a vida toda do casal, e nos permite articular uma fluente leitura sartriana. Neste estudo, tanto o método “progressivo-regressivo” quanto a investigação do “projeto existencial” e as escolhas de Frida foram levantadas, bem como os fundamentos dela para sua idéia de amor leal e amor fiel permeados, constantemente, por elementos da cultura do México e de solidão, ambos arraigados de sentidos apenas para ela mesma, Frida Kahlo. Para Sartre, não há tipos de amor e sequer certezas amorosas. A sinceridade do casal e a honesta implicação dos dois para a construção de uma história em comum deve partir de ambos, com a livre expressão da “liberdade” que são. Com Frida Kahlo e Diego Rivera podemos conhecer uma história de amor que fazia sentido somente a eles e que ambos fizeram ser parte deles até suas mortes. Mesmo controversa ao contexto sócio-cultural do México dos anos 20 aos anos 50, em Sartre, podemos concluir, que a história deste casal que esteve junto, em troca, diálogo e livre escolha, foi uma história de amor, pois nosso autor considera que amar é mais uma de nossas escolhas. Assim também, uma expressão da “liberdade existencial” que somos.

Palavras-chave: Amor; Psicanálise Existencial, Liberdade; Conflito; Projeto;



AS ESPECIFICIDADES DA COMUNIDADE RELIGIOSA NA OBRA DE EDITH STEIN

Achilles Gonçalves Coelho Júnior (FIP-MOC)

Miguel Mahfoud (UFMG)

O objetivo deste trabalho é analisar os aspectos essenciais da vivência religiosa, assim como identificado na análise fenomenológica de Edith Stein. Discípula de Husserl, fundador da Fenomenologia, Edith Stein realizou análises fenomenológicas das vivências, chegando a uma descrição essencial da dinâmica específica das dimensões estruturais da pessoa. Também explicitou que a relação pessoa-comunidade expressa uma característica de interdependência ontológica, não sendo possível compreender um destes entes sem analisar o outro. Entre muitos temas, Stein aprofundou também o estudo de um tipo de vivência denominada religiosa. A autora tem sido discutida no cenário atual das Ciências Humanas e Sociais, dentro de uma perspectiva crítica, aprofundando os fundamentos dos estudos empíricos. Tomamos como material para análise bibliográfica as obras de Edith Stein, elaboradas no período de 1917 a 1942, algumas delas publicadas postumamente, que oferecem uma explicitação sobre os conceitos de pessoa, comunidade, vivência e experiência religiosa. Assim, os textos antropológicos e religiosos dessa autora, na tradução italiana, foram analisados a partir do método fenomenológico, buscando a essência daquilo que se mostra, respeitando sua estrutura constitutiva. Identificamos, na presente pesquisa, que as especificidades da comunidade religiosa implicam: a) reconhecimento da Humanidade como comunidade religiosa potencial; b) servir a Deus através da vida comunitária; c) missão da comunidade e da pessoa conferidas por Deus; d) liberdade e responsabilidade recíproca diante do destino comum. O estudo das especificidades da comunidade religiosa na obra de Stein contribuiu para identificar as maneiras próprias de como a estrutura da pessoa e da comunidade são ativadas a partir da vivência religiosa. Assim, o compromisso ético das respostas dadas à realidade social, a abertura às diferenças, a ação social a partir de uma experiência de sentido e a consciência de pertença comunitária e social são possibilidades humanas que podem ser ativadas através de uma vivência comunitária religiosa.

Palavras-chave: Fenomenologia; Edith Stein; vivência religiosa comunitária.



MEMÓRIA E FUNDAMENTOS DA POSSIBILIDADE DE REPARAÇÃO DE DANOS

Luís Eduardo França Jardim (USP-SP/UNIP-SP/Fenô&Grupos)

O objetivo deste trabalho é discutir a partir da fenomenologia de Martin Heidegger as possibilidades de reparação quanto às marcas deixadas por experiências sistemáticas de medo como instrumento de coação. No período da ditadura civil-militar, o poder público adotou o Terrorismo de Estado como política de repressão a qualquer ação que contrariasse seus próprios interesses. O Estado visava que a instauração do *medo* atingisse todos os graus da sociedade, de modo a disciplinar, cercear e tolher qualquer iniciativa da população potencialmente contrária aos ideais do regime, transformando seu pensamento e comportamento. Quando um acontecimento político interfere nos grupos sociais, a memória de cada um de seus membros é afetada pela interpretação que a ideologia dominante dá a esses acontecimentos. A memória pública está enlaçada à memória individual, permeando-a pelas marcas da ameaça constante e seus danos, que perduram de modo explícito ou velado. Para a fenomenologia, o caráter temporal da memória dá sua dimensão decisiva para a existência, na medida em que articula as três *ekstases* temporais e funda um modo de ser. Muito se fala em reparação dos danos que foram instaurados pela ação política do Estado, entretanto, a possibilidade de reparação encontra abismos profundos e, por mais que permitam certo grau de elaboração e descoberta de novos significados, não transpõem os limites da história que não pode ser apagada.

Palavras-chave: memória; dano; reparação; ditadura; Martin Heidegger.



EXPERIÊNCIA PSICOTERAPÊUTICA DE ELABORAÇÃO DA DEPENDÊNCIA E DEFICIÊNCIA

Natalia Campos Bernardo (UNINOVE)

Luís Eduardo França Jardim (USP-SP/UNIP-SP/Fenô&Grupos)

O objetivo deste trabalho é percorrer o relato da experiência de um atendimento de um jovem para apresentar como a fenomenologia de Martin Heidegger pode contribuir para que suas experiências afetivas fossem acessadas e elaboradas. O processo psicoterapêutico se deu com um estudante de 25 anos que sofria com dificuldade nos relacionamentos afetivos e profissionais que envolviam uma tensão entre *dependência* e liberdade. O paciente apresentava uma característica física marcante que era vista por ele mesmo como uma deficiência, e esse rótulo permeava todos âmbitos de sua vida como pivô de suas dificuldades. Ao longo dos atendimentos, o grau de intimidade alcançado possibilitou ao paciente acessar memórias repletas de sentimentos que, mesmo veladas no seu cotidiano, permeavam suas relações afetivas, principalmente com a mãe. A abertura proporcionada pela escuta fenomenológica contribuiu para que o jovem pudesse suspender os próprios preconceitos em relação a si mesmo e ir ao encontro dos sentidos presentes nas memórias que tonalizavam sua experiência atual. O testemunho da própria história e dos marcos que carregava abriram a possibilidade de reconstrução de sua memória e maior proximidade com os sentidos que a sua relação com a *deficiência* carregava. A relação terapêutica inaugurou um novo modo de ser. Ali, era ele mesmo quem guiava os caminhos a serem seguidos. Com o decorrer do processo, as marcas de sua história se constituíram em novos tons e suas relações começaram a aparecer de modo independente da mãe. Em seu caminhar, suas antigas questões centrais ainda permeavam sua existência, no entanto, ele já não estava no mesmo lugar e seu olhar partia de lugares e de tons nunca antes visitados em suas relações. O paciente pode se posicionar em relação a si mesmo de um modo novo, porém sem deixar de ser si mesmo. Elaborar sua história permitiu que, em seu percurso para *independência*, pudesse experienciar *seus* próprios passos e uma nova morada, mesmo sabendo que surgiriam dúvidas e talvez precisasse ir mais devagar do que os outros, mas já poderia seguir sozinho.

Palavras-chave: psicoterapia; memória; fenomenologia-existencial; Martin Heidegger.



O SOFRIMENTO PSÍQUICO GRAVE NO CONTEXTO DA RELIGIÃO PENTECOSTAL E NEOPENTECOSTAL - REPERCUSSÕES DA RELIGIÃO NA FORMAÇÃO DO TIPO PSICÓTICA

Raquel de Paiva Mano (UnB),
Ileno Izídio da Costa(UnB)

As dimensões espirituais e religiosas são consideradas como fatores essenciais na constituição psíquica e que atuam complexamente na estruturação da experiência humana. Pesquisas nessa área buscam entender a relação desse fenômeno no processo saúde-doença na vida das pessoas, tornando-se tema recorrente nos últimos anos no campo da saúde mental. Sendo este um tema vasto e complexo, o presente trabalho objetivou explorar, ainda que preliminarmente, algumas das repercussões do ambiente religioso protestante pentecostal e neopentecostal na formação das primeiras crises do tipo psicótica. Esta pesquisa foi realizada a partir do estudo de casos com pessoas em crise psíquica grave que estiveram em acompanhamento terapêutico pelo período mínimo de seis meses, realizadas no GIPSI (Grupo de Intervenção Precoce nas Primeiras Crises do tipo Psicótica) da Universidade de Brasília. Com uma multiabordagem onde estiveram presentes as vertentes clínica, fenomenológica e psicodinâmica, trata-se de uma abordagem qualitativa do tipo exploratório e descritivo. Dentre os vários instrumentos de levantamento dos dados utilizados, destacamos o genograma e o ecomapa espiritual que proporcionaram uma ampla visão das relações religiosas e espirituais dos pacientes no decorrer da vida até a constituição da crise. Observou-se, primordialmente, que os aspectos do início da relação mãe-bebê e os aspectos ambientais e relacionais junto com o fator religioso contribuíram de forma significativa para o processo de eclosão de crises psíquicas graves. Foi observada também a dimensão da relação familiar no processo de busca de um pai idealizado. Estudar o sujeito com sofrimento psíquico grave do tipo psicótico, no âmbito do seu contexto religioso, reforçou a constatação da influência das doutrinas e ensinamentos religiosos no processo de adoecimento psíquico-emocional, em destaque o fator de interdição e culpa no que se refere aos impulsos sexuais e agressivos no ambiente religioso. A diferenciação entre os aspectos e características de uma crise psicótica e uma experiência religiosa mística foram fatores de reflexão. Por último, foi constatada a falha no processo diagnóstico da psicose e a importância da intervenção precoce na compreensão do sofrimento psíquico grave, antes de ser necessariamente um processo de adoecimento psicótico.

Palavras-chave: Religião, sofrimento psíquico grave, crise do tipo psicótica religiosidade, espiritualidade, pentecostal e neopentecostal, intervenção precoce.



A PRÁTICA CLÍNICA NA UNIVERSIDADE: ENTRE DESVIOS E DESAFIOS DA EXPERIÊNCIA DE ENSINAR GESTALT-TERAPIA

Laura Cristina de Toledo Quadros (UERJ)

A Psicologia funda-se, historicamente, numa perspectiva positivista o que contorna também a graduação tanto nas grades curriculares quanto na organização da relação teoria e prática. Assim, torna-se um desafio a ocupação de espaços que não se traduzam nessa ordem. A abordagem gestáltica traz em suas bases uma inspiração fenomenológica, principalmente no que tange a noção de campo e a quebra das dicotomias clássicas privilegiando-se a integração (MOREIRA,2009; PERLS 1981). É pregnante em Fritz Perls, principal fundador da Gestalt-terapia, o combate aos intelectualismos excessivos, a busca pela autenticidade e a ênfase na experimentação. Experimentar, aqui, remete-se ao vivido, a experiência viva que se apresenta diante de nós. A originalidade deste pensamento encontra fértil espaço de desenvolvimento nos anos 60. Nos tempos de contracultura, pequenas e grandes “revoluções”, a emergência de uma abordagem terapêutica que privilegiava o aqui-e-agora, a expansão de consciência e o contato pleno encontrou ecos favoráveis, ainda que distorções tenham trazido mal entendidos nada promissores para a abordagem. Ressaltamos que Gestalt não é uma intervenção sem fundamentação teórico-conceitual; é uma abordagem *de e para* vida, compreendendo vida como movimento, intensidade e emoção. Isto é arrojado e contemporâneo para a psicologia. Diante desse cenário e considerando as exigências acadêmicas calcadas no viés positivista, atuar com a Gestalt-Terapia na graduação de psicologia torna-se não apenas um desafio mas, sobretudo, uma experiência de desvio, um movimento que gera uma mudança de direção. A abordagem gestáltica constitui-se em sua prática e, portanto, não é possível segrega-la da ação. A relação ensinar/aprender desenvolve-se no envolvimento, na implicação e na dialogicidade (BUBER,1977) onde professor e aluno formam uma totalidade que se desloca num campo de afetações. Essa possibilidade transcende a transmissão de conhecimento e transforma o aprendizado em uma experiência viva e vibrante. Nos referimos aqui à um modo de atuar na universidade com a Gestalt-Terapia que a represente em sua vivacidade e exuberância, sem caricaturas. É na sutileza do manejo de relações, conceitos e experiências que podemos desvelar a abordagem gestáltica no âmbito da sala de aula, instaurando aí uma possibilidade para uma prática clínica inspirada na fenomenologia e com as peculiaridades que permeiam a Gestalt-Terapia

Palavras-chave: Gestalt-Terapia, Prática Clínica, Dialogicidade,



SUPERVISÃO EM GESTALT TERAPIA NA UNIVERSIDADE: DA F(Ô)RMA À BOA FORMA

Luciana Loyola Madeira Soares
(ONDE?????????)

Apresentamos uma discussão sobre a supervisão em Gestalt-terapia nos Serviços de Psicologia Aplicada dos cursos de graduação em Psicologia. A estratégia da supervisão Gestáltica passa pelo desdobramento de possibilidades criativas da relação do supervisor com o estagiário e, deste, com os clientes em atendimento. A condução do trabalho na supervisão visa à melhor forma possível para configurar a singularidade do aprendizado das habilidades do futuro psicólogo clínico, e, para isso, distancia-se da rigidez das formulações teóricas e de um enquadramento fechado em dispositivos técnicos. Baptista (2000) precisamente intitulou seu questionamento à formação do psicólogo como ‘A Fábrica de Interiores’, expressão que indica uma perspectiva de engrenagem na graduação que produz profissionais em série como numa linha de montagem, pondo ênfase no treinamento de atributos tecnicistas para o futuro exercício da profissão. Num contexto acadêmico que *i(e)nforma* o estudante com um diversificado arsenal de teorias e técnicas, que juntas, não fazem muito sentido, cabe àqueles supervisores que representam a Gestalt-terapia no SPA um papel de tirar da f(ô)rma e instigar à boa forma, de acordo com a lei da pregnância ou boa forma da Psicologia da Gestalt, como encontramos em Burow e Scherpp (1985). O desdobramento do raciocínio clínico tendo como referencial a Gestalt-terapia sustenta-se no entrelaçamento entre os pilares teórico-filosóficos da abordagem com a disponibilidade do estagiário para aceitar sua condição de não pronto, assim como em perceber a Psicologia como prática não pronta, o que se evidencia nas experiências em grupo. Perls (1977) aponta a indissociabilidade entre sujeito e o campo no qual está inserido, indicando que não há sujeito autossuficiente; só se pode existir na relação com o campo, o que nos faz refletir sobre a atitude do supervisor no campo que se forma ao supervisionar o grupo de estagiários, favorecendo nestes o encantamento com o criar-se e recriar-se na experiência em supervisão e com os clientes atendidos. Podemos chamar isso de desapego à rigidez do modelo e permitir-se fluir de acordo com o olhar com olhos de quem quer conhecer.

Palavras-chave: Gestalt-terapia, Supervisão, Formação acadêmica do psicólogo.



PSICOTERAPIA FENOMENOLÓGICA E A GUARDA DO ESPAÇO DE ALTERIDADE: SEDIMENTAÇÃO E TENSÃO NO CONTEXTO CLÍNICO

André Sendra de Assis (UMC, UNIP, CENCIB)

Este trabalho visa traçar um paralelo entre o pensamento tardio de Heidegger, no que se refere à história do ser e a possibilidade da mobilidade histórica, com o contexto da clínica psicoterápica, no qual o paciente, restrito pela sedimentação identitária, encontra dificuldades em retomar a mobilidade inerente ao seu caráter de poder ser, sua liberdade originária. Heidegger, nos seus escritos posteriores à chamada viragem (*Kehre*) de seu pensamento, propõe que o acontecimento apropriativo (*Ereignis*), a medida vinculadora do horizonte histórico que, em nossa época aparece como técnica metafísica em sua fase de acabamento, não pode ser superado a partir de uma negação ou de uma confrontação que proponha diretamente um novo mundo. A mobilidade histórica de um determinado mundo só pode acontecer se houver espaço para que ela aconteça por si só, a partir do esgotamento da sua própria determinação. O trabalho de resistência, a tarefa do pensamento, deve ser a tarefa da guarda do espaço de alteridade, no qual o mundo possa se rearticular por meio de uma confrontação do mundo sedimentado com a natureza negativa do próprio mundo. Heidegger propõe sustentar uma tensão confrontativa com o horizonte histórico sedimentado, para que a mudança, caso aconteça, possa se abrigar. Transpondo a discussão para o contexto clínico psicoterápico, podemos descrever a situação do paciente, que é um ser-aí aberto às possibilidades de ser, a partir da sedimentação de determinados comportamentos que restringem e inviabilizam a realização do seu poder ser. O paciente é um ente dotado de uma mobilidade originária que enfrenta, em um determinado momento, certo grau de estagnação. Nesse âmbito, a tarefa do terapeuta passa por guardar o espaço da possibilidade da mudança, do diferente. Esse espaço é sustentado por um fazer não diretivo, possibilitador de uma tensão com a identidade sedimentada do paciente, na medida em que o terapeuta zela pela manutenção do lastro de negatividade que confronta o paciente com a descrição enrijecida que faz de si mesmo. Cabe ao terapeuta, a manutenção de uma atmosfera que suporte a tensão com a negatividade, de forma que o paciente possa se libertar do compromisso assumido com determinados modos de ser.

Palavras-chave: psicoterapia fenomenológica; acontecimento apropriativo; sedimentação; alteridade; poder ser.



O HOMEM, ESTE SER QUE PRECISA DE SER CONSOLADO

Olivier Feron (IFP/U. Évora)

No seu projecto de fundação de uma antropologia filosófica, o filósofo Hans Blumenberg dá uma inflexão existencial radical à antropologia de inspiração kantiana, a partir da experiência inaugural que o homem faz ao confrontar-se com o princípio de realidade que representa a maior fonte de desilusão e de angústia que ele possa enfrentar. Partindo da declaração de Freud que “aquele que pergunta acerca do sentido da existência está doente, e que temos que curá-lo e não satisfazê-lo; e se não pode ser curado, então tem que ser consolado”, examinaremos a tese de Blumenberg segundo a qual a assunção da contingência da existência leva o humano a defrontar-se com a suspeita da ausência de sentido para a mesma. Tentaremos identificar as consequências da determinação da natureza humana como carência existencial que coloca o homem na posição de ter de elaborar incessantemente estratégias para remediar esta carência constitutiva. Examinaremos as modalidades de produção simbólicas como várias orientações de cura, considerando que esta pode ser um dos processos de produção de sentido que literalmente procede da cura da angústia, tal como em geral dos mecanismos de produção simbólica. Desta análise, tentaremos confrontar os diagnósticos tanto freudianos como blumenberguianos acerca da possibilidade mesma da cura/terapia, do seu desenvolvimento e da sua finalidade no âmbito mais geral de uma antropologia fundamental, cuja existência inclui desde o início um (possível) destino de cura.

Palavras-chave: Antropologia; existência; cura; ausência de sentido, consolo.



SARTRE: O ENREDO EMOCIONAL

Irene Pinto Pardelha (IFP/FCT/U. Évora)

A minha apresentação centra-se na questão das emoções em Sartre. As obras abordadas serão *O Esboço para uma teoria das emoções* e *O Imaginário*, que Sartre concebe como estudos de Psicologia fenomenológica. Partir-se-á da definição de emoção dada pelo autor n' *O Esboço*, onde esta nos aparece como uma conduta mágica que transforma as qualidades objetivas do mundo de forma a torná-lo mais suportável. Neste contexto, será que uma leitura meramente fenomenológica da emoção basta para compreender a forma brusca como ela irrompe na quotidianidade da existência? A resposta terá em conta os seguintes aspetos: 1) à partida a passagem da atitude natural para uma atitude mágica escapa à constituição de uma consciência transcendental; 2) no contexto emocional trata-se fundamentalmente de uma consciência cativa, que se enreda numa resposta urgente à situação angustiante na qual se encontra. Destas considerações outra questão se segue: se a consciência emocional não representa a realidade nos seus aspetos mais objetivos, será que não podemos compreender a emoção como uma criação espontânea de realidade? Para responder-lhe recorreremos à definição de consciência imaginante dada por Sartre n' *O Imaginário*, como pura espontaneidade/intencionalidade que dá a si própria o seu objeto. Os aspetos mágicos também aqui são realçados: a consciência imaginante é uma possessão do objeto, um encantamento que visa fazer aparecer a coisa que se deseja, possuindo-a. A emoção aparece assim como uma modalidade da consciência imaginante, na medida em que como conduta encantatória ela satisfaz como pode as condições concretas nas quais se encontra, no entanto, uma vez terminada a emoção e desenredada a liberdade é necessário responder ao seu próprio fracasso ontológico: a recuperação da conduta transcendental dita a irrealidade do objeto emocional. A associação da conduta emocional a uma conduta de fracasso torna necessário um trabalho do símbolo sobre si próprio, um desenredar-se que compreenda as razões subjacentes ao enredo, que pelo privilégio da distância incorpore a escolha emocional como uma resposta válida àquela situação concreta e compreenda a irrupção de um simbólico atípico no seio da existência como uma forma de se manter em existência.

Palavras-chave: emoção; magia; imaginário; enredo, Psicologia fenomenológica.



DO CONTRIBUTO DA FILOSOFIA DAS FORMAS SIMBÓLICAS PARA UMA LEITURA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL DAS PSICOTERAPIAS

Moisés Ferreira (IFP / U. Évora / FCT)

A presente reflexão procurará colocar em evidência os contributos que a filosofia das formas simbólicas de Ernst Cassirer pode fornecer em favor do aprofundamento das bases teóricas de uma concepção fenomenológico-existencial das psicoterapias. O pensamento de Cassirer aponta essencialmente para três planos complementares de abordagem à tarefa: (1) antropológico, (2) ontognosiológico; (3) existencial. Em cada um destes planos destacam-se elementos que permitem apontar para novas possibilidades de legitimação teórica e articulação conceptual no âmbito do paradigma psicoterapêutico fenomenológico-existencial. No que se refere ao plano (1) antropológico, a conceptualização do ser humano a partir de uma perspectiva funcionalista, e não substancialista, leva o autor a valorizar o papel da produtividade simbólica na definição daquilo que é o homem. Esta visão implica considerar que a pessoa se acha sempre intimada a tomar parte num contínuo processo de construção de si, sendo através do exercício da sua capacidade poiética que se emancipa e conquista a autonomia e a liberdade. Por conseguinte, aquilo que é humano no homem não é um dado adquirido, mas afirma-se como tarefa a realizar incessantemente. A valorização do dinamismo de simbolização como núcleo fundamentalmente caracterizador do humano sublinha também o imperativo de recuperar uma visão holística do homem, sem ceder à tentação de substancializar qualquer das suas faculdades, mas relevando a complementaridade e integração de todas elas: perceptiva, emotiva e racional. Relativamente ao (2) plano ontognosiológico, Cassirer, estendendo o alcance das suas premissas antropológicas, faz notar o carácter simbólico da percepção sensível e introduz a noção de pregnância simbólica, com o qual refere que os fenómenos perceptivos são já indissociáveis de uma estrutura de significado. Desde um nível elementar, a trama do simbólico deve ser assumida como elemento de mediação e construção do mundo interno da pessoa e da sua relação com os outros e com o meio. No que se reporta ao (3) plano existencial, a perspectiva de Cassirer aponta para a possibilidade de pensar os processos de mudança em psicoterapia como indissociáveis de uma re-inscrição na matriz das formas simbólicas através da restauração do dinamismo de simbolização nos domínios do mito, da linguagem, da religião e da arte.

Palavras-chave: Antropologia; Ernst Cassirer; Filosofia das formas simbólicas; Criação simbólica.



ATENÇÃO CLÍNICA E PENSAMENTO MEDITANTE: CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO CLÍNICO FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL

Alessandro de Magalhães Gemino (UFF)

O objetivo deste trabalho consiste em propor uma reflexão de modo a contribuir para uma explicitação da distinção entre a atenção exercida na prática clínica e a atenção tal como usada no cotidiano. Neste sentido, partimos de duas perspectivas distintas sobre a relação entre o pensamento e a atenção. Primeiramente, consideramos que a atenção seria uma função específica do pensamento. Em segundo lugar, e a partir de uma perspectiva fenomenológica, buscou-se vislumbrar um escopo teórico que poderia servir como horizonte para uma compreensão da atenção e do pensamento de modo distinto à uma interpretação cientificista - característica da tradição psicológica. Como horizonte teórico escolhido para sustentar a pesquisa, escolhemos a fenomenologia tal como desenvolvida pelo filósofo alemão Martin Heidegger. Considerado um dos principais filósofos do século XX, o pensamento de Heidegger apresenta uma série de possibilidades de articulação entre a filosofia e a psicologia, particularmente o campo das práticas clínicas. Aqui, dois temas foram objeto de reflexão para elucidar a problemática em questão: trata-se do pensamento calculante e do pensamento meditante. Desenvolvidos particularmente em duas obras ("O que quer dizer pensar?" e "Serenidade"), estes dois modos de se compreender o pensamento podem servir como horizonte crítico para nos auxiliar a compreender a especificidade da atenção experienciada na prática clínica. Cabe destacar, aqui, três eixos que conferem o que poderíamos chamar de "conclusões preliminares": 1 - O pensamento meditante heideggeriano pode servir como um convite à superação do que podemos chamar de "paradigma epistemológico" que caracteriza a dificuldade de "comunicação" entre as diversas linhas teóricas que compõem o campo das práticas clínicas; 2 - A leitura de Heidegger pode servir como um convite à experiência de criação de um outro modo de se pensar o lugar mesmo das teorias em nossa formação; 3- A dificuldade em se compreender a fenomenologia na graduação tem como principal obstáculo nossa crença naquilo que Husserl chama de "Atitude Natural".

Palavras-chave: Atenção clínica - Pensamento meditante - Formação profissional



“TODA A VIDA NO CORPO”: O SENTIDO DO PROCESSO EXPERIENCIAL

João Eusébio da Fonseca (SPPE)

O valor da consciência reflexiva é inquestionável para a psicoterapia existencial, já que é por meio dela que se constroem vários atos de significado, dentro da imensidão dos fenômenos da consciência pré-reflexiva, presente no espaço terapêutico. Através da reflexividade e do uso da linguagem, estes atos podem ser posteriormente lançados no mundo sob a forma de uma narrativa, que por sua vez, fica aberta a uma dialética com a alteridade. Este costuma ser o registo principal por meio do qual se exploram, pensam e actualizam, as condições existenciais que informam a nossa prática. Contudo, sejam quais forem as conceptualizações que se formem a partir daí, elas estarão sempre sustentadas por um processo que é pautado por uma subjectividade viva, presente e corporificada, dentro de um contínuo vir-a-ser. Na sua forma mais particular, falamos daquilo que Merleau-Ponty refere como a “mente corpórea”, mas na sua forma mais ampla, o homem também incorpora um vínculo particular com o processo criador, primordial e vital da existência, um processo que na sua essência, possui ligações com conceitos como o *Gjentagelsen* de Kierkegaard, o *Lebenswelt* de Husserl ou mais recentemente, o *Worlding* de Spinelli. Para Paul Ricoeur, este processo é o húmus de todos os nossos actos e a camada primordial a toda a multiplicidade cultural. Desta forma, fica implícito a noção de que no campo inter-subjectivo da psicoterapia existencial, há a possibilidade para endereçar a presença deste mundo experiencial e de lhe dar o seu espaço e o seu tempo, ao invés de partir imediatamente na busca das suas respectivas narrativas. A proposta presente, passa então por dar a conhecer um meio prático de oferecer esta possibilidade e que dá pelo nome de *Focusing*, popularizado por Eugene Gendlin. O que se tem descoberto, justamente, é que o sucesso de uma psicoterapia passa pela capacidade do cliente em dar espaço para sentir e “escutar” este mundo vivido e pré-reflectido, usando o processo experiencial da sua corporalidade como agente principal.

Palavras-chaves: Psicoterapia Existencial; Processo Experiencial; Corporeidade; *Focusing*;



UMA ABORDAGEM FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL DA INTERVENÇÃO DE RUA

Joana Afonso Gomes Teixeira (SPPE)

Como referem Victor Frankl e J. P. Sartre, mesmo em condições extremas podemos sempre escolher e estamos condenados a fazê-lo o que acarreta angústia existencial. Este dado ontológico está presente nos encontros com as pessoas que consomem substâncias psicoativas bem como aqueles que pernoitam na rua ou praticam trabalho sexual. Por vezes o encontro acontece promovido por um estar-com do lado do terapeuta que aborda a pessoa na rua. E por esta, que começa por procurar que ele “salte para o seu lugar” (Hiedegger) revelando-se porém mais autêntica quando encontra deste lado uma “preocupação” do tipo que promove que se torne mais livre nas suas escolhas – salta antecipando-se a ele. É assim promovida autenticidade. O tipo de relação descrito na obra de Martin Buber (I and Thou, 1923), relação I-It ou Eu-Objeto, é o tipo mais frequente de relacionamento entre pessoas com toxicodependência ou trabalhadores do sexo no contexto de rua. Por contraste a relações de tipo I-Thou ou Eu-Tu que se caracterizam pela intimidade, partilha e autenticidade. É este último o tipo de relação que procuramos estabelecer com as pessoas que encontramos na intervenção de rua. Em todas as pessoas que encontramos no contexto de rua se percebe um distanciamento do corpo próprio. No que se refere ao corpo, parece haver um contraste entre o corpo como instrumento – ter um corpo – e o corpo encarnado – ser corpo. No encontro, o psicoterapeuta está sempre presente envolvido no processo intersubjetivo, comunicando constantemente sobre o aqui e agora que ele próprio experimenta, através de gestos, posturas, e expressões, e respondendo ao mesmo movimento por parte do cliente. O psicoterapeuta é parte da situação, não menos nem mais capaz do que o cliente e nunca na qualidade de observador distanciado do processo (relação Eu-Objeto). O encontro na rua não é exceção e o corpo como existencial é sempre tido em conta. Terapeuta e utente são “seres-corporalmente-no-mundo-junto-às-coisas-com-outros”. Na intervenção de rua procuramos conhecer o World-View do outro e promover um espaço de encontro onde possa criar sentido para a sua existência e projetar-se.

Palavras-chave: Equipa de Rua; Psicoterapia Existencial; Ser-no-mundo; Relação I-Thou; Corpo.



PSICOTERAPIA EXISTENCIAL COM CRIANÇAS E JOVENS – DESCOBRINDO EM CONJUNTO ESCOLHA, LIBERDADE E RESPONSABILIDADE

Branca Sá Pires (SPPE)

Seguindo o desafio proposto por este congresso: “diálogos entre a clínica e a filosofia”, pretende-se apresentar uma reflexão acerca da forma como a teoria fenomenológico-existencial poderá ser aplicada na prática - no *setting* psicoterapêutico, especificamente, com crianças e jovens. O ponto de partida será a forma como a abordagem Fenomenológico-Existencial olha para o ser humano, como Ser-no-mundo, tal como proposto por Heidegger. Este ser-no-mundo é um ser em relação, em relação consigo, com os outros, com o meio que o rodeia tal como preconizado por Binswanger. Um ser humano que tem sempre Escolha, uma escolha situada na facticidade e que se materializa sempre entre a liberdade e a responsabilidade. Sartre e Frankl serão apresentados como autores principais. Será efectuada de seguida uma reflexão acerca da forma como cada um destes conceitos é experienciado e se vai revelando ao longo do desenvolvimento infantil. O ser humano, sempre um ser em relação, vai de uma grande dependência dos outros e do mundo que o rodeia no início da vida, para uma maior autonomização que culmina na idade adulta. Reflectindo no modo como estes conceitos se vão desenvolvendo na vida da criança, propõe-se uma nova forma de olhar para o conceito de ser-no-mundo adaptado especificamente à criança e ao jovem: um ser-no-mundo ainda em fase de desenvolvimento e com uma forma de estar no mundo diferente da do adulto. Por fim, será elaborada uma reflexão prática: Como é que na psicoterapia com crianças e jovens se poderá abordar, explorar e ajudar a desenvolver estes conceitos de Escolha, Liberdade e Responsabilidade? Como é que o clínico poderá agir como elemento privilegiado na vida de uma criança ainda muito dependente dos outros, e do mundo que a rodeia? Porque será importante o clínico estar atento a estas temáticas? Serão apresentadas adaptações à prática clínica que poderão ser úteis no trabalho efectuado com crianças e jovens. Por exemplo: o papel do terapeuta em relação aos outros na vida da criança, a escolha das actividades a desenvolver na sessão, os materiais que poderão ser utilizados, e o “treino” da Escolha, situada em liberdade e responsabilidade, no contexto psicoterapêutico.

Palavras-chave: Ser-no-mundo; Criança; Escolha; Liberdade; Responsabilidade



SESSÃO COORDENADA



O ADOECIMENTO PSÍQUICO NA CONTEMPORANEIDADE E O MITO DA PRODUTIVIDADE

Elina Eunice Montechiari Pietrani (UERJ)

O presente trabalho tem como objetivo refletir acerca dos aspectos que se instauram na base da relação do homem com o trabalho. Sabemos que a existência se constitui em meio às determinações do horizonte histórico em que o existente se encontra. O trabalhador, como existente, depara-se na era da globalização e da preponderância pela técnica, situação esta repleta de exigências por metas e desempenhos, cujo cumprimento, muitas vezes, parece inatingível. Além disso, essas exigências articulam-se mediadas por condições precárias de trabalho e pelo temor constante do desemprego. Tudo isso parece uma fonte inesgotável de tensão, que coloca o homem em constante paradoxo com sua existência. Aqui lançaremos questões acerca dos transtornos psicopatológicos atuais face às tonalidades afetivas que surgem no contexto do trabalho, cujas queixas podem ser cada vez mais observadas na clínica atual. A concepção de doença aqui relacionada encontra respaldo no pressuposto de “eu” como um ser eminentemente constituído em uma historicidade, na qual inclui a saúde e a doença como maneiras de respostas à lida desse cotidiano. Na inseparabilidade homem-mundo, que forma uma unidade e em constante relação, o adoecer, nessa concepção, implica um desfuncionamento dessa unidade e coloca o homem em conflito com sua existência, emergindo daí as perturbações. O horizonte histórico, aqui retratado, se constitui como uma realidade sócio-econômica própria, que atravessa a existência humana como uma condição “natural” ao próprio contexto, para o qual deve o homem dar sua “contribuição”. Essa concepção “natural” de produtividade forja a angústia e a culpa no homem em sua relação com o trabalho, vivendo um paradoxo entre o aprisionamento dessa conjuntura e a indeterminação de sua existência. Assim, a importância de se pensar a clínica a partir do tema do trabalho na contemporaneidade, remete a uma busca pela desconstrução dessas prescrições advindas através do mundo atual e que permita ao homem rearticular seu existir no âmbito da esfera profissional, desvelando suas próprias possibilidades dentro desse contexto.

Palavras-chave: transtornos psicopatológicos; relações de trabalho; contemporaneidade.



PRÁTICA PSICOLÓGICA EM SAÚDE: ATENÇÃO E CUIDADO

Ana Maria de Santana (UPE)

A proposta deste estudo é problematizar a prática do psicólogo clínico no âmbito da atenção psicológica em saúde junto ao usuário da Rede Pública. Tem como objetivo tematizar a práxis do psicólogo em procedimentos de atenção às demandas comunitárias por cuidado no âmbito ambulatorial. O fazer psicológico em suas diversas formas de intervenção vem se revelando como modalidade de atenção ao sofrimento de atores sociais em circunstâncias de crise. A práxis psicológica, sinalizada como atenção, vem sendo estabelecida a partir da experiência clínica, na circunvizinhança de campos disciplinares, engendrando respostas às demandas por cuidado em saúde mental. Tal prática vem se mostrando avessa aos modelos tradicionais que norteavam a atuação de psicólogos no âmbito da saúde. Nas tarefas clínicas atuais, observa-se acentuadas intervenções de natureza preventiva e educativa em que a dialogia com o comunitário se faz necessária por engendrar interlocuções norteadoras a promoção do cuidado. Desse modo, urge a motivação para refletir sobre em que comportaria atenção psicológica como ação relacionada à saúde. A especificidade originária e germinativa da prática psicológica, como lugar de acolhimento, mostra-se como processo iniciador, decorrente da experiência, constituindo-se como abertura em que se articulam sentidos do fazer clínico. Nessa compreensão, este estudo recorre a uma metodologia amparada na perspectiva fenomenológica existencial que evidencia a atitude fenomenológica como recuo frente às objetivações do mundo e de si, para uma recuperação do mundo enquanto abertura de sentido. A relevância deste estudo é vista por contribuir como referência às práticas psicológicas em âmbitos de atenção a saúde, onde se constata escassez de leituras norteadoras e representativas do fazer psicológico, podendo favorecer a aprendizagem frente às questões relacionadas à clínica psicológica junto às demandas comunitárias por cuidado, próximo às equipes interdisciplinares.

Palavras-chave: prática psicológica; perspectiva fenomenológica existencial; atenção primária em saúde mental.



A FORÇA DOS ENCONTROS AFETIVOS NA CLÍNICA PARA A EXPERIÊNCIA PESSOAL DO PSICÓLOGO

Luana Costa Chagas (UFS)
Lívia Godinho Nery Gomes (UFS)

A experiência do encontro na clínica favorece a produção de afetos, de modo que a relação terapêutica pode gerar novas formas de viver. O encontro autêntico do Eu-Tu favorece uma relação dialógica na qual tanto o psicólogo quanto o cliente são afetados. Assim, a terapia configura-se como um espaço singular de abertura protegida pelo vínculo, através do qual o novo, o estranho, pode surgir. A maneira de viver das pessoas está relacionada com as conexões que elas estabelecem entre si, de modo que o corpo pode ser modificado no sentido de ter sua capacidade de agir elevada ou diminuída. Ou seja, quanto mais experimentarmos as relações com as pessoas, maior é a possibilidade de sermos afetados e, logo, poderemos atingir uma dimensão ética da existência que diz respeito ao reconhecimento do que é bom ou ruim para nós. Em um movimento de reflexão, isso nos possibilita empregar esforço no que fortalece nosso conatus, tornando-nos causa adequada de nossas ações. Na teoria espinoseana, o conatus é a força afirmativa que nos impulsiona a viver, que pode ser alterado no encontro com os outros. Desse modo, é relevante refletirmos sobre o que nos afeta, já que o afeto permeia nossas ações, pois nossa atuação como psicólogos não é neutra. Uma atuação ética consiste na reflexão do psicólogo sobre sua própria vida, de forma tal que ele possa reconhecer a potência que o faz perseverar em seu ser. Diante disso, o objetivo deste trabalho foi compreender como os encontros na clínica podem afetar a experiência pessoal do psicólogo. Utilizou-se o método fenomenológico, que permitiu entrar em contato com as narrativas dos psicólogos clínicos, alcançando o que foi vivido por eles permeado por valores e percepções presentes naquele momento. Percebeu-se que nem sempre as experiências produzidas pelos encontros na clínica são refletidas pelos psicólogos, mas os que identificam as influências da relação terapêutica Eu-Tu na sua vida pessoal agem de forma transformadora no seu cotidiano, reinventando modos de existir no mundo. Como parte desse movimento, as afetações do psicólogo têm implicações na prática clínica psicológica.

Palavras-chave: Clínica; Psicólogo; Afeto; Método fenomenológico; Relação



CLÍNICA E CONTEMPORANEIDADE: A CONSTITUIÇÃO DA SUBJETIVIDADE NO CONTEXTO DO MULTICULTURALISMO

Taís de Lacerda Gonçalves (UERJ)

Tendo como ponto de partida a preocupação com os obstáculos encontrados pelo psicólogo ao buscar construir uma prática clínica que supere a tradicional dicotomia entre sujeito e cultura, proponho elaborar uma reflexão interdisciplinar que permita abrir caminhos de enfrentamento desta problemática na contemporaneidade. Nesse sentido, faço uma articulação entre a perspectiva fenomenológico-existencial do filósofo francês Jean-Paul Sartre e as reflexões de autores que discutem o processo de constituição da subjetividade no contexto do multiculturalismo, com destaque para as idéias de Stuart Hall e Tzvetan Todorov. Considero que este diálogo interdisciplinar pode contribuir para a criação de novas ferramentas teórico-metodológicas que auxiliem o psicólogo na construção de uma prática clínica capaz de conceber o cliente como produto e produtor da cultura. Acredito que tal ponto de vista permite ao profissional compreender que as vivências do sujeito não surgem em um “vazio social”, mas sim, estão constantemente atravessadas pelas questões éticas postas em cena pela cultura. Situado em um horizonte de sentidos múltiplo e complexo, o homem contemporâneo se apropria ativamente das respostas produzidas por seu tempo para lidar com os conflitos e possibilidades que surgem no encontro com a liberdade do outro. Ao discutir esse processo de constituição da sujeito em um contexto marcado pela convivência com culturas diversas, busco colaborar para uma clínica fenomenológico-existencial capaz de considerar o cliente relação indissociável com o processo histórico no qual está inserido. Tal qual fez Jean-Paul Sartre no período em que viveu, defendo que o psicólogo clínico deve estar constantemente atento às nuances e complexidades próprias ao seu tempo, assumindo o compromisso de manter viva a reflexão sobre as questões que surgem no horizonte da cultura.

Palavras-chave: clínica; contemporaneidade; subjetividade; multiculturalismo.



HEIDEGGER E GADAMER: REFLEXÕES FENOMENOLÓGICO-HERMENÊUTICAS NA CLÍNICA PSICOLÓGICA

Danielle de Gois Santos_(UFF)

O presente trabalho desenvolve a noção de hermenêutica tematizada na perspectiva fenomenológico-hermenêutica do filósofo Martin Heidegger, além disso, são destacadas as discussões levantadas pelo filósofo Hans-Georg Gadamer a respeito da temática da hermenêutica. Os filósofos contribuem para os estudos sobre clínica psicológica e método fenomenológico por viabilizarem compreensões dos modos de ser do homem na contemporaneidade. Este trabalho incentiva reflexões a respeito da clínica psicológica a partir de um olhar fenomenológico-hermenêutico de modo crítico e investido de atenção. A noção de hermenêutica desenvolvida, neste trabalho, admite-a como um exercício que contribui na reflexão de nossos modos de existir a partir de experiências cotidianas. O recurso de revisão bibliográfica retoma obras desenvolvidas por Heidegger e Gadamer, respectivamente, *Ser e tempo* (1999) e *Verdade e método* (1998). A ênfase no caráter hermenêutico acrescenta ao método de descrição dos fenômenos o caráter da interpretação. O método fenomenológico-hermenêutico evidencia o fenômeno em nosso cotidiano destacando aquilo que na maioria das vezes se encontra oculto em teorias e conceitos prévios às nossas experiências. O filósofo alemão Gadamer foi referido neste trabalho como um dos estudiosos dedicados a pensar a hermenêutica e, ao lado de Heidegger, desenvolve o que se mostra um desafio para as ciências do contemporâneo, pois insere em suas formulações uma atenção aos exercícios compreensivos e interpretativos. Gadamer auxilia retomarmos a proposição heideggeriana de diferença ontológica. As contribuições dos filósofos alemães compartilham um entendimento de que as ciências modernas, por exemplo, a psicologia, baseadas em um modo metafísico de fazer ciência, não são naturais como costumamos pensar. Ao sugerir a hermenêutica como intermediação entre homens e suas experiências, não estamos desconsiderando categorias e noções científicas formuladas anteriormente. Ao contrário, trata-se de acrescentar as conceitualizações presentes em diferentes ciências os exercícios de pensar, meditar, refletir como relevantes nas formulações de nossos entendimentos sobre relacionar-se.

Palavras-chave: Método fenomenológico-hermenêutico; Gadamer; clínica psicológica.



CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS ACERCA DAS CONTRIBUIÇÕES DO PENSAMENTO SARTREANO À CLÍNICA GESTÁLTICA

Magno Cezar Carvalho Teófilo (UNIFOR)

Aline Nogueira de Lira (UNIFOR)

Georges Daniel Janja Bloc Boris (UNIFOR)

Trata-se de discutir algumas contribuições teóricas do pensamento sartreano à prática da clínica da gestalt-terapia a partir das concepções de projeto de ser e de má-fé. Sartre propõe que pensemos os fenômenos humanos à luz de princípios histórico-dialéticos, compreendendo o homem como uma totalidade. Sendo um psicoterapeuta fenomenológico-existencial, o gestalt-terapeuta entende que lida com sujeitos concretos, situados no mundo e atravessados por uma temporalidade, devendo considerar as condições materiais, antropológicas e sociais que os determinam e a forma como delas se apropriam, destacando, assim, a sua dimensão subjetiva, isto é, sobressaindo a direção da construção de seu projeto de ser, numa apropriação subjetiva de tais condições objetivas. O homem é, antes de tudo, aquilo que projeta ser. É um ser que se lança à frente. Constrói seus valores e sua subjetividade a partir de seus atos. Contudo, na má-fé, o sujeito engana a si mesmo e se desconhece, ao se confrontar com seu dever. Para a gestalt-terapia, o contato e a awareness são processos integradores que interpelam o sujeito em sua relação com o outro e o contextualizam no mundo, sendo, portanto, recursos significativos que favorecem com que o paciente seja confrontado com os temas existenciais acima destacados. Este trabalho partiu de uma pesquisa bibliográfica centrada nas obras *O Ser e o Nada* e *O Existencialismo É um Humanismo*, de Sartre, e da obra central de Fritz Perls, com Ralph Hefferline e Paul Goodman, *Gestalt-Terapia*. O trabalho destaca que o psicoterapeuta gestáltico busca facilitar o contato e o continuum de awareness de seus pacientes, compreendendo-o num constante movimento de abertura para a integração das partes alienadas de si mesmo, possibilitando que realize seu projeto de uma existência autêntica no mundo.

Palavras-chave: Jean-Paul Sartre; gestalt-terapia; projeto de ser; má-fé; contato.



SUPERVISÃO DE ESTÁGIO E ATITUDE PSICOTERAPÊUTICA NUMA PERSPECTIVA EXISTENCIAL

Celina Maria Aragão Ximenes (UNICAP)

Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto (UNICAP)

Nas últimas décadas, o sofrimento humano vivido por milhares de pessoas no mundo inteiro tem sido alvo de inúmeras discussões, nas esferas públicas e privada, por estudiosos de diversas áreas, e, mesmo por leigos que, afetados por esse mal estar contemporâneo, tentam solitários e precariamente minimizar seus conflitos. Nesse contexto, marcado basicamente por expressivas desigualdades sociais, evidenciamos um inevitável e progressivo aumento de pessoas, de diferentes classes, demandando atendimento psicológico. Assim, somos instigados a redefinir a clínica psicológica, em especial, as nossas estratégias de intervenção de modo a confirmarmos o nosso compromisso ético junto àqueles que, em busca de sentido, clamam por melhores condições de vida. Na condição de supervisoras de estágio, preocupadas com os desdobramentos dessa questão e, sobretudo, com os diferentes estados de adoecimento existencial, comumente presentes na clínica psicológica, este trabalho pretende refletir sobre o significado da atitude psicoterapêutica no processo de formação de estagiários no âmbito acadêmico, à luz da vertente fenomenológico-existencial, como uma possível proposta que favoreça o redimensionamento desse horizonte de constituição de sentidos outros. Inspiradas em alguns escritos do pensamento heideggeriano, incluindo as contribuições da *daseinsanalyse* e de estudiosos que explicitam as suas intervenções clínicas a partir de tal pensamento, acreditamos que a efetiva ênfase na afetabilidade do psicoterapeuta em formação durante as atividades de supervisão, em detrimento da mera orientação de aplicabilidades técnicas, talvez represente para a clínica psicológica a possibilidade de uma proposta antenada com a experiência daqueles que em seu sofrimento necessitam ser cuidados.

Palavras-chave: atitude psicoterapêutica; supervisão de estágio; clínica *daseinsanalítica*; fenomenologia-existencial.



PSICODIAGNÓSTICO COLABORATIVO: CONTRIBUIÇÕES DA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL

Danielle de Fátima da Cunha Cavalcanti de Siqueira Leite¹ (UNICAP)
Carmem Lúcia Brito Tavares Barreto² (UNICAP)

O Psicodiagnóstico, como modalidade de prática psicológica, surge com a Psicologia Clínica, sobre influência do paradigma positivista-tecnista. A princípio, voltou-se para a investigação e quantificação dos processos mentais, tendo como instrumento os testes psicométricos. Ao longo dos anos, foram acontecendo algumas rupturas que possibilitaram diversos modos de pensar/fazê-lo. Nessa direção, ao ressaltar a compreensão do Psicodiagnóstico como prática interventiva – que não considera apenas o valor investigativo, mas destaca seu valor compreensivo e terapêutico – Yehia aponta para a dimensão colaborativa, concebendo esta modalidade de prática psicológica como um processo de co-participação. Nessa direção, objetivou-se ampliar a compreensão dessa dimensão colaborativa a partir da articulação da Ontologia do Ser de Heidegger a Hermenêutica Filosófica de Gadamer. Sua base fenomenal residiu no relato oral das experiências clínicas de quatro psicólogos que atuam com o Psicodiagnóstico com famílias na perspectiva da fenomenologia existencial. As narrativas foram analisadas segundo a Analítica do Sentido, proposta metodológica de compreensão do real desenvolvida por Dulce Critelli. Tal procedimento possibilitou refletir a dimensão colaborativa do Psicodiagnóstico Interventivo implicada na conversação entre psicólogo e cliente ou entre os clientes que participam do Psicodiagnóstico em grupo. Na linguagem gadameriana, toda conversação não se mostra como mera troca de opiniões; para que aja verdadeiramente diálogo é necessário que os parceiros se encontrem abertos à possibilidade de modificação proveniente do diálogo. Para tanto, é necessário uma disposição afetiva de abertura e acolhimento do outro na sua alteridade, o que pressupõe a presença inicial de determinações prévias – horizonte prévio de cada participante. Nessa direção, a dimensão colaborativa é compreendida como “fusão entre os horizontes”, na qual cada componente se determina a partir do modo como se integra ao outro, permitindo uma compreensão outra, comum sobre o fenômeno interrogado. Tal jogo possui uma ação central na hermenêutica gadameriana e, na prática clínica do Psicodiagnóstico, possibilita encontrar outras possibilidades compreensivas que conduzam a outros modos de agir e de lidar com o sofrimento. Tais resultados contribuem para repensar a ação do psicólogo, ampliando as possibilidades de acolher famílias e crianças no contexto das instituições de saúde.

Palavras-chave: prática psicológica; co-elaboração; fusão de horizontes.



INTERVENÇÃO PSICOLÓGICA NAS DELEGACIAS DA MULHER: HÁ ESPAÇO?

Leilane Almeida Paixão (UNICAP)
Carmem Barreto (UNICAP)

Este trabalho objetiva cartografar o atendimento realizado pelas Delegacias Especializadas em Atendimento à Mulher (DEAM) na tentativa de identificar a possibilidade de acolher uma intervenção psicológica pautada num posicionamento ético-político, de cuidado e abertura. Sabemos que a relação de cuidado dá-se a partir da afetação inevitável entre o mundo, o outro e nós mesmos. Os modos de vida contemporâneos, contudo, parecem dar as condições de possibilidade para que o cuidado se apresente como descuido ou mera ocupação. Envoltos num processo de crescente automatização e massificação, parecemos cada vez mais mergulhados na inautenticidade, distantes de nós mesmos e dos outros. Diante desse contexto, ao nos depararmos com instituições que lidam com a violência, surpreendemo-nos com o descaso em que muitas vezes estão imersos tanto os profissionais que lidam diariamente com o sofrimento humano, quanto os usuários que buscam por direitos, cuidado e proteção. A partir de experiências de estágio e pesquisa em duas DEAM de Pernambuco, identificamos a necessidade de um serviço de psicologia que possa acolher o sofrimento em sua emergência e possibilitar o encaminhamento das decisões e atitudes necessárias. Tal proposta fundamenta-se na constatação da falta de acolhimento voltado para a complexidade e especificidade dos casos atendidos. Muitas vezes, por despreparo e pela exposição constante à violência, os policiais não conseguem lidar com o sofrimento que lhes chega a partir de uma compreensão sensível e contextualizada. Por vezes, as mulheres que buscam o serviço, assim como os homens denunciados por violência, não encontram um espaço de escuta para além do registro da ocorrência e, conseqüentemente, não conseguem encaminhar possíveis soluções para a situação. Por se constituir enquanto uma das portas de entrada da rede de combate à violência contra a mulher, a DEAM tem um importante papel ético-político a cumprir. Tendo em vista que essa entrada na rede pode se finalizar na própria DEAM, uma vez que não há garantia de que as pessoas darão continuidade ao processo, enfatiza-se a importância de uma outra escuta aberta por uma intervenção psicológica. Nesse sentido, a psicologia clínica fenomenológica existencial pode propor modalidades de prática psicológica atravessada pelas dimensões ético e política.

Palavras-chave: Intervenção psicológica; Cuidado; Delegacias Especializadas em Atendimento à Mulher.



PSICODIAGNÓSTICO INTERVENTIVO: MODALIDADE DE ATENÇÃO E CUIDADO

Gabriella Weiss de Siqueira (UPE)

Ana Maria de Santana (UPE)

Poliana Dias de Oliveira (UPE)

Tercio Rocha Pimentel de Sales (UPE)

Atualmente, a clínica escola da Universidade de Pernambuco-UPE, recebe muitas crianças que apresentam demandas por cuidado em Psicologia Clínica. Encaminhadas por várias organizações sociais e por comunitários, são acolhidas inicialmente e aguardam posteriormente serem chamadas para o atendimento psicológico. Em sofrimento a criança solicita atenção imediata sendo necessário ampliar procedimentos de cuidado que possam responder, com certa urgência, o que se revela como sofrimento, garantindo o acesso da criança às intervenções que auxiliam a promoção de sua saúde e bem estar. O Psicodiagnóstico Interventivo como modalidade de prática psicológica, se mostra como acolhimento e atenção clínica a criança e seu familiar, ampliando a promoção do cuidado e atendendo Diretrizes da Política Nacional de Saúde que elege o acolhimento como apoio ao sujeito em crise. Este estudo tem como propósito comunicar, sistematicamente, sobre atenção psicológica frente ao sofrimento infantil, por meio do Psicodiagnóstico Interventivo. Trata-se de uma reflexão teórica acerca da experiência clínica junto às crianças nas atividades do Projeto de Extensão PFA2012/UPE. Nesse sentido, recorreu-se ao método fenomenológico como via de compreensão ao que se apresenta na situação clínica. O Psicodiagnóstico Interventivo encontra-se inserido na Perspectiva Fenomenológica Existencial em Psicologia com ações voltadas para o cuidado junto a comunitários. Revela-se como atenção significativa para uma clínica que se mostra social. Lembrando MORATO (2008), a escuta e o disponibilizar-se do psicólogo, mais do que intervenções verbais de caráter explicativo/racional, se oferecem como *ente-a-mão* que poderá ser usado singularmente no que precisa ser cuidado – a existência. A ação clínica rompe com o modo de contato na concepção técnico-explicativa. Constitui-se numa disponibilidade para acompanhar o outro no cuidar das suas possibilidades próprias, dispondo delas livremente e com responsabilidade. A pesquisa encontra-se em andamento e o que vem sendo sinalizado é um contraditório no que diz respeito às queixas assinaladas pelo familiar, não reveladas no comportamento da criança em situação grupal nas atividades lúdicas. Dessa feita, interroga-se acerca do sentido que o familiar vem elaborando frente à experiência de sofrimento de sua criança.

Palavras-chave: Atenção psicológica; Psicodiagnóstico Interventivo; perspectiva Fenomenológica Existencial.



IDEAIS SIMMELERIANAS SOBRE AS INFLUÊNCIAS DO DINHEIRO NA SUBJETIVIDADE: CONTRIBUIÇÕES PARA A PSICOLOGIA CLÍNICA

Yuri Andrei de Jesus Morais (UFMA),
Jean Marlos Pinheiro Borba (UFMA).

Apresentam-se algumas das principais ideias da sociologia e da psicologia de Georg Simmel capazes de auxiliar a compreensão das influências do dinheiro nas relações sociais e interpessoais, para isso são destacadas como unidades de significado: a racionalidade contábil, a intelectualidade, a posse e a economia monetária na vida moderna. Partiu-se do levantamento bibliográfico de alguns escritos de Georg Simmel diretamente relacionados com o dinheiro, à cultura moderna e sua relação com a subjetividade, seguindo-se da leitura, esquematização e descrição das unidades de significado que melhor representam seu pensamento e que podem auxiliar na compreensão de questões contemporâneas. O trabalho tem como objetivo apontar as possíveis contribuições das reflexões simmelerianas sobre as consequências do dinheiro no homem e em suas relações pessoais e sociais, fornecendo ao psicólogo clínico subsídios teóricos para compreender as possíveis “influências” que a cultura monetária exerceu e ainda exerce na subjetividade do homem contemporâneo. Para G. Simmel o mundo moderno consolidou a economia monetária, a racionalidade contábil e a impessoalidade do agir econômico como estratégias para construir modos de ser e estar no mundo mediado sempre pelo dinheiro. Parte-se da percepção de que, no mundo-da-vida, o dinheiro exerce influência direta no tipo de “personalidade” dominante na cultura contemporânea, quer como elemento de liberdade, quer como agente opressor desta.

Palavras-chave: dinheiro; contemporâneo; subjetividade; racionalidade contábil.



CORPO E BELEZA: UMA ANÁLISE SOBRE A EXPERIÊNCIA DO CORPO NA CONTEMPORANEIDADE

Jurema Barros Dantas (UVA/RJ) ;
Celina Moreira Mesquita Mercio Figueira (UVA);
Lara Paes Leme Mattos (UVA)

Esta pesquisa, pertencente ao Projeto de Iniciação Científica da Universidade Veiga de Almeida, conta com a participação de duas alunas do Curso de Psicologia. Esta pesquisa, de caráter eminentemente bibliográfico, pretende revisar criticamente a literatura científica que aborda temas atinentes ao corpo, sobretudo, as influências da Fenomenologia e do Existencialismo e literatura sobre o culto ao corpo na contemporaneidade; discutir a apropriação do corpo e sua influência nos modos de ser na atualidade. Pensar o modo como a valorização do corpo vem se tornando o imperativo do viver contemporâneo, ou melhor, um imperativo na *Era da Técnica*, parece ser fundamental. O culto ao corpo se mostra como característica de nosso horizonte histórico e, encontra-se assentado, na busca diária por um corpo perfeito capaz de superar problemas e corresponder expectativas. Visto como objeto que pode ser manipulado ou modificado, o corpo se torna polo de profundos desejos e grande objeto de investimento. Há um desejo de modificar-se para mostrar-se perfeito ao mundo a partir de padrões oferecidos. A beleza parece ser algo inatingível e sempre pertencente a outro. A procura por medidas perfeitas torna o corpo um objeto passível de intervenção, manipulação e controle. Neste horizonte da *Técnica*, não é a relação entre corpo e beleza que se torna a matriz do problema, mas sim o reconhecimento desse corpo apenas pelo padrão de beleza previamente estabelecido e construído historicamente, bem como pela apropriação deste corpo como um objeto comum ou mercadoria que eu posso idealizar, escolher e obter. O suposto sacrifício exigido para modelar o corpo é compensado pela crença no sucesso futuro. O corpo é apresentado como ferramenta indispensável na realização dos ideais da aparência, da ostentação e do bem-estar na atualidade. O corpo enquanto objeto ou matéria compromete o entendimento do fenômeno do existir humano. Nesta pesquisa, corpo é sempre um corporar que se opõe à mensurabilidade ou ao controle pois refleti meu modo-singular-de-ser-no-mundo, o horizonte existencial no qual permaneço. Assim, queremos problematizar a experiência do corpo como constitutiva à própria experiência de ser-no-mundo, como um modo de analisar nosso projeto existencial e nossa condição de abetura de sentido.

Palavras-chave: Corpo; Beleza; Técnica; Contemporaneidade.



“A FINITUDE NA CONTEMPORANEIDADE À LUZ DE JOSÉ SARAMAGO: “AS INTERMITÊNCIAS DA MORTE”

Jurema Barros Dantas (UVA/RJ);
Ivane da Silva Santos (UVA);
Felipe de Oliveira Silva (UVA);
Sérgio Carvalho dos Santos (UVA)

Esta pesquisa, pertencente ao Projeto de Iniciação Científica da Universidade Veiga de Almeida, conta com a participação de três alunos do Curso de Graduação em Psicologia. Esta pesquisa, de caráter bibliográfico, pretende revisar a literatura científica que aborda o tema da morte, sobretudo, as influências da fenomenologia e do existencialismo; aproximar a obra “As intermitências da morte” de José Saramago da perspectiva existencial; discutir a apropriação da finitude e sua influência nos modos de ser na atualidade. Pensar a finitude na atualidade é fundamental, tendo em vista a nossa inserção desenfreada, em modos de ser que buscam cada vez mais a evitação da mesma. Morrer passou a ser um processo quase criminoso, um processo que devemos não pensar, não falar e, muito menos, experienciar. Refletir sobre a finitude envolve discussões acerca da existência e, para isso, nos basearemos na obra de Saramago bem como na abordagem existencial. Único ser vivo a ter consciência de sua finitude, o homem busca consolo elaborando teorias sobre a vida e a morte. A vida inclui a morte que o homem sempre rejeita, mesmo tendo consciência da impossibilidade de viver para sempre. A frase “*No dia seguinte ninguém morreu*” inicia as divagações de Saramago a respeito do morrer e do viver. E como no existencialismo a morte não se destaca da vida, nem lhe opõe, as divagações saramaguianas sobre a morte, também tratam da vida, costurando as relações de sentido que a vida sempre tem. Evitamos com todas as forças a morte, temos medo, choramos, sentimos um vazio, mas e se não houvesse mais mortes, se mesmo que por alguns dias, todos experimentassem a condição de ser infinito. Como lidaríamos com a condição de não mais deixar de existir? Esta questão expõe o enredo contemporâneo de evitação de dor e sofrimento. Ao evitarmos a dor e o sofrimento, estamos evitando a própria vida em toda sua fragilidade e beleza. A exatidão de viver e o não reconhecimento de que não se morre apenas uma vez, mas todos os dias e de várias maneiras é a essência de nossas indagações.

Palavras-chave: Finitude; Existência; Contemporaneidade.



UMA DISCUSSÃO SOBRE A FELICIDADE NA ERA DA TÉCNICA

Jurema Barros Dantas (UVA/RJ);

Mariana Milhomem de Almeida (UVA);

Juliana do Amaral Januário da Silva (UVA)

Esta pesquisa, pertencente ao Projeto de Iniciação Científica da Universidade Veiga de Almeida, conta com a participação de duas alunas do Curso de Graduação em Psicologia. Esta pesquisa, de caráter eminentemente bibliográfico, pretende revisar criticamente a literatura científica que aborda o tema da felicidade, assim como as possíveis contribuições da Fenomenologia e do Existencialismo; revisar criticamente a literatura científica que aborda o tema da felicidade no contexto da contemporaneidade; discutir a apropriação contemporânea da felicidade e sua influência nos modos de ser e estar desvelados na contemporaneidade. A pesquisa parte da premissa de que, a felicidade enquanto fenômeno social vêm sendo, gradativamente, apropriada pelo contexto contemporâneo como mercadoria passível de ser adquirida ou consumida de modos diversos. Na *Era da Técnica*, horizonte histórico de sentido onde nos encontramos, há a crença de um possível controle ou domínio da existência. Logo, a felicidade pode ser controlada ou adquirida a qualquer tempo, a qualquer hora desde que achemos o produto que consideremos ser adequado às nossas necessidades. Ser feliz parece ser um desejo imperioso e, o contemporâneo, de forma ávida, tenta sistematicamente criar objetos e alternativas para atender este desejo que, por excelência, será sempre insatisfeito. Assim, a felicidade, quase sempre, costuma ser compreendida como um mero prazer ou uma satisfação de desejos, quando poderia ser vista como um modo de contentamento reflexivo mais profundo, um modo de análise do projeto existencial. A busca por ser feliz sempre fez parte da condição humana, ela apenas parece estar ganhando contornos específicos na *Era da Técnica*, sendo atravessada pelo cálculo, pelo consumo e pela urgência do tempo. Ser feliz sempre e a todo momento parecem ser jargões bem familiares na contemporaneidade. Assim, queremos problematizar o quanto tal experiência pode se mostrar como uma possibilidade humana ou como uma mera obtenção de produtos e bens apresentados pelo nosso horizonte histórico. Tais questões são de imperiosa importância para o campo psi, já que toda e qualquer questão que se pretenda refletir sobre a felicidade, coloca a própria existência como centro de análise e discussão.

Palavras-chave: Felicidade; Técnica; Existência; Contemporaneidade.



ATENDIMENTO EM GRUPO FENOMENOLÓGICO PARA VÍTIMAS DE VIOLAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS

Luís Eduardo França Jardim (USP-SP/ Fenô&Grupos/UNIP-SP)

O objetivo deste trabalho é discutir as possibilidades de elaboração que o grupo de psicoterapia fenomenológica pode abrir para vítimas de violações dos direitos humanos. Com a finalidade de preservar o bem estar social, o Estado é o único órgão que detém o “direito” ao uso da violência contra o cidadão, seja pelas forças policiais ou militares. No entanto, frequentemente, a violência promovida pelo Estado é pautada em parâmetros que ultrapassam os limites dos direitos humanos promovendo danos permanentes às vítimas de sua força. Nos anos da ditadura civil-militar brasileira, foi reforçada a política já existente do uso da tortura para obtenção de informações e repressão às ideias contrárias aos interesses do governo. As vítimas da violência instaurada como política pública sofrem danos que interferem no seu modo de estar no mundo e, em geral, assumem caráter permanente. A psicoterapia de grupo constitui-se como um encontro que, na relação com o outro, abre a cada um dos membros a possibilidade de sua própria elaboração destas experiências que trouxeram danos coletivos. Para a fenomenologia heideggeriana, somos constituídos a partir das relações com os outros e somente nas relações que acessamos nosso modo de ser. No compartilhamento em grupo, entrarmos em contato com nossas próprias referências de mundo, que determinam nosso existir e nossa compreensão de si mesmo. No microcosmo compartilhado do grupo, a escuta fenomenológica abre para que cada membro possa acessar os sentidos e o modo como foi e é afetado pela experiência de ter seus direitos humanos violados. E, na medida própria de cada um, possa acessar novos sentidos e/ou elaborá-los.

Palavras-chave: direitos humanos; psicoterapia de grupo; ditadura; tortura; Martin Heidegger.



DA INSEPARABILIDADE ENTRE SOCIAL-CLÍNICA: A EXPERIÊNCIA DE VOLUNTARIADO E A PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICA

Jean Marlos Pinheiro Borba (Centro de Obras Sociais Frei Antônio Sinibaldi)

O atendimento psicoterápico oferecido a pessoas de uma comunidade “carente” nos remeteu a um exercício pessoal e intelectual de compreender como o mundo-da-vida delas se apresenta, é por elas significado e de que maneira pode a psicologia de base fenomenológica contribuir para a reflexão sobre o vivido e de possíveis estratégias de enfrentamento das adversidades que porventura apareçam. A atitude fenomenológica e as contribuições das filosofias da existência são atitudes intelectuais que permitiram ao psicólogo e a pessoa em situação de atendimento pensar, sentir e vivenciar concreta e criticamente a relação que ela estabelece consigo, com os outros e com o mundo. A metodologia permitiu (re) estabelecer a relação consciência intencional-corpo-mundo, de modo que foi possível refletir sobre o vivido e seu significado de modo consciente e não mecânico. A prática do voluntariado propõe ao psicólogo abster-se de um retorno financeiro, assumindo seu papel como colaborador essencial em instituições que tem caráter social. Como modo de contribuir com a promoção do esclarecimento e da saída da atitude natural para uma atitude fenomenológica (reflexiva e crítica) realizaram-se 2. semestre de 2012 atendimento de 5 pessoas em 5 meses da comunidade em questão. A descrição do fenômeno pela pessoa atendida e o método fenomenológico permitiu ao atendido “dar-se conta” (perceber), refletir, compreender a origem do seu sofrimento e responsabilizar-se por suas vivências tomando decisões conscientes sobre as suas escolhas se sobre a maneira que o mundo se apresenta a ela. Ao final do processo às pessoas atendidas afirmam ter conseguido resgatar a autonomia diante das suas escolhas, passando a (des) envolver reflexivamente a capacidade de compreender o sentido que atribuíam à própria vivência e a escolha tomada. Ao final são capazes de reconhecer e esclarecer ao psicólogo que a terapia os permitiu ver diretamente e com atenção sua vida, repensando atitudes, diminuindo o sofrimento e mudando conscientemente o foco do estado de atenção diante da própria vida (atenção concentrada e não mais ingênua). A pergunta: Você já consegue “andar” suas “próprias pernas”? os colocou diante da reflexão e da responsabilidade de assumirem crítica e conscientemente a própria existência, redefinindo seus novos rumos.

Palavras-chave: psicologia; voluntariado; fenomenologia; filosofias da existência; método fenomenológico.



FERIDA QUE NÃO FECHA: TRATANDO ADULTOS VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA SEXUAL INFANTIL NA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA

Helena Pinheiro Jucá-Vasconcelos (UGF),
Luiza Medeiros (CGTSS)

Na prática clínica observa-se um grande número de adultos vítimas de violência sexual na infância. O que surpreende é que isso ocorre mesmo o incesto sendo um tabu e culturalmente não ser aceito o envolvimento sexual entre crianças e adultos. Acredita-se que esse tema é de suma importância e que é necessária maior atenção dos psicólogos clínicos sobre ele. Esse estudo teve como proposta ser uma investigação sobre a clínica de adultos que foram vítimas de violência sexual na infância, principalmente sob a perspectiva da Gestalt-terapia. Além disso, o objetivo foi trazer as contribuições do método fenomenológico nas intervenções, de modo a poder explorar aspectos fundamentais no tratamento. Foram compartilhadas metodologias e ferramentas para que o terapeuta possa encorajar seu cliente a tomar consciência de sua história, fazer contato com suas antigas feridas, integrá-las ao presente e, assim, encontrar um novo caminho em direção a uma maior fluidez em sua vida. Para alcançar os objetivos propostos foram apresentados relatos de atendimentos e de supervisões de onde foram extraídas intervenções em situações clínicas. Foram feitas também reflexões à luz da compreensão holística e fenomenológica da Gestalt-terapia. A partir da prática clínica, pôde ser observado que havia conexão entre a violência sexual sofrida na infância e os sintomas físicos, psicológicos e comportamentais que foram trazidos como queixa no início do processo terapêutico. A perspectiva humanista desta abordagem identifica o sintoma como um ajustamento criativo, ou seja, uma criação sábia da pessoa em busca de se harmonizar no campo organismo/ ambiente. Levando isso em consideração, compreende-se o cliente como um organismo criativo. Do que foi exposto, foi assinalada a importância do psicólogo clínico em estar atento aos fenômenos trazidos na relação terapêutica. Estes, ao mesmo tempo em que revelam, podem trazer consigo o anúncio de algo a mais, que até então estava oculto, ou seja, a história do abuso. Essa revelação possibilita, principalmente, que o sofrimento, antes não reconhecido como fruto também dessa história, possa ser cicatrizado.

Palavras-chave Fenomenologia; Violência sexual; Infância; Gestalt-terapia



DIFERENTES CONCEPÇÕES DE EMPATIA: CONTRIBUIÇÕES DA FENOMENOLOGIA DE MICHEL HENRY

Maristela Vendramel Ferreira (USP)

O conceito de empatia, *Einfühlung*, foi introduzido por Theodor Lipps no início do século XX como a capacidade de reconhecer o outro como um ser humano. Já nesta época se estabelece uma discussão na qual Edith Stein, Edmund Husserl e Max Scheler tecem críticas à teoria de Lipps, pois esta era alicerçada em componentes imitativos, projetivos e expressivos além de possuir um caráter instintual. Stein, Husserl e Scheler desenvolvem uma noção de empatia distinta à de Lipps na qual esta se configura como uma forma de intencionalidade direcionada à experiência da alteridade e rejeitam a imitação e o contágio emocional como aspectos relevantes à empatia. Subsequentemente, Stein e Husserl prosseguem numa controvérsia com Scheler sobre como se configura o ato empático. Devido à importância da empatia para a intersubjetividade este trabalho tem como objetivo discutir os conceitos cunhados por Lipps, Stein, Husserl e Scheler e abordar como ela pode ser compreendida dentro dos pressupostos teóricos da Fenomenologia da Vida de Michel Henry. Buscamos compreender como a empatia ou conhecimento do outro e de seus estados psíquicos se delineiam na fenomenologia de Henry e o que esta fenomenologia poderia contribuir para um maior entendimento deste conceito. As noções de como somos constituídos na vida, no *pathos* e a passibilidade, são fundamentais para delinear a empatia do ponto de vista henriano.

Palavras-chave: Empatia, Intersubjetividade, Michel Henry, fenomenologia.



EMPATIA E ESTRUTURA DA PESSOA HUMANA NA FENOMENOLOGIA DE EDITH STEIN E NA PSICOTERAPIA

Andrés Eduardo Aguirre Antúnez (USP)

Os estudos sobre a *estrutura da pessoa humana* e a *empatia* têm ampliado a compreensão do paciente cuidado em psicoterapia em minha prática clínica, no ensino e na pesquisa. Esses estudos me convidaram a uma desconstrução da terapia do psíquico. A partir de Edith Stein encontrei uma postura diante do outro e de nós mesmos que se revela mais próxima à realidade do vivido, que os estudos em psicologia e psicanálise. A pessoa humana compreendida em corpo, psique e espírito, amplia a noção de Homem na Psicologia. O estudo sobre empatia de Edith Stein, orientada por Edmund Husserl, reposiciona o modo de estar com o outro na clínica. Anterior à simpatia e antipatia, a empatia é um modo de conhecimento da vivência do outro e de si a partir do que acontece na inter-subjetividade. O mundo relacional nos mostra dificuldades que nós seres humanos temos que enfrentar, buscando junto com o outro a potencialidade que lhe é inerente. A partir de Stein, o diagnóstico se volta à experiência vivida. Nesse sentido, todo e qualquer sintoma passa a ser mero coadjuvante diante da complexidade do homem. Edith Stein nos mostrou como é possível lidar com preconceitos de modo ético, a começar pela sua própria história, repleta de sofrimentos e aproximações entre o modo de ser judaico e o católico. A essência comum a esses distintos modos de ser se situa na pergunta: qual o sentido da existência humana? Pretendo com esta exposição refletir sobre as profundas contribuições de Stein para a psicologia clínica a partir do estudo da sua estrutura e da empatia.

Palavras-chave: estrutura da personalidade, empatia, psicologia clínica.



FENOMENOLOGIA E GRUPOS: EXPERIÊNCIA DE UM GRUPO TERAPÊUTICO COM ADOLESCENTES EM INSTITUIÇÃO DE SAÚDE

Natalia Campos Bernardo (UNINOVE)

Luís Eduardo França Jardim (USP-SP/UNIP-SP/Fenô&Grupos)

O presente trabalho tem o objetivo de apresentar a experiência de atendimento psicoterapêutico em grupo com adolescentes em instituição, fundamentado na fenomenologia de Martin Heidegger. A psicoterapia de grupo é uma modalidade clínica que pode trazer benefícios significativos aos membros participantes e às instituições que apresentam grande demanda de atendimento. A instituição de saúde que realizamos os atendimentos conta com grande número de associados e familiares, sendo em sua maioria idosos e adolescentes. Após a análise da demanda psicológica da instituição, percebemos que muitos pacientes adolescentes não contavam com atendimento psicológico devido à grande fila de espera. Entendemos que a adolescência é um momento de grandes transformações e descobertas de mundo. Neste momento de vida as relações se rearticulam e reconfiguram de modo bastante intenso. Um grupo terapêutico, em que as diferenças e particularidades de cada um são aceitas e acolhidas, poderia ser uma rica possibilidade de troca e apropriação de si mesmo. Fundamentada na Fenomenologia-Existencial heideggeriana, a terapia de grupo é um espaço terapêutico que possibilita a auto-revelação e a compreensão dos modos de ser dos pacientes, a partir das relações entre os membros no *aqui-e-agora*. O homem é entendido a partir do mundo no qual está inserido, isto é, das suas relações e de como as compreende. Sendo assim, a terapia em grupo em fenomenologia se constitui como um espaço aberto de relação em que o modo de ser de cada membro pode se revelar, abrindo a possibilidade de ser apropriado e trabalhado pelo paciente. O grupo terapêutico com adolescentes aconteceu em encontros semanais com membros entre 12 e 17 anos de idade, independente do sexo. Nos grupos, os adolescentes puderam se apropriar do espaço da terapia como um lugar para compartilhar experiências e serem escutados nas questões que os mobilizavam. Para a instituição, a criação do grupo pode proporcionar atendimento psicológico aos associados que não tinham a experiência de atendimento e aos que já contavam com atendimento individualizado. Com isso, buscou-se melhorias no âmbito qualitativo e quantitativo dos atendimentos, aumentando a qualidade de escuta e o número de adolescentes assistidos.

Palavras-chave: psicoterapia de grupo; fenomenologia-existencial; adolescentes; Martin Heidegger.



RELATO DE UM ATENDIMENTO HÍBRIDO: ENTRE O CONSULTÓRIO E O ACOMPANHAMENTO TERAPÊUTICO

Maíra Mendes Clini (USP/FMU)

O presente trabalho, fundamentado na fenomenologia de Martin Heidegger, visa apresentar um relato clínico de uma paciente com diagnóstico de esquizofrenia em que a relação terapêutica possibilitou que sua história fosse revisitada e desvelada de um novo modo. Uma das especificidades desse atendimento consiste no fato de ter sido necessário, no desenrolar do processo terapêutico e a partir do modo de ser que se apresentava da paciente, expandir os horizontes tradicionais do consultório. Para além do diagnóstico de esquizofrenia havia uma série de restrições de trânsito pelo mundo que embotavam a vida afetiva e concreta da paciente. Assim, estabeleceu-se novo contrato de Acompanhamento Terapêutico, para que tais restrições pudessem ganhar experiência extra-muros, tendo a psicóloga como testemunha, companhia e interlocutora. Os atendimentos passaram a acontecer nas cercanias do consultório, o que possibilitou trabalhar em tempo real as principais questões da paciente, e fortalecer o vínculo de confiança. Ao longo do processo, a fenomenologia contribuiu com a relação terapêutica de modo a possibilitar um novo olhar para os estigmas, confiança, memória e para os nós de sua própria história, que assolavam a experiência presente. A importância da confiança na relação terapêutica foi fundamental para que aspectos velados da história pessoal da paciente pudessem vir à tona, transformando sua postura em relação ao tempo presente, e abrindo novos horizontes de futuro. Resgatar sua história de vida só foi possível pela duração que se explicitava com a frequência dos encontros terapêuticos: experimentamos, no seio da relação terapêutica, historicidade: presente, passado e futuro da terapia.

Palavras-chave: psicoterapia; fenomenologia; esquizofrenia; acompanhamento terapêutico



O EXISTIR ESQUIZOFRÊNICO NA PERSPECTIVA DASEINSANALÍTICA DE MEDARD BOSS

Thaís de Sá Oliveira (IFEN, ALPE, SPPFE)

A partir da pesquisa das obras de Martin Heidegger e Medard Boss, este trabalho procura compreender o existir esquizofrênico de acordo com a visão da daseinsanálise, entendendo-a como uma maneira de compreender psicopatologia diferente da visão hegemônica do modelo médico. Tal visão compreende o homem como Dasein, um ser lançado no mundo que o rodeia; como abertura de sentido, onde o ser humano se encontra com suas possibilidades. No ser-doente, a patologia se apresenta como uma privação de um dos existenciais – características essenciais do Dasein. A privação ocorrida no existir esquizofrênico é encontrada no âmbito da liberdade, do cuidado e da abertura. Sua restrição de liberdade pode se apresentar de dois modos, sendo a deslimitação o estar-junto-no-mundo percebido como imposto desde fora, causando um sentimento de despersonalização e irreabilidade. Na limitação, o esquizofrênico está restrito em relação ao cuidado com os entes, já que o contato é percebido como aniquilante e perigoso. As manifestações esquizofrênicas são explicadas pela privação dos existenciais relacionada com o existir esquizofrênico. No delírio, a falta de limite do indivíduo o leva a ser absorvido pelo que se apresenta no mundo. A alucinação consiste um modo específico de entender as coisas e as pessoas, caracterizado pela intensidade como estas se apresentam e pela falta de liberdade do indivíduo em relação a elas. Os distúrbios da percepção visual são relacionados com o fechamento e a redução do existir esquizofrênico. A perturbação do sentimento do eu e a despersonalização ocorrem por causa da incapacidade do indivíduo de perceber e sentir seu existir como seu para poder assumir suas possibilidades. A perturbação da afetividade se expressa através do embotamento como uma maneira específica de se relacionar consigo mesmo e com o que se apresenta no mundo. Já o autismo se daria pela incapacidade de ser aberto e responsivo às solicitações do mundo. Por tanto, o existir esquizofrênico se caracteriza pela incapacidade de responder ao que se apresenta no mundo e de manter alguma liberdade diante de sua percepção. Absorvido, o indivíduo não consegue manter um si mesmo livre e autônomo, ocorrendo ruptura de si mesmo e do seu mundo.

Palavras-chave: Daseinsanálise; Esquizofrenia; Dasein.



A PRÁTICA DO PSICÓLOGO E O CUIDADO: A EXPERIÊNCIA VIVIDA NUMA CLÍNICA-ESCOLA DE FORTALEZA

Renata Bessa Holanda (UNIFOR)

Ana Maria Ferreira Alves (UNIFOR)

Fernanda Gomes Lopes (UNIFOR)

Liliane Brandão Carvalho (UNIFOR/UFC/UECE)

Virginia Moreira (UNIFOR)

As práticas psicológicas têm apresentado novas configurações advindas de necessárias e processuais transformações no saber clínico tradicional a partir da emergência do paradigma biopsicossocial. Admitindo a psicologia inserida no âmbito da saúde coletiva, percebemos a importância de apropriarmos-nos do conceito de cuidado – bastante discutido nesse campo – entendido como atitude e dispositivo ético para além da técnica, a fim de problematizarmos os serviços de psicologia ainda na graduação. Serviços que ocorrem no espaço da clínica-escola, locus de experimentação do ser profissional e de criticidade dos alunos. Objetivamos neste estudo compreender o cuidado a partir da experiência vivida de estagiários da clínica-escola SPA/NAMI – Serviço de Psicologia Aplicada, da Universidade de Fortaleza, através da lente da ética da alteridade radical de Lévinas. Intencionando acessar a experiência vivida dos informantes, alunos das disciplinas de estágio da ênfase de Processos Clínicos e Intervenções em Saúde da grade curricular do curso, realizamos uma pesquisa qualitativa, utilizando método fenomenológico a partir de uma perspectiva crítica-interpretativa da hermenêutica de Gadamer. Como instrumento utilizamos a entrevista semi-estruturada, composta de três perguntas norteadoras: “Como é pra você ser estagiário em clínica na clínica-escola?”, “A partir dessa sua prática na clínica-escola, como você define o cuidado?” e “Como você vivencia esse cuidado que você definiu na sua prática na clínica-escola?”. Construimos uma rede interpretativa, a partir de leituras exaustivas das entrevistas e categorizações, composta por temas, dimensões e subdimensões a fim analisarmos as falas surgidas. Nos depoimentos emergiram significados variados acerca da vivência e do conceito de cuidado bem como sobre a experiência de ser estagiário. Percebemos o cuidado como acolhimento, respeito e responsabilidade à alteridade do usuário, percebendo-o como sujeito integral. Compreendemos ainda o quão é fundamental valer-se da clínica-escola como possibilidade para reflexões acerca do cuidado visando formar profissionais éticos e compromissados com o outro.

Palavras-chaves: formação profissional; cuidado; clínica-escola; método fenomenológico.



PLANTÃO PSICOLÓGICO EM DELEGACIAS ESPECIALIZADAS DE ATENDIMENTO A MULHER: UMA COMPREENSÃO FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL

Darlindo Ferreira de Lima (Univasf)

A violência contra a mulher tem chamado atenção da sociedade contemporânea e apresenta-se como um fenômeno complexo; caracterizando-se por diversas formas de maus tratos, negligências e agressões, sejam elas de ordem física e/ou psicológica. Diante disso, em meados da década de 80, surgiu a Delegacia Especializada de Atendimento a Mulher (DEAM) como espaço alternativo de acolhimento às vítimas da violência de gênero. Mesmo diante do avanço da legislação brasileira e da criação de outros dispositivos nesse âmbito, as DEAM's se constituem instituições de referência na assistência às mulheres em situação de risco. Vale ressaltar que algumas DEAM's contam com equipes multiprofissionais, incluindo o psicólogo, que vem trabalhando sob a modalidade do plantão psicológico. Tal modalidade de atenção ainda é algo recente/inovador tanto para a Psicologia como para a Política de Enfrentamento a Violência contra mulheres. Sendo assim, o objetivo desse estudo foi compreender a experiência do plantão psicológico desenvolvida durante oito meses por sete estagiários nas DEAM's de Juazeiro-BA e Petrolina-PE. Para tanto, utilizou-se como referencial teórico a perspectiva fenomenológica existencial com metodologia qualitativa de inspiração hermenêutica. Ressalta-se que o público-alvo do plantão foi composto por usuárias e agressores. A partir da análise dos dados, compreendeu-se que o plantão é marcado pela sensação de impotência advinda do atravessamento da violência como fenômeno ôntico-ontológico; sendo balizado por intervenções clínicas de acolhimento por meio da escuta, do cuidado e de ações clínicas não entendidas como técnicas modernas, ou seja não possuem a pretensão de controle. Pensar o plantão a partir dessa perspectiva é se dispor a co-construir espaços de criação de sentido/significados para experiências geradoras de profunda angústia e desalojamento existencial.

Palavras-chave: plantão psicológico, intervenção, prática clínica, cuidado, fenomenologia existencial.



A ANALÍTICA DO SENTIDO ENQUANTO MÉTODO NA PESQUISA EM CLÍNICA FENOMENOLÓGICA EXISTENCIAL

Armida Portela D' Albuquerque Lima (UNICAP)

Marcus Túlio Caldas (UNICAP)

Ellen Fernanda Gomes da Silva (UNICAP)

Maria do Socorro Furtado Bastos (UNICAP)

O objetivo desse trabalho é investigar a Analítica do Sentido enquanto método de conhecimento e pesquisa na clínica fenomenológica existencial. Através de revisão bibliográfica foi possível compreender que o movimento de realização do real, pautado neste olhar, ocorre por meio dos seguintes elementos que acontecem em simultaneidade: desvelamento, revelação, testemunho, veracização e autenticação. A Analítica do Sentido, proposta por Dulce Mára Critelli, possui como referência o pensamento de Martin Heidegger e Hannah Arendt, os quais criticam a metafísica enquanto único modo de pensar e interpretar o ser dos entes e a sua verdade. A fenomenologia existencial debruça-se no movimento fenomênico de velamento e desvelamento, afirmando a provisoriedade e a relatividade do mesmo. Nesta perspectiva, a insegurança e fluidez não são falhas no modo de pensar, mas constitutivos e originários do mostrar-se dos entes. O ser, neste sentido, encontra-se na condição de projeto, enquanto sendo, inserido na condição de mutabilidade. No que se refere à pesquisa, não há busca por rotulações em definições pré-estabelecidas, nem generalização das experiências, compreendendo que investigar é sempre colocar em andamento uma interrogação. Deste modo, esta metodologia afirma-se relevante para compreender o sentido do ser, questão central da fenomenologia existencial, articulando-se no âmbito da existência.

Palavras-chave: Pesquisa; Analítica do Sentido; Clínica Fenomenológica Existencial.



QUANDO A CEGONHA VEM? REFLEXÕES ACERCA DE HOMENS QUE VIVENCIAM A INFERTILIDADE

Ellen Fernanda Gomes da Silva (UNICAP) (1)

Carmem L. B. T. Barreto (UNICAP) (2)

Pesquisas em diversas áreas do saber e dados estatísticos de diferentes épocas em culturas variadas apontam para o crescente número da infertilidade como uma questão de saúde pública. Apesar dos avanços no campo médico-científico, no que se refere à problemática da infertilidade, a condição de infértil, muitas vezes, tem se constituído em um anátema. Esse cenário ganha configurações singulares quando associado a questões de gênero e masculinidades, pois, por muito tempo, coube ao homem o dever predominante de procriar e, conseqüentemente, prover moral e economicamente sua prole. Esse contexto atual justifica o presente trabalho, fruto de um projeto maior de pesquisa, cujo objetivo é tecer algumas considerações acerca da infertilidade masculina e do desejo de querer ser pai. Tal investigação, a ser desenvolvida durante o curso de mestrado, seguirá uma orientação fenomenológica existencial. Assim sendo, pretende percorrer os meandros da infertilidade e da reprodução assistida, ao mesmo tempo em que procurará apresentar possibilidades de modalidades de prática psicológica dirigidas para atender a população alvo da pesquisa. Com isso, propõe-se à Psicologia uma postura ético-política de abertura e ampliação de seu campo de ação para com esta realidade, o que pode permitir a construção de um encontro rico de possibilidades.

Palavras-chave: Fenomenologia Existencial; Infertilidade; Masculinidades.



NARRATIVA COMO RESGATE DO VIVIDO

Ellen Fernanda Gomes da Silva (UNICAP) (1)
Armida Portela D' Albuquerque Lima (UNICAP) (2)

A modernidade entronizou a técnica, a liquidez dos relacionamentos e o imediatismo como alguns de seus aliados. Neste cenário, o homem tem perdido a faculdade de trocar experiências, e, consequentemente a capacidade de narrar está a desfazer-se por todas as pontas. Tal conjuntura conduz ao expoente crescimento da informação, apresentando-se como uma nova forma de comunicação, caracterizada pela representação, acessibilidade, efemeridade, impessoalidade e por ser plausível em seu conteúdo. Diferente desta, a narrativa é tida como matéria-prima para o interrogar pretendido que abre espaço para interpretar a história, a própria existência; nela está implicado um movimento de construção e desconstrução, cuja afetação é marca, tal como o vaso tem gravado as marcas da mão do oleiro que o modelou. Nos meandros da pesquisa, a narrativa, denominada de “história oral”, mostra-se como modo de intervenção e possibilidade para que a experiência daquele que a vive transite, circule, abrindo-se para elaboração e criação de sentidos. Sabendo do valor da narrativa como metodologia, este trabalho, via revisão bibliográfica, propõe discuti-la de acordo com a leitura de Walter Benjamin e refletir suas ressonâncias a partir da perspectiva fenomenológica existencial, salientando, assim, seu estatuto histórico o qual possibilita uma ligação entre tradições, memórias e vivido.

Palavras-chave: Experiência; Fenomenologia Existencial; Narrativa.



CASO LUANA: UMA COMPREENSÃO DA EXPERIÊNCIA VIVIDA DE DEPRESSÃO NA PERSPECTIVA DE ARTHUR TATOSSIAN

Camila Pereira de Souza (UNIFOR)

Joice Cândido Camelo (UNIFOR)

Virginia Moreira (UNIFOR)

Estar deprimido não é um estado que atinge unicamente o psiquismo e a alma do indivíduo, mas que atravessa todo o seu corpo e sua carne, podendo ser considerado um problema psicossomático que afeta a totalidade do organismo humano. É um sofrimento de ordem vital que atravessa a totalidade do indivíduo em suas relações consigo mesmo, com o outro e com o mundo. Tatossian (1984) apresenta a capacidade de se deprimir como algo presente em todos as pessoas, como condição de possibilidade, e que segue um caminho inverso ao da vida. O presente trabalho tem como objetivo realizar um estudo de caso, à luz da psicopatologia fenomenológica, para auxiliar na compreensão do significado da experiência vivida de uma paciente com traços depressivos, estabelecendo articulações teóricas a partir da leitura dos escritos do psiquiatra francês Arthur Tatossian. Luana tem 13 anos de idade, sua demanda inicial está relacionada com dificuldades escolares, devido a um quadro de instabilidade emocional, e um episódio de tentativa de suicídio. É acompanhada pela psicoterapia e pela psiquiatria, embora tenha várias ausências no tratamento psicoterápico por descaso e negligência familiar, já que necessita dos pais para ser conduzida ao consultório do terapeuta. A paciente também apresenta um bloqueio do contato vital com o mundo, que é a tela de fundo da depressão. Segundo Tatossian (1978), o sujeito, na falta da confiança basal, busca formas de substituí-la antes de reconhecer a sua impotência de agir por si mesmo. Com isso, se recorre a Outrem na tentativa da substituição da confiança, no caso de Luana para o psiquiatra e o psicoterapeuta. Além dessas questões, Luana não tem respondido aos medicamentos. A própria paciente diz não querer melhorar, pois assim recebe atenção da família. Tatossian afirma que quando os antidepressivos não restabelecem o equilíbrio é porque outros fatores psicológicos, como a organização atual da personalidade, a situação do sujeito, a atitude dos cuidadores e a atmosfera geral do meio de tratamento, impede o organismo de aproveitá-los.

Palavras-chave: Depressão; Caso Clínico; Psicopatologia Fenomenológica; Arthur Tatossian;



REVISANDO OS PRESSUPOSTOS BÁSICOS DA TEORIA DE LUDWIG BINSWANGER APLICADOS À PSICOPATOLOGIA

Giliane Cordeiro Gomes (UPE)

Lea Belo (UPE), José Antônio Spencer Hartmann Júnior (UPE)

A partir da compreensão dos aspectos da teoria de Ludwig Binswanger relacionados ao adoecimento mental, é que este estudo toma como objetivo buscar o caminho fenomenológico aplicado à psicopatologia. Binswanger tem por base o pressuposto ontológico que é o de permitir que o fenômeno humano fale por si mesmo em todas as circunstâncias, visando assim à existência, isto é, o *Ser-no-mundo*. Diante disto ele conceitua que os transtornos psíquicos são apenas mudanças ocorridas na estrutura do *Dasein*. Sendo assim, justifica-se a necessidade e pertinência de um olhar sobre as singularidades construídas com as psicopatologias. A metodologia usada é de cunho qualitativo, com revisão bibliográfica em artigos publicados no banco de dados da BVS e Lilacs, entre 2008 e 2011. Buscando explorar a existência subjetiva do homem em sua totalidade, como “ser” presentificado no mundo, responsável por sua própria existência, Binswanger usa um método para explorar a psicopatologia que consiste basicamente na análise de suas estruturas espaciais e temporais. Portanto, aponta-se como premissa teórica os determinados modos de comunicação, como também as maneiras usadas para atravessar o *pathos* inerente à situação de sofrimento e adoecimento mental. Enfim, visando explorar a existência subjetiva do homem compreendida em sua totalidade, conclui-se que o trabalho de Binswanger conduz a *Dasainsanalyse*, (análise existencial, análise da presença humana), que se trata de uma atitude de compreensão do homem em sua integralidade, ou seja, em todas as suas formas. Este estudo ainda está em construção, mas já consegue relacionar e discutir a estruturação teórica pretendida.

Palavras-chave: Fenomenologia; Ludwig Binswanger; Psicopatologia.



O INCONSCIENTE NAS FENOMENOLOGIAS FILOSÓFICA E CLÍNICA: UM OLHAR A PARTIR DE ARTHUR TATOSSIAN

Lucas Bloc (UNIFOR)
Virginia Moreira
Lucas Bloc

O nascimento da noção de inconsciente coincide historicamente com o surgimento efetivo da fenomenologia, sobretudo com Husserl, e a sua importância no pensamento contemporâneo tem suscitado uma confrontação ou pelo menos um questionamento em relação ao inconsciente para os fenomenólogos. Além disso, a questão do inconsciente nas fenomenologias vai além destes aspectos, podendo ser de ordem epistemológica, experiencial e do próprio encontro clínico. Neste trabalho, temos como objetivo apresentar brevemente a discussão que Tatossian realiza sobre o inconsciente na fenomenologia filosófica de Husserl, Sartre, Merleau-Ponty e Ricœur, e na fenomenologia clínica de Binswanger e Blankenburg. Utilizando a definição de inconsciente em um sentido descritivo, Tatossian discute um inconsciente fora da experiência analítica e que se expressa como fenômeno. Em Husserl, sugere o aparecimento do inconsciente na ideia de consciência de horizonte e, em seguida, como habitualidades que cercam o polo subjetivo dos vividos. Os filósofos franceses Sartre e Merleau-Ponty, com a noção de corpo, tratam a questão do inconsciente freudiano de forma lateral em suas elucidações fenomenológicas sobre a existência humana, enquanto Ricœur aborda o inconsciente de forma direta em suas leituras de Freud e Lacan. Com Binswanger, em uma compreensão via fases do seu pensamento, o inconsciente vai de uma busca inicial de uma justificativa fenomenológica dos conceitos e da técnica psicanalítica até a ausência de referência em seu retorno à Husserl. Já Blankenburg, em sua ênfase sobre a experiência, faz algumas analogias estruturais entre a experiência analítica e a experiência fenomenológica. São diferentes respostas que se relacionam com a diferença entre objetivos conceituais e clínicos. Tatossian realiza esta discussão com o objetivo de atingir muito mais a fenomenologia do que a própria psicanálise e reconhece que, na medida em que se aproxima do campo clínico, o inconsciente parece ficar um pouco de lado. A experiência fenomenológica sobre a qual a clínica se volta é anterior a tal questão, ou seja, seu caráter consciente ou inconsciente é secundário. Apesar das diferentes concepções, Tatossian reconhece a importância do inconsciente ao longo da história das fenomenologias, valorizando-o, sobretudo, enquanto experiência.

Palavras-chave: Inconsciente; Fenomenologias; Clínica; Arthur Tatossian.



A PRÁTICA PSICOLÓGICA COM ADOLESCENTES AUTORES DE ATOS INFRACIONAIS, À LUZ DA ONTOLOGIA HEIDEGGERIANA

Paula Peixoto Fraga (IFEN)

A idéia de uma “subjetividade interiorizada” é base presente em boa parte das perspectivas em Psicologia. Mesmo o ramo conhecido como “Psicologia Social”, muitas vezes permanece com uma configuração de pólos “indivíduo” e “social”. Rompendo totalmente com estas concepções de homem e mundo, e inaugurando uma nova forma de compreensão ontológica, apresenta-se o filósofo Martin Heidegger, que desenvolve a concepção de “ser-no-mundo”. Tal estrutura ontológica expõe a relação imanente e indissociável de ser e mundo, oferecendo, assim, subsídios para a construção de um fazer psicológico que parta de um paradigma não mais causalista e dicotômico. Isso implica que uma Psicologia dita existencial, embebida de tal ontologia, necessariamente pense o seu viés clínico imbricado com a noção de social, enquanto horizonte hermenêutico. O trabalho desse novo psicólogo, especificamente no caso de adolescentes autores de atos infracionais, tema do presente resumo, ganha outra dimensão. Tal prática necessariamente deve fugir de uma orientação que promova causas para um suposto comportamento transgressor, ou de uma tentativa de desenvolvimento de novas habilidades sociais. Antes de tudo, é preciso elaborar uma nova compreensão de homem. O social passa a configurar-se como o espaço de orientações de sentido sedimentadas, que não causa, mas fundamenta as possibilidades no jogo com a existência. Um acontecimento (como a infração) se estabelece porque é possível que ele se estabeleça. Diante disso, o trabalho do psicólogo pode contribuir na promoção dessa compreensão pelo próprio adolescente, sobre os próprios sentidos sobre sua vida e sobre o mundo (e sobre o acontecimento infração). Pensar o trabalho deste psicólogo analista existencial, que promove, junto aos seus usuários, uma apropriação de seus movimentos existenciais entrelaçados ao contexto social que os abarca é a proposta do presente trabalho. A partir do método fenomenológico de Heidegger, que propõe uma reconstrução do pensamento da tradição, objetivando uma destruição da naturalização desses pensamentos, e uma possibilidade de construção de novos modos de existência, esse trabalho visa refletir sobre a prática psicológica, acreditando poder contribuir para a construção de formas mais autênticas e transformadoras de se estar no mundo, promovendo novas maneiras de se pensar o cuidado com a existência.

Palavras-chave: Psicologia fenomenológico-existencial; Ato infracional; Social



A PSICOTERAPIA DA CRIANÇA, POR UM FIO

Luciana Loyola Madeira Soares (CEUCEL)

Os riscos e os desafios atuais da psicoterapia com a criança são examinados nesta reflexão fundamentada na abordagem gestáltica. Apresentamos a Gestalt-terapia com crianças como dispositivo de promoção de ética, apontando a perspectiva antropológica como o caminho para intervenção terapêutica diante dos novos modos de subjetivação no mundo contemporâneo. O cuidar, no contexto terapêutico por intermédio do diálogo genuíno entre cliente e terapeuta, é apresentado como ferramenta e propósito do trabalho terapêutico. A Gestalt-terapia com crianças está por um fio se nela pensarmos como sendo meramente um conjunto de técnicas a serem aplicadas nas sessões com a criança. Não é isso que faz da Gestalt-terapia uma terapia vivencial. Oaklander (1980), que apresenta propostas em artes para trabalho expressivo e de conscientização com crianças, também faz a ressalva de que a condução do trabalho terapêutico não está necessariamente na técnica utilizada pelo terapeuta, mas em sua sensibilidade para a relação com seu pequeno cliente. Está por um fio a terapia com a criança quando se pensa em infância como um tempo puramente encantado, de alegrias, sonhos e proteção. Segundo este parâmetro, é a este paraíso que a terapia deve devolver a criança. Em nossa prática clínica indagamo-nos como podemos devolver alguém a um lugar que nunca existiu? A psicoterapia com a criança está por muitos fios: nos fios da curiosidade, nos fios dos cuidados, nos fios do poder, nos fios da amorosidade, nos fios da confiança, nos fios da reciprocidade. O cruzamento destes fios tece a rede de sustentação da Gestalt-terapia com a criança: o delicado, suportivo e transformador fio da ética: fio que costura todo o processo terapêutico, e borda também, dando-lhe toque finamente artístico. Trazemos aqui a noção de ética como pluralidade, possibilidades ainda não surgidas, conforme Pegoraro (2005), que define ética como não sendo liberdade absoluta, mas sim como “orientação da liberdade”. Propomos a ótica da gênese da ética como perspectiva de saúde, considerando a pluralidade, o encontro na diferença, a busca do ‘em comum’ como genuíno caminho criativo e formulador de recursos.

Palavras-chave: Psicoterapia gestáltica com crianças; ética; diálogo.



PLANTÃO PSICOLÓGICO E A CLÍNICA-ESCOLA: UM OLHAR FENOMENOLÓGICO SOBRE A EXPERIÊNCIA CLÍNICA

Sidney Pereira de Souza Junior (FIP-MOC)

Este trabalho surgiu da prática de Plantão Psicológico na clínica-escola de uma faculdade privada na cidade de Montes Claros, Minas Gerais. O Plantão Psicológico enquanto modalidade psicológica em clínica-escola se propõe a oferecer um atendimento imediato à população, sem necessidade de agendamento ou continuidade, com a intenção de proporcionar o confronto do indivíduo com sua queixa, favorecendo a abertura de possibilidades e seu posicionamento e autonomia diante da questão apresentada e de sua vida. O serviço de Plantão Psicológico referido acontece em horários pré-definidos e ininterruptos, onde os plantonistas, alunos do último ano de psicologia, ficam disponíveis durante estes horários para atender aos pacientes no exato momento de sua necessidade. Alguns casos atendidos são acompanhados no plantão, desde que se tratem de demandas específicas e situacionais. Outros casos, ao final do primeiro, segundo ou terceiro atendimento, são encaminhados para serviços da própria instituição, como psicoterapia, avaliação psicopedagógica, avaliação psiquiátrica, tratamento de transtornos alimentares, orientação profissional, ou mesmo para serviços oferecidos em outras instituições, de acordo com a necessidade apresentada em cada caso. O objetivo deste trabalho é discutir sobre as contribuições desta modalidade clínica partindo de um olhar fenomenológico sobre a prática, compreendida a partir de duas dimensões, a formação acadêmica e o atendimento à população. Há algum tempo a psicoterapia já não é reconhecida como a única forma de atendimento clínico em psicologia. Dessa forma, integrado à necessidade de formação dos alunos e articulado à visão de homem fenomenológico-existencial, o Plantão Psicológico se apresenta como mais uma alternativa de resposta às demandas em saúde mental.

Palavras-chave: plantão psicológico; clínica-escola; fenomenologia.



A CONSTRUÇÃO ARTESANAL DO FAZER CLÍNICO SOB O ENFOQUE DA GESTALT TERAPIA

Laura Cristina de Toledo Quadros (UERJ)

O objetivo desse trabalho é discutir a clínica em psicologia entendendo-a como um ofício performedo de maneiras diversas e com efeitos diversos, e também como um conjunto mais amplo de práticas heterogêneas e de valores implícitos que lhe dão sustentação (a formação do psicólogo, a terapia dos terapeutas, a supervisão, etc). O fazer clínico (e o tornar-se clínico) é uma construção artesanal articulada com a vida que acontece desde os engates da graduação, passando pela formação do terapeuta, até a arte de formar outros terapeutas. . A idéia de ser essa uma construção artesanal se dá pela noção de que o artesão é aquele que trabalha em oficina própria, não produz em larga escala e, na verdade, sempre produz de forma diferenciada. A prática clínica em Gestalt-Terapia convoca essa peculiaridade, pois, envolvida no viés fenomenológico ela exige uma singularização da intervenção onde cada processo é único e, como tal, deve ser acompanhado em suas nuances e peculiaridades. O efeito e os recursos de um processo terapêutico não é algo possível de prever. A ênfase na relação e na dialogicidade, confere um dinamismo de imprevisibilidades onde o terapeuta precisa convocar sua sensibilidade e, de certo modo, compreender-se como o artesão que não trabalha em prol de uma eficácia industrial. Buscamos também articular a prática clínica às experiências, memórias e heranças que fazem dela uma Política ontológica de fazer e desfazer, sem considerar a pré-existência de formas a serem atingidas. Seguindo esta lógica, pensamos a partir da premissa segundo a qual o que está em jogo são artesanias, sejam elas o fazer clínico, o fazer pesquisa, ou o narrar.

Palavras-chave: Prática Clínica. Política ontológica. Afetos. Gestalt-terapia



SARTRE E A PSICOTERAPIA EXISTENCIAL

Isabel Cristina Carniel (Universidade Paulista Ribeirão Preto)

Podemos pensar nos vários princípios da filosofia existencialista de Jean-Paul Sartre como sendo importantes na condução do processo psicoterápico. Se considerarmos que a psicoterapia tem com um de seus objetivos ajudar a pessoa a conhecer suas possibilidades existenciais, podemos lembrar da noção de liberdade sartriana tida como sinônimo de escolha. Escolhendo o tempo todo e de maneira responsável, o ser humano vai realizando seu projeto existencial que, só termina com a morte. Ou seja, o ser humano precisa, pra bem realizar seu projeto existencial, ter consciência de suas possibilidades e o psicoterapeuta pode ajudá-lo no reconhecimento das mesmas, uma vez que, nem sempre consegue fazê-lo sozinho por motivos vários que, também na psicoterapia podem ficar mais claros. O psicoterapeuta será esta pessoa que acompanhará o processo de autoconhecimento do paciente, ajudando-o a ocupar-se das diversas possibilidades que possui que, embora sejam muitas, não são infinitas. Também devem ser lembrados os legados de Sartre quanto à importância do outro na vida de cada um, desmentindo que filosofia sartriana prega o individualismo. E, ainda, é importante lembrar a responsabilidade que todos têm com toda a humanidade e a proposta de uma “doutrina da ação”, como o próprio Sartre chamava sua filosofia. Esta característica da filosofia sartriana pode também ser considerada como uma proposta de ética nos relacionamentos.

Palavras-chaves: Sartre; psicoterapia, fenomenologia-existencial



A RESISTÊNCIA SILENCIOSA DO TRABALHO DA PSICOTERAPIA COM O ENFOQUE DASEINSANALÍTICO

Marina Valente Guimarães Cecchini (FMUSP)

Pela proposta da fenomenologia-existencial e hermenêutica, há a reformulação radical proposta de *intencionalidade* husseriana pela compreensão fenomenológica heideggeriana de *essência como existência*, assim como a aproximação da concepção diltheyana de *historicidade*, porém agora considerando as estruturas fenomenológicas. Com isso, Heidegger pretende a suspensão de todas as hipostasias, na qual *o ser-aí é radicalmente o seu aí*. Dessa maneira, a compreensão de psicoterapia não pretende fechar-se no campo hermenêutico de compreensão dos transtornos existenciais, ou, de outra forma, há a necessidade de desconstrução de modelos identitários, dada pelo positivismo cartesiano, que reduzem ao campo da experiência. A proposta de uma psicoterapia com base fenomenológica existencial busca a aproximação da existência do ser-aí humano por suas próprias possibilidades em lidar com uma rearticulação significativa do seu existir. É por esta rearticulação que se abrem novas possibilidades existenciais. Afastando de toda e qualquer psicologia pautada em modelos causais, colocam-se em voga, pelo âmbito destas práticas, as tentativas frustradas das ciências naturais de busca da elucidação, última e total, de todo e qualquer entendimento do sofrimento do ser e suas restrições existenciais. Essa busca de superação da Era da Técnica é o *acontecimento apropriativo* deste tempo, no qual não tem como ser concretizado até as últimas consequências, uma vez que, mesmo em tempos de busca de respostas finais, há a possibilidade de lidar serenamente com este momento histórico. A *serenidade*, uma resistência silenciosa, afasta-se do tecnicismo proposto no tempo atual, ao qual não deixamos de pertencer ao acontecimento deste tempo. Essa resistência é o ponto ao qual se deve também pautar o trabalho terapêutico. A serenidade, por não ser uma radical contestação, pauta-se frente ao tempo da técnica como uma resistência, podendo apresentar com medida da psicoterapia negativa. É pela serenidade que há a possibilidade de afastamento do espectro *calculante*, aproximação do espectro da *meditação* (afastamento de pressupostos, aproximando de um recolhimento que busca aproximar-se do essencial da existência do ser-aí humano). Para o trabalho do psicoterapeuta, que atua no referencial da Daseinsanalyse, o aspecto da *serenidade* mostra-se como uma possibilidade de atuação que não se apoia em pressupostos e/ou crenças previamente estabelecidas.

Palavras-chaves: Psicoterapia; Daseinsanalyse; serenidade; calculante; meditação



SARTRE E A PSICOLOGIA: UM DIÁLOGO A PARTIR DA TRAJETÓRIA EXISTENCIAL DE LUCIEN FLEURIER

Roberta Rodrigues (IFEN)

Pensar em uma psicologia a partir da obra de Jean-Paul Sartre implica em colocarmos em cena o contexto histórico em que esta surge. O filósofo francês teve seu interesse voltado para a psicologia em um momento em que predominava uma visão determinista acerca do homem e a forma como este constrói suas relações socialmente. As primeiras décadas do século XX, período no qual Sartre inicia sua produção intelectual, eram ainda profundamente sustentadas pelo pensamento cartesiano. Descartes ao apresentar sua ideia, na qual o mundo material deveria ser pensado com absoluta objetividade, deu origem a concepções de “eu” interior e de subjetividade que tornava o homem um “sujeito” encapsulado. Tais idéias influenciaram enormemente o pensamento moderno, atingindo também as postulações concernentes ao campo da psicologia, deixando resquícios neste campo até os dias atuais. Com isso, permanece, para a psicologia, a idéia de um “eu” que se constitui como uma substância, marcada pelo caráter de um homem apartado do mundo, não levando em consideração o horizonte político, social e histórico em que este se insere. É diante desse momento histórico, fundamentado por um determinismo que acaba por transformar o homem em objeto, que Sartre dá início a suas reflexões a respeito da psicologia, estabelecendo principalmente um diálogo com Sigmund Freud, o criador da psicanálise. Nesse momento, a psicologia era pensada principalmente a partir da psicanálise Freudiana o que tornava o homem um sujeito do inconsciente, possuidor de um psiquismo repleto de conteúdos e é diante desse cenário que Sartre questiona tais pressupostos em relação ao homem e nos oferece uma revisão desta psicologia. Considerando esse breve contexto, o presente trabalho tem por objetivo propor uma reflexão acerca deste diálogo que Sartre estabelece com a psicologia e a partir disso apresentar suas principais ideias ao narrar a trajetória existencial de Lucien Fleurier, personagem principal do conto *A Infância de um Chefe*.

Palavras-chaves: psicologia; psicanálise, trajetória existencial; Sartre



A RELAÇÃO DIALÓGICA COMO RECURSO DE APRENDIZAGEM: O ENCONTRO NA FORMAÇÃO ACADÊMICA

Sidney Pereira de Souza Junior (FASI)

Danillo Lisboa Batista (FASI)

O presente trabalho surge da experiência de grupo de estudos em psicologia de uma faculdade privada na cidade de Montes Claros, Minas Gerais. Considera-se aqui: grupo de estudos como facilitador do processo dialógico para a formação e prática do profissional psicólogo a partir de um olhar fenomenológico. O grupo surgiu a partir de iniciativa discente e tem como foco principal a reflexão a partir do próprio grupo, numa constante construção do conhecimento diante das questões humanas. Os encontros reúnem estudantes e profissionais semanalmente para discussão de temáticas relacionadas à psicologia, evidenciando um espaço de sensibilização, diálogo e ação, com o objetivo de gerar uma análise conjuntural da realidade a partir dos princípios que permeiam a Psicologia. Nesta perspectiva, percebe-se que não se educa alguém, mas aprende-se um com o outro através do mundo, do encontro, utilizando-se das relações como pontes que viabilizam o acesso ao conhecimento. Portanto, o grupo traz uma proposta enriquecedora e a possibilidade de um encontro intersubjetivo, numa relação que circunda entre o Eu-Tu e o Eu-Isso, uma vez que fomenta estudantes e profissionais das diversas abordagens da psicologia, como Psicanálise, Sistêmica, Análise do Comportamento, Cognitivo e Fenomenológico-Existencial, ao desenvolvimento da criticidade e autenticidade, expressa através de discussões a luz das teorias desenvolvidas na psicologia. Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo evidenciar as possibilidades de aprendizagem e crescimento a partir da manutenção de uma relação dialógica na academia, permitindo uma troca recíproca entre os integrantes e caracterizando a reflexão como produto do *entre* dessa relação, apropriando-se dos termos propostos pela teoria de Martin Buber.

Palavras-chave: encontro, formação acadêmica, diálogo, Martin Buber.



USO DE DROGAS NA ÓTICA DO EXISTENCIALISMO SARTRIANO

Daniela Ribeiro Schneider (UFSC)

Fabiani Cabral Lima (UFSC)

Flávia Trento Rost (UFSC)

Larissa Antunes (UFSC)

Uma abordagem do uso de drogas deve buscar abordar a complexidade envolvida neste fenômeno, tendo com objetivo desvelar o sentido deste uso, tanto para os sujeitos quanto para a sociedade. Nesta direção, o método fenomenológico constitui excelente ferramenta de pesquisa e compreensão do significado da situação singular/universal envolvida nas drogodependências, na medida em que sua abordagem eminentemente relacional implica a compreensão do fenômeno em sua dialética entre a dimensão subjetiva e o mundo objetivo. Segundo Sartre, o projeto de ser do sujeito se forja no embate entre as condições materiais, sociais, familiares em que ele está inscrito (objetividade) e a apropriação ativa destas condições por parte do sujeito (subjetividade). A compreensão de cada ação, escolha empírica, comportamento humano, como é o caso do uso de drogas e sua adição, passa, portanto, pela análise do movimento dialético entre o objetivo e o subjetivo. **Método:** a pesquisa teve um delineamento descritivo, baseado em estudo exploratório, tendo utilizado o método de “estudo de caso”. Foram utilizadas entrevista em profundidade, com roteiro semi-estruturado, visando à verificação da história de vida em torno do uso e da constituição da dependência de drogas dos sujeitos pesquisados. Utilizou-se o método progressivo-regressivo de Sartre como orientação das entrevistas e sua base de discussão. Como forma de organização dos dados utilizou-se a análise de conteúdo baseada em Ruiz-Olubeuénaga. **Resultados:** foram sujeitos da pesquisa dez homens, entre 31 e 53 anos, com trajetórias longas de uso de drogas. Aqui neste trabalho serão destacadas somente duas categorias entre as 22 que surgiram da análise das entrevistas: *Formação do cogito e Consequências do uso de drogas para o projeto e desejo de ser*. **Considerações finais:** O tratamento com adictos deve resgatar o projeto de ser que, geralmente, é abandonado durante o uso das drogas. Para tanto, faz-se necessário retomar o círculo de mediações familiares e sociais que ajudaram a constituir o projeto original rompido. O método qualitativo, fenomenológico e existencialista, nos auxilia numa melhor compreensão do fenômeno do uso abusivo e dependente de drogas e no planejamento e avaliação de métodos de intervenção no problema.

Palavras-chave: Dependência de drogas; método fenomenológico; história de vida; psicologia existencialista; Jean-Paul Sartre.



ANALISE DA ESCOLHA PROFISSIONAL (AEP)

MARTA VELASQUE RIBEIRO (UERJ)
MÁRCIA REGINA DE FREITAS (UERJ)
VANESSA DA CUNHA MAGNAN (UERJ)
ANA MARIA LOPEZ CALVO FEIJOO (UERJ)

A Análise da Escolha Profissional teve início no Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), como estágio especializado destinado à comunidade. Esta atividade transcendeu o espaço do SPA, que se destinava ao exercício da profissão de psicólogo. O projeto de extensão surgiu com a necessidade de se fazer pesquisa e estender essa atividade a uma parcela maior da população, bem como de ensinar essa prática a um número maior de alunos, que a supervisão acadêmica não comportava. Com os estudos teóricos acerca da inserção da Orientação Vocacional em uma perspectiva Fenomenológico-Existencial, concluímos que os termos análise e escolha deveriam substituir, respectivamente, orientação e vocação. Consideramos o fato de que toda e qualquer interpretação se encontra fundada em um horizonte histórico de sentido no qual estamos inseridos, que neste caso é o horizonte da técnica. Utilizamos o termo análise, que originariamente significa soltar, libertar alguém daquilo que o aprisiona. Significa, também, desmontar os pedaços de uma construção. Assim, ao analisarmos o fenômeno da escolha, pretendemos libertar aquele que se encontra em restrição frente à decisão da atividade profissional a seguir de modo que se possa abrir um espaço de mobilidade possível no horizonte histórico de restrição à lógica da produtividade em que vivemos. Nosso trabalho se dá de modo a reconstruímos junto ao analisando os sentidos hegemônicos do horizonte histórico da técnica, que acabam sendo tomados como única e irrestrita verdade. Ao desconstruir essa total redução de sentidos, podemos mobilizar uma possível abertura a outras possibilidades. Deste modo, o analisando pode desobstruir o caminho onde apontam outras possibilidades em meio às orientações outras no mundo do trabalho. Pretendemos na AEP propiciar um espaço de questionamentos em que outras possibilidades possam surgir.

Palavras-chave: escolha profissional; análise; orientação vocacional.



CONSIDERAÇÕES DE HUSSERL SOBRE A CRISE EUROPEIA DO PERÍODO ENTRE GUERRAS

Livia da Silva Barbosa Ferreira (UFF)

O seguinte estudo destina-se a um paralelo entre as obras *A Crise da Humanidade Européia e a Filosofia* (1935) e *Prolegômeros à Lógica Pura* (1900), de E. Husserl, propiciando melhor entendimento da crise vivida pela Europa no entre guerras. A partir do método qualitativo, pretende-se demonstrar que a crise pela qual a Europa irá passar no período entre guerras já teria sido antevista por Husserl antes mesmo da Primeira Guerra Mundial. Husserl apresenta uma conferência em Viena no ano de 1935, que posteriormente será transcrita e transformada no texto intitulado *A Crise da Humanidade Européia e a filosofia*. Nessa conferência, Husserl afirma-nos que a Europa estaria enferma. Para ele, a causa da crise vivida pela Europa estaria no esquecimento do sentido originário que guiava a Europa. Um sentido espiritual que unia a Europa numa só pátria, uma teleologia capaz de transcender as diferenças particulares de cada nação isolada. Tal sentido originário teria, segundo Husserl, o seu berço na Grécia Antiga dos séculos VII e VI a. C., cuja humanidade teria intuído um novo *télos*, uma nova atitude para com o mundo circundante. Trata-se do nascimento da filosofia como ciência. Uma ciência com pretensão de abranger a totalidade do mundo, que não se ocupasse apenas com metas finitas e problemas do cotidiano, mas que ousasse contemplar metas infinitas, que almejasse um conhecimento universal e absoluto. Entretanto, esse sentido original da filosofia teria sido esquecido e, pior, relegado em favor de outro tipo de pensamento, cujas consequências seriam gravíssimas tanto para humanidade quanto para a filosofia. Tal pensamento – que seria o grande responsável pelo esquecimento do sentido originário que dava a Europa o sentimento de parentesco espiritual entre as nações – intitula-se “naturalismo”. Os perigos do naturalismo já haviam sido denunciados por Husserl em *Prolegômeros à Lógica Pura* (1900). Apoiando-se no naturalismo, os sistemas psicológicos do séc. XIX promoveriam uma naturalização da consciência, incorrendo em equívocos que, por sua vez, conduziriam a um ceticismo radical e, por conseguinte, ao fim da filosofia. Tal fato não poderia deixar de influenciar os rumos da humanidade européia no séc. XX.

Palavras-chaves: Husserl; Europa; crise; naturalismo; filosofia.



O SER E A POSSIBILIDADE DA PRÓPRIA MORTE: OS ASPECTOS EXISTENCIAIS DO FENÔMENO SUICÍDIO

Isabela Pereira Siqueira (Faculdades Unificadas Doctum)

Débora Silva Bastos (Faculdades Unificadas Doctum)

Kely Prata Silva (Faculdades Unificadas Doctum/Faculdade Presidente Antônio Carlos)

O suicídio é um fenômeno humano complexo que tem se tornado um sério problema de saúde pública em diversos países. Embora no Brasil, as taxas de suicídio ainda sejam baixas comparadas às médias de outros países, observa-se um aumento significativo no número de suicídios, principalmente entre adolescentes e adultos jovens. Nesse sentido, diversas estratégias são propostas e desenvolvidas por iniciativas governamentais na prevenção do suicídio, mas seus resultados ainda são incipientes. Considerando o impacto significativo deste fenômeno na compreensão que as pessoas têm sobre a vida, no enfrentamento das dificuldades do viver, e os dilemas para desenvolver e implantar estratégias preventivas eficazes, este trabalho buscou compreender as relações entre a vontade de sentido, o vazio existencial e o fenômeno suicídio a partir da Logoterapia de Viktor Frankl. Especificamente, o que se pretendeu foi identificar a vontade de sentido como constituinte da existência humana; caracterizar o vazio existencial como repercussão da falta de sentido para a vida; e apontar as possíveis relações entre o vazio existencial e o fenômeno do suicídio. A trajetória metodológica incluiu a análise do filme “Sete Vidas”, a partir da Fenomenologia Semiótica, visando à apreensão e compreensão das interações entre a vontade de sentido, o vazio existencial e o fenômeno suicídio, às vezes implícita, às vezes explícita, expressas através dos pensamentos e das ações dos personagens. Observou-se que ao longo da vida, as pessoas podem vivenciar sentimentos de desesperança por razões intra e/ou intersíquicas diversas que lhe colocam diante da possibilidade da morte principalmente quando não se percebem capazes de se apropriar de outras estratégias de enfrentamento das dificuldades existenciais, de outros modos de viver ou pelo quê viver. Essa sensação de vazio existencial e de restrição de sentido proporciona uma crise existencial intensa e dolorosa em que a morte passa a ser percebida como a única forma de livrar-se de todo sofrimento e o suicídio torna-se uma possibilidade viável. Desse modo, compreende-se que as vivências de restrição de sentido e de vazio existencial favorecem a ocorrência do suicídio e constituem aspectos relevantes no delineamento de estratégias preventivas em relação a este fenômeno.

Palavras-chave: Suicídio; Sentido da Vida; Vazio existencial; Logoterapia; Fenomenologia Semiótica.



O PLANTÃO PSICOLÓGICO COMO UMA PRÁTICA DO CUIDADO EM SAÚDE: REFLEXÕES FENOMENOLÓGICAS

Melina Séfora Souza Rebouças (UFRN)

Elza Dutra (UFRN)

O plantão psicológico é caracterizado pelo atendimento aberto à comunidade e por oferecer uma escuta clínica no momento da crise. O psicólogo plantonista disponibiliza ao sofredor uma atenção, compreendendo-a como cuidado. Trata-se de uma disponibilidade para ouvir o outro que sofre e junto com este descobrir outras possibilidades diante do seu sofrimento. O objetivo desse trabalho é tecer algumas reflexões acerca da inserção do plantão no campo da saúde, explicitando a noção de cuidado presente nas práticas de saúde e como a perspectiva fenomenológica a partir da ontologia do filósofo Martin Heidegger pode contribuir para uma discussão sobre o cuidado nesse campo. A revisão bibliográfica sobre o plantão psicológico em hospitais mostrou que esta prática apresentou-se como alternativa às intervenções clínicas tradicionais e questionou os modelos padronizados de atenção psicológica vigente nas instituições de saúde. A proposta do plantão psicológico de oferecer escuta e acolhimento ao ser humano onde quer que este esteja passa a ser propiciadora do cuidado em saúde. O cuidado é a característica ontológica do *Dasein* de estar sempre referido a outro ente e ao relacionar-se com esses outros entes do mundo, esse cuidado pode se dar de dois modos: *ocupação* e *preocupação*. O conhecimento e as práticas produzidas no campo da saúde, constatadas na produção científica visitada, nos faz pensar que o cuidado que se faz presente no cotidiano das práticas de saúde é o da *indiferença e ocupação*. Isso por se considerar a doença mais importante do que a pessoa, limitando a prática à eficácia dos procedimentos técnicos sobre a doença. O cuidado em saúde, em sua dimensão ontológica, traz um tipo de saber diferente do saber técnico-científico, pois parte da existência, em que está sempre em jogo o próprio ser do homem em suas relações com o mundo. Nesta perspectiva parte-se de processos compreensivos que trazem à tona os sentidos e significados do adoecer para sujeitos e contextos intersubjetivos. O plantão psicológico, ao favorecer a possibilidade para o homem cuidar de si, poderá ajudá-lo a encontrar outras formas de ser-no-mundo diante da sua doença, ao recuperar o seu poder-ser.

Palavras-chave: Plantão Psicológico; Cuidado em Saúde; Fenomenologia heideggeriana.



EFEITOS DA DESCRIÇÃO FENOMENOLÓGICA EM UM GRUPO DE TERAPIA

Graciana Sulino Assunção (UNB) ;
Patricia José de Oliveira (RELIGARE)

O processo grupal é uma amostra do processo social, a visão do outro auxilia na própria visão de si e facilita a percepção das influências familiares, sociais e culturais. O grupo é um organismo vivo com características próprias dos componentes que o constituem. É uma totalidade, uma unidade complexa, na qual são trabalhadas as interações interpessoais. É um espaço de acolhimento e de construção da individualidade humana. No grupo cada membro afeta o outro e é afetado pelo conjunto. O terapeuta é um facilitador do processo, alguém que vai junto, que caminha de mãos dadas, numa comunicação mútua e, às vezes, silenciosa. Na condução de um grupo, o terapeuta é por excelência um artista, o qual necessita de espontaneidade, sensibilidade, poder de entrega e capacidade criativa para que o processo grupal se desenvolva. Uma postura extremamente necessária para condução grupal é a humildade, postura esta que está intimamente ligada a uma rigorosa postura fenomenológica. Tendo humildade/postura fenomenológica o terapeuta percebe quando é hora de intervir, quando é hora de afastar, quando é hora de falar e quando é hora de calar. Deste modo, o terapeuta é um tipo de artista que humildemente vai se deixando fluir com a matéria prima, observando-a, dando-lhe alguns toques, alguns traços, alguns passos, permitindo que a obra, por si só, vá tomando sua forma. À medida que isto vai acontecendo, cada membro vai descobrindo seu lugar naquele espaço e se torna uma obra-parte integrante de uma obra-todo. O objetivo deste trabalho é descrever os efeitos da postura fenomenológica do terapeuta em um grupo de terapia. No trabalho que é desenvolvido pelas duas gestalt-terapeutas autoras deste resumo ao final de cada semestre é proposto um trabalho criativo de workshop ao grupo de terapia que atendido semanalmente por elas em um consultório particular de psicologia. Neste workshop as condutoras do grupo procuram fazer uma descrição fenomenológica dos fenômenos que se apresentam e como resultado tem-se indivíduos mais conscientes de si, do outro, de como afetam o outro, de como são afetados por eles e da totalidade que envolve tudo isto.

Palavras-chave: terapia de grupo; workshop; fenomenologia.



EM BUSCA DO SENTIDO DA VIDA:

ESTUDO DE CASO EMBASEADO NA LOGOTERAPIA DE VIKTOR FRANKL

Mírian Coelho Serra (Secretaria de Saúde Prefeitura Municipal de Poté/MG)
Kely Prata Silva (Faculdade Presidente Antônio Carlos/Faculdades Unificadas Doctum)

Esta investigação configura-se como um estudo de caso clínico realizado a partir da assistência psicológica a uma mulher adulta, 32 anos, solteira, mãe de uma criança de 8 anos insulino-dependente, no serviço de saúde pública do município de Poté/MG. São realizados encontros semanais, com duração de 50 minutos, desde fevereiro de 2012, em que tem sido trabalhadas com a cliente temáticas que envolvem a vontade de sentido e a (re)elaboração de seu projeto existencial tendo como aporte teórico a Logoterapia de Viktor Frankl. A cliente iniciou o processo de assistência psicológica em função de seu sofrimento em relação às condições de vida de seu filho desde o nascimento. Ela apresenta sintomas depressivos e intenso sentimento de culpa em relação ao quadro de adoecimento do filho, uma vez que sua gestação não foi planejada e ocorreu uma tentativa de aborto, o que a faz perceber-se responsável pelo adoecimento da criança. Desde o nascimento, o filho recebe assistência médica integral e sistemática, o que exige cuidado e dedicação da mãe a fim de que tenha uma “boa” sobrevida, o pai não participou da gestação e não participa diretamente da educação e do desenvolvimento do filho. A cliente relata sentir-se desmotivada e desesperançosa com sua vida, mostra vontade de morrer, mas diz não ter “coragem” de efetivar esta vontade porque seu filho “precisa muito” dela; não demonstra nenhuma expectativa futura (nem positiva, nem negativa) e intensa insatisfação em relação a todas as dimensões de seu existir. As intervenções psicoterapêuticas até o momento tiveram como objetivo compreender os modos como a cliente lida com suas condições existenciais e favorecer a emergência do *ser-responsável* perante a busca de um sentido para vida que não a livre das tensões existenciais, mas que a auxilie na busca por algo que “valha a pena”, uma tarefa escolhida livremente. A expectativa terapêutica é de que a cliente possa enfrentar as situações, sobrepor-se e fortalecer-se pelas experiências adversas e dolorosas.

Palavras-chave: Sentido da Vida; Logoterapia; Estudo de caso clínico.



EXPERIÊNCIAS DA PERDA DE UM FILHO COM CÂNCER INFANTIL: REFLEXÕES SOBRE VIDA E MORTE.

Patricia Karla de Souza e Silva (UFRN)

Symone Fernandes de Melo (UFRN)

O fenômeno do luto é reconhecido como um processo singular e subjetivo decorrente do rompimento de uma relação. Nos casos de morte, a literatura assinala o papel da pessoa perdida bem como as causas e circunstâncias da perda como fatores que interferem neste processo. Neste sentido, a morte de crianças decorrente do câncer (uma das dez primeiras causas no ranking de mortalidade infantil no Brasil) reflete um desfecho precoce da vida, comumente após um intenso e doloroso processo de hospitalização, podendo provocar forte impacto na vida da mãe, figura a quem foi confiada socialmente, por excelência, o lugar de cuidado na dinâmica dos papéis parentais e que tem sido prioritariamente eleita para assumir a maior parte das responsabilidades durante a situação de adoecimento do filho. Reconhecendo a relevância das informações acima apresentadas, esse estudo teve como objetivo compreender a experiência de mães que perderam um filho em decorrência de câncer infantil, aproximando-se dos sentidos pessoais desta vivência por meio da perspectiva fenomenológico-existencial. Sustentada teórica e metodologicamente pela hermenêutica heideggeriana, esta pesquisa utilizou como método a “narrativa”, obtida a partir de entrevista semiestruturada, seguindo os moldes de um delineamento qualitativo, com enfoque exploratório e compreensivo. A pesquisa contou com a participação de duas mães e foi desenvolvida numa organização não governamental de apoio à criança com câncer, localizada na cidade do Natal-RN. A proposta de análise compreendeu cinco etapas: transcrição para a composição do texto de referência; leitura do texto de referência; delimitação de unidades de sentido emergentes; composição de eixos temáticos a partir de tais unidades e síntese compreensiva da experiência. Desvelaram-se três grandes eixos temáticos: *História prévia, adoecimento infantil e suas repercussões; A rede de apoio e o cuidado; A perda e o depois: enfrentamento e significação*. Conclui-se que a experiência do câncer infantil, mesmo quando vivida pelas mães de maneira singular, aproxima-as da ontológica sensação de desamparo humano, transformando suas vidas. Percebe-se também que a garantia do cuidado, da atenção e do acolhimento durante o processo de adoecimento e/ou perda do filho, favorece uma vivência autêntica do luto e a abertura de novas possibilidades em suas vidas.

Palavras-chave: luto materno; câncer infantil; fenomenologia; narrativa; morte.



ALMA, CORPO E CONSCIÊNCIA: CONVERSAS ENTRE MERLEAU-PONTY E A PSICOLOGIA

Ivy Lima e Silva (UFPR)

Adriano Furtado Holanda (UFPR)

Este trabalho acompanha o caminho percorrido pelo filósofo francês Maurice Merleau-Ponty para fundamentar as noções de consciência e de corpo, e seus principais desdobramentos para a Psicologia. Tendo como base a noção de “comportamento” desenvolvida na sua primeira obra *A Estrutura do Comportamento*, de 1942, este trabalho percorre o trajeto realizado por Merleau-Ponty e seus principais entrelaçamentos para uma primeira aproximação com a clínica psicológica e o entendimento do sujeito a partir do campo da percepção. Por meio desta análise, nota-se que a estrutura do comportamento é o que fornece a aderência indivisível à experiência concreta do sujeito, concebendo anomalias, distúrbios ou doenças como parte da unidade dialética de integração e desintegração do ser com o seu corpo e sua consciência. Desta maneira, aborda-se uma consciência encarnada a partir da sua derivação do próprio comportamento perceptivo – considerado como uma noção preliminar – e de sua relação saúde-doença. A partir da leitura de Merleau-Ponty, percebe-se que comportamento e consciência são pertencentes a uma unidade de significado que ultrapassa as antigas noções de causalidade e de separação entre mente e corpo. A possibilidade de transformação destes paradigmas pode ser contemplada pelo entendimento da consciência a partir da presença da ambiguidade e da percepção para o conhecimento de si, dos outros e do mundo, caminhos necessários para um diálogo interdisciplinar. Para a Psicologia, tal concepção se mostra como um novo olhar para a doença e para o que é considerado “sintoma”, além de trabalhar com a possibilidade não explicativa de entendimento do sujeito que se apresenta na clínica.

Palavras-chave: Merleau-Ponty; Consciência; Corpo; Psicologia.



O SER CRIANÇA NO CENÁRIO DA INFÂNCIA PÓS-MODERNA HIPER-REALIZADA

Mariana Meira Pires Simonetti (UFRN)

Symone Fernandes de Melo (UFRN)

O século XX, caracterizado pela consolidação do progresso técnico e científico, lança o homem em um novo contexto. As crianças, como seres históricos e ativos na conjuntura socioeconômica, desenvolvem-se neste cenário. Em consequência, uma parcela da população infantil habita hoje um contexto específico que pode ser denominado de infância hiper-realizada; trata-se de crianças cuja infância é marcada pela realidade virtual, ritmo de vida acelerado, apelo ao consumo, excesso de informações e altas expectativas de desempenho, visando à formação de adultos bem-sucedidos. Martin Heidegger possibilita uma reflexão sobre tais crianças, a partir de sua discussão sobre a Era da Técnica. O objetivo desse trabalho é compreender o ser criança no contexto de infância hiper-realizada, buscando-se conhecer os sentidos que essas crianças atribuem a sua vivência de infância. Na consecução de tal objetivo foram selecionadas 8 crianças, de 7 a 9 anos, estudantes de escola privada do município do Natal-RN. Inicialmente, foi realizada atividade em grupo para estabelecimento do *rapport* e familiarização com o tema da pesquisa. No segundo momento, individual, cada criança foi convidada a completar uma história, ajudando uma personagem fictícia a responder questões referentes a ser criança. Por fim, a partir do registro de sua rotina semanal, cada criança foi instigada a relatar aspectos de sua própria infância. A análise dos dados, baseada na variante do método fenomenológico proposta por Giorgi, compreende, neste estudo, a transcrição dos dados, discriminação de unidades de sentido, tradução das unidades para linguagem psicológica e síntese compreensiva da experiência. Com base em análises preliminares dos dados, evidencia-se que para as crianças da pesquisa a concepção de “ser criança” aparece relacionada mais enfaticamente ao brincar tradicional, diverso do brincar tecnológico destacado pela literatura como característico do contexto pós-moderno. No que diz respeito a sua própria experiência de infância, entretanto, há referências recorrentes ao brincar tecnológico, apontando discrepância entre a infância pensada e a vivida por estas crianças. Destacam-se, ainda, recorrentes alusões ao uso da tecnologia pelos pais como fator que os distancia dos filhos na rotina diária. Pretende-se, com esse estudo, oferecer contribuições à reflexão acerca da criança que chega à clínica psicológica na atualidade.

Palavras-chave: subjetividade; pós-modernidade; infância; analítica heideggeriana; fenomenologia.



INDUÇÃO E INTUIÇÃO DE ESSÊNCIAS: SOBRE A RELAÇÃO ENTRE FENOMENOLOGIA E EDUCAÇÃO

Guilherme Machado Ferreira (UFF)

O presente trabalho pretende mostrar a distinção existente entre o método da indução e o da intuição de essências, bem como a especificidade do método fenomenológico, estabelecendo uma relação do mesmo com o campo da educação. Pelo método indutivo, o cientista positivista chega a juízos, oriundos da experiência, portanto, não sendo possível atingir à universalidade. Inicialmente, ele se põe a fazer, através da experiência, observações de casos particulares, promovendo a descrição da regularidade dos fatos, alcançando, através de um salto inferencial, uma generalização empírica. Assim, por exemplo, um cientista da educação pode inferir que um método ou conteúdo pedagógico aplicado em um determinado contexto, por haver sido considerado eficaz, através de uma generalização empírica, oriunda da análise de casos particulares, será o mais adequado em *qualquer* ocasião. A pura e simples aplicabilidade de tal método- calcada na experiência sensível- poderá gerar graves consequências no processo de ensino e aprendizagem e até na elaboração de currículos gerais por não tocar no cerne das questões inerentes à área. Já pelo método da intuição de essências, há, inicialmente, uma suspensão de juízos (*epoché*) acerca da posição de existência dos fatos. Uma vez que as variações em torno do objeto seriam meramente imaginárias, a busca deve estar centrada na *essência* da coisa, sob o modo de “coisa pensada”, considerando seu núcleo invariante, portanto, o que não admite a possibilidade do contrário, isto é, o que persiste como sentido originário da coisa a despeito de todas as variações as quais eu a submeto em minha imaginação. Alcançando-se, assim, o *universal*, a coisa revelada em uma evidenciação “apodítica”. Através deste olhar fenomenológico, definido por Husserl, que está voltado para o que se encontra nas raízes das questões, os métodos pedagógicos, bem como os próprios conteúdos trabalhados em educação, seriam pensados, contemplados, de uma forma mais complexa, o que implicaria em grandes mudanças no paradigma educacional brasileiro, passando a se conceber o que há de realmente essencial nas questões postas nesta área, que possui uma íntima relação com a sociedade, sendo, ao mesmo tempo, produto e produtora da mesma.

Palavras-chave: Fenomenologia; indução; intuição de essências; educação



FENOMENOLOGIA E MUSICOTERAPIA: CONTRIBUIÇÕES PARA A DESCONSTRUÇÃO DE UM PSICODIAGNÓSTICO EM TDAH

Bárbara Penteado Cabral (FAMATH)

Alessandro de Magalhães Gemino (FAMATH)

O objetivo deste trabalho consiste em se propor uma reflexão de modo a problematizar o TDAH, visto aqui como um conceito, muitas vezes oriundo de uma visão organicista da psicopatologia. Tem-se como base uma crítica a respeito das possibilidades e, principalmente, limites de um psicodiagnóstico. O que significa um psicodiagnóstico? De que modo a busca por um sintoma ou estrutura pode auxiliar, ou não, a direção de um tratamento clínico? Quais as possibilidades oferecidas por um encontro entre o olhar clínico baseado na fenomenologia-existencial e a musicoterapia, no que tange o tratamento do TDAH? A palavra “transtorno”, o fenômeno da atenção e a chamada “hiperatividade” são discutidos, aqui, tendo como base elementos da analítica heideggeriana da existência, explicitada em *Ser e tempo*, obra seminal deste filósofo, publicada em 1927. Uma vez que a noção de “ser-no-mundo”, apresentada pelo filósofo alemão Martin Heidegger, traz consigo a possibilidade de compreendermos a existência enquanto originariamente “abertura de sentido”, a questão ora proposta tem, na consideração de um uso técnico da linguagem, a via de nossas considerações críticas. Como subsídio de nossas considerações, além de *Ser e tempo*, foram usados mais dois textos de Heidegger – “*Lingua de tradição e língua técnica*” e “*A questão da técnica*” – e um estudo de caso.

Palavras-chave: Fenomenologia; Musicoterapia; Psicodiagnóstico; Heidegger



A VIVÊNCIA DO LUTO NA ADOLESCÊNCIA

Kely Prata Silva (Faculdade Presidente Antônio Carlos/Faculdades Unificadas Doctum)
Larissa Pereira Abrantes (Faculdade Presidente Antônio Carlos)

A relação do adolescente com a morte e suas reações à perda de uma pessoa querida são peculiares e, especialmente, moduladas pela fase de desenvolvimento em que ele se encontra. Essa vivência na adolescência pode ser intensamente dolorosa e desorganizadora, principalmente se refere-se a perda de pessoas próximas, pois pode alertar vigorosamente o adolescente sobre sua finitude e vulnerabilidade, e suscitar sentimentos de vitimização, culpa, autoreprovação, raiva e vingança em relação aos presumíveis culpados pela perda. Este estudo teve como objetivo caracterizar a experiência de perda e luto na adolescência numa perspectiva existencial, descrevendo as repercussões dessas experiências no desenvolvimento psicossocial do adolescente, e apontando formas de manejo do luto utilizadas pelos mesmos; além disso, buscou-se inferir as possíveis contribuições do psicólogo clínico existencial no enfrentamento da experiência de perda e luto na adolescência. A pesquisa documental realizada a partir da análise fenomenológica semiótica da literatura infanto-juvenil “Harry Potter” apontou que o luto na adolescência é vivido como um processo de transição psicossocial longo e doloroso, no qual um conjunto de concepções acerca do mundo, anteriormente validada pela presença da pessoa falecida, não faz mais sentido e, portanto, precisa ser reformulado para que o adolescente se adapte à nova realidade e rearticule seu projeto existencial. Apontou ainda para a dificuldade dos adolescentes em expressar e/ou compartilhar suas emoções e afetos, resguardando-se, afastando-se de seus amigos e aparentando autosuficiência por pensar que nenhuma pessoa possa compreendê-los em sua dor. Diante dessas considerações, compreendeu-se que o psicólogo clínico pode auxiliar na vivência reflexiva sobre o processo de luto na adolescência.

Palavras-chave: Luto; Adolescência; Projeto existencial; Fenomenologia Semiótica.



UM ESTUDO FENOMENOLÓGICO SOBRE OS DIVERSOS OLHARES DA INCLUSÃO ESCOLAR NO MUNICÍPIO DE FRANCA.

Sabrina David de Oliveira (UNIFRAN)

Ana Cecília Faleiros de Pádua Ferreira (UNIFRAN)

Sartre afirma que *a priori* o homem é o nada. Não tem uma vida pré-determinada. Sua vida é inventada conforme se vive. Ele é o que faz de si mesmo e o que projeta para o futuro. É responsável por sua criação. Este trabalho tem como objetivo realizar um estudo fenomenológico dos diversos olhares da inclusão escolar nas escolas públicas estaduais do município de Franca. Ademais, procurou desvendar na medida do possível, a relação entre o aluno deficiente mental e a escola, a saber – a preparação dos professores para lecionar a classe de inclusão; como se dá o ingresso do aluno deficiente mental, a relação destas crianças com elas mesmas, com professores, com a aprendizagem e com demais alunos portadores de necessidades educacionais ou não. A metodologia está sendo conduzida pela abordagem qualitativa fenomenológica. Até o presente momento, foi possível observar que 56,25% das professoras entrevistadas não se sentem capacitadas e confortáveis para trabalhar com as crianças portadoras de necessidades educacionais especiais e em especial as crianças e adolescentes com deficiência mental (DM). 37,5% se sentem capacitadas e confortáveis no trabalho com crianças DM e 6,25% não se posicionaram. Os alunos que compõem a sala de recurso e recebem o rótulo de deficientes mentais, não passam a princípio por avaliação psicológica e não possuem laudos médicos que sugiram uma deficiência mental. As crianças e adolescentes encontrados nas salas de recurso DM são, portanto, as que não se comportam ou respondem da maneira esperada pelos professores. Aqueles são diagnosticados por estes que atribuem o sentido de deficiente mental aos que apresentam dificuldade comportamental ou de aprendizagem. Por fim, diferentemente dos adultos, as crianças, suspensas de preconceitos, julgamentos e crenças pessoais relacionam-se bem umas com as outras ditas deficientes mentais ou não.

Palavras-chaves: Fenomenologia; Existencialismo; Inclusão; Escola Pública Estadual; Educação Especial.



UM ESTUDO DE CASO: A FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL NO ATENDIMENTO LUDOTERÁPICO

Sabrina David de Oliveira (UNIFRAN)
Ana Cecília Faleiros de Pádua Ferreira (UNIFRAN)

O presente trabalho refere-se a um estudo de caso de uma criança de 7 anos, com esclerose múltipla. Foi encaminhada para psicoterapia devido à dificuldade de aderir ao tratamento e pela queixa dos pais de não ter limites. Trata-se de um encontro ludoterápico, onde a criança Bianca utiliza como meio natural de auto expressão para libertar seus sentimentos e angústias, o brincar. A terapeuta, através da brincadeira, procura ajuda-la a ter consciência de suas vivências, de responsabilizar-se por seus atos e escolhas. Ademais, busca mostrar como as experiências passadas da história de sua vida interferem no seu sentir, pensar e agir na atual realidade. Bianca é uma criança que falta muito da escola. Essa ruptura ocasiona dificuldades de aprendizagem e insegurança no convívio escolar. Seus pais entendem que estar sem vontade de ir à aula é justificativa para faltar devido à doença. Elege escolinha, a brincadeira de todas as sessões, utilizando um movimento de controle. Assim, faz do espaço terapêutico a maneira como gostaria de ser e estar na vida, bem como entra em contato com a angústia diante da imprevisibilidade da existência. Nas brincadeiras, quando ocupa o papel de aluna, é produtiva, aprende rápido e está à frente dos colegas, ajudando-os. Dessa forma, mantém-se no controle da situação. Ao contrário do que vive e como os pais a veem, uma criança que não consegue gerenciar suas próprias necessidades básicas como ir ao banheiro e comer. Quando ocupa o papel da professora, é brava. Sempre cobrando, insatisfeita com os alunos e na postura de quem está certa. Observa-se que Bianca se vincula com o mundo através da cólera. A angústia e a aflição estão constantemente presentes, vivencia o sentimento de falta, de que não vai dar tempo de fazer tudo o que tem vontade de fazer, demonstrando que seu tempo pode ser curto em relação ao desejo. Permanece dividida entre as possibilidades que tem e os limites da existência impostos, não somente pela doença, que restringe o seu modo de ser no mundo. O espaço terapêutico, portanto, visa ampliar os modos de vinculação de Bianca na sua existência e oportunizar o seu contato com suas dores.

Palavras-chaves: Existencialismo; Fenomenologia; Ludoterapia; Espaço terapêutico.



SENTIDOS INDESCRITÍVEIS: ANÁLISE DE CASOS À LUZ DA FENOMENOLOGIA EXISTENCIAL EM ACONSELHAMENTO

Roana Piovesan (UFTM),
Carolina Martins Pereira Alves (UFTM)

No curso de Psicologia da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, realizada-se uma disciplina de “Vivência Profissional”, com a proposta de aconselhamento psicológico, tendo como base a teoria centrada na pessoa de Carl Rogers. Visa, em um período breve, auxiliar o paciente em questões pontuais, que geram sofrimento psíquico, de forma não autoritária e não diretiva, com respostas clarificadoras e de aceitação. Esse trabalho objetiva apresentar dois casos clínicos relacionando à fenomenologia da afetividade proposta por Emílio Romero, visando olhar sobre as vivências humanas a partir da ideia de ser em relação. Possui como foco ajudar o indivíduo a compreender seu modo de experienciar a vida, construído na relação terapêutica, com a suspensão de crenças e pré-juízos. Assim, foram atendidos dois casos de homens que possuíam vivências semelhantes. Estavam na faixa dos 50 anos, com percepções de já terem feito muito pelas pessoas, desejando serem reconhecidos, com vontade de que os outros façam algo por eles em troca. Apresentam dificuldade em expressar seus afetos, o que pode advir do medo de não ser aquele que foi, e da (im)possibilidade de se atualizar frente o outro, gerando medo dos próprios afetos. Geralmente, nessa etapa da vida, há um desgaste dos sentimentos, que expressam o modo do existente se vincular a si mesmo e ao mundo. Estes vínculos são relativamente duradouros e persistentes, diferentemente dos estados de ânimo, mostrando-se como a sintonia e a ressonância do sujeito no mundo, mais momentâneos, estabelecendo a coloração com a qual o sujeito observa o seu mundo e responde a ele. Perceberam-se, ao longo dos atendimentos, momentos em que os estados de ânimo se mostravam diferentes, mesmo que os sentimentos permanecessem presentes. Pela reflexão sobre os atendimentos realizados, pode-se concluir que a relação terapêutica foi importante ao auxiliar os indivíduos a compreenderem suas vivências, por meio de reflexões sobre elas, sendo possível o acolhimento de seu sofrimento psíquico. Puderam pensar sobre seus afetos e relacionamentos, começaram a dar maior significado para estes e agiram de forma mais flexível no cotidiano.

Palavras-chave: AFETIVIDADE, ACONSELHAMENTO PSICOLÓGICO, FENOMENOLOGIA



REFLEXÕES FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAIS DO SUICÍDIO DE IDOSOS NO RN

Eleni de Araújo Sales (UFRN)
Profª. Dra. Elza Dutra (UFRN)

Suicídio é uma morte voluntária, que significa nos colocar diante de nossa própria finitude e da possibilidade de escolher finalizar a existência. De acordo com a Organização Mundial da Saúde, no ano de 2020, aproximadamente 1.53 bilhões de pessoas vão morrer por suicídio no mundo. Atualmente, os índices mais altos encontram-se na Europa. O Brasil, embora detenha uma das menores taxas, comparado ao resto do mundo, em números absolutos, está entre os dez países com maior número de morte, por volta de 6000 por ano. A OMS (2009) afirma que, de forma geral, o risco de suicídio aumenta com a idade e vários estudos apresentam altas taxas de suicídio em idosos. Como fatores de risco para o suicídio em pessoas idosas pode-se citar a morte de uma pessoa querida, isolamento social, dependência, dentre outros, fazendo surgir sentimentos de inutilidade e humilhação. O objetivo desse trabalho é desenvolver algumas reflexões fenomenológicas a respeito do suicídio em idosos, a partir de dados epidemiológicos obtidos em pesquisa realizada no Rio Grande do Norte, no período de 2000 a 2010. Os dados foram extraídos dos laudos necroscópicos dos arquivos do Instituto Técnico e Científico de Polícia do RN – ITEP e analisados no PAWS Statistics 18. No período investigado, 2000 a 2010, houve um total de 1022 suicídios, com uma média anual de 102 por ano. Dentre estes, aqueles com a idade acima de 60 anos totalizaram 136 casos (13,3%). O ser-no-mundo idoso, inserido na sociedade ocidental contemporânea, convive com uma imposição de responsabilização e culpabilização pelo seu envelhecimento, como se pudesse tê-lo evitado. Com isso, há uma negação do seu poder-ser, levando ao empobrecimento da sua existência e à perda de sentidos. Acreditamos que refletir sobre o suicídio de pessoas idosas numa perspectiva que considere a sua condição existencial de poder-ser poderá contribuir não só para o estudo de tal fenômeno, mas, sobretudo, para o pensamento fenomenológico na psicologia.

Palavras-chave: Suicídio de idosos; suicídio no RN; perspectiva fenomenológico-existencial.



PSICOTERAPIA EXISTENCIAL COM CRIANÇAS: UMA POSSIBILIDADE DE ATUAÇÃO

Maira Prieto Bento Dourado (IFEN)

Neste trabalho visou trazer à tona a psicoterapia existencial com crianças, apresentando um modo de atuação diante de possibilidades e entraves inerentes à psicologia clínica e às demandas contemporâneas. Aqui apresento um recorte da monografia apresentada ao fim da especialização em Psicologia Clínica, no IFEN. Ressalto pontos mobilizadores à minha prática clínica e o desafio de trabalhar com uma perspectiva antinatural que vai de encontro ao senso comum que está orientado pelo modo de pensar cartesiano, a partir de diagnósticos, das informações precisas, seguras e exatas.

Os motivos contemporâneos que, muitas vezes, levam a criança à psicoterapia envolvem dificuldades que se referem ao não ajustamento ao modelo proposto pela sociedade atual. Pude notar que a constante equiparação do que a criança vivencia com referenciais preestabelecidos levavam pais e escolas a conclusões precipitadas sobre a experiência da criança. Assim, crianças são encaminhadas a mim, a psicoterapeuta, para restabelecer o que era antes ou, quem sabe, ficar melhor ou até alcançar o padrão esperado. Enquanto psicoterapeuta Existencial devemos acompanhar o caminhar da criança no seu próprio círculo hermenêutico, trazendo à abertura aquilo que se mostra. O processo terapêutico consiste em estarmos com a criança atentos ao que se desvela o que, na maioria das vezes, se dá de forma lúdica. O modo de ser da criança no setting terapêutico abre um espaço para que ela reconheça sua condição existencial, assumindo a responsabilidade nas escolhas efetuadas. Para os pais, abrimos a possibilidade de serem escutados e acolhidos, ampliando para eles um horizonte passível de encontrar um sentido para o momento vivido, refletindo sobre as experiências.

Concluí que as demandas destinadas à psicoterapia mostraram-se coerentes com o horizonte histórico contemporâneo, onde diagnóstico e resultados são tomados como determinantes do modo de ser da criança. Ressalto que a postura antinatural do pensamento existencial não objetiva abarcar a demanda dos pais, mas sim levá-los a um questionamento diante das possibilidades dos seus filhos, abrindo um espaço onde pais e crianças possam estar presentes. Disponíveis uns aos outros, podem se compreender a partir do modo de ser mais próprio de cada horizonte de sentido.

Palavras-chave: Fenomenologia, Psicoterapia Existencial; Criança; Diagnóstico.



ENTRE A RESISTÊNCIA DO CLIENTE E A ANGÚSTIA DO PSICOTERAPEUTA: CAMINHOS E DESCAMINHOS

Maira Prieto Bento Dourado (IFEN)
Eduardo de Sequeira Cremer(IGT)

O psicólogo clínico iniciante encontra muitas dificuldades para construir seu consultório, o que muitas vezes acarreta na desistência desse caminho. A inquietação diante disso e a pouca atenção dada a questão nos círculos acadêmicos e pós-graduação, fez com que nos debruçássemos sobre o assunto, buscando alternativas para que esse percurso pudesse ter mais suporte. Desenvolvemos ideias, como um curso a respeito dessa fase inicial, e, posteriormente, criamos uma clínica social com o objetivo de gerar um banco de clientes para os psicólogos que estão começando. Depois com o início da clínica social, diante da grande procura que nos surpreendeu, surgiu a outra parte do material para a presente proposta: a hipótese de que a resistência maior, ou pelo menos, a grande justificativa das pessoas que possuem demanda de psicoterapia para não iniciar o processo seria financeira. Após quase um ano de funcionamento da clínica social fazendo o levantamento de alguns dados, pudemos notar que não é só a questão financeira que alimenta a resistência, prorrogando ou impedindo que pessoas procurem a terapia. A partir deste pudemos ter algum contato estatístico com a resistência, algo que aparece nas relações terapêuticas tornando-a difícil e, muitas vezes, inviável. Aqui esbarramos com o segundo construto dessa comunicação e, de grande influência nas escolhas de se iniciar o atendimento clínico: a angústia do psicoterapeuta. Algo que, igualmente, vai sempre permear o trabalho clínico, mas traz mais dificuldade em seu manejo no começo da profissão. O psicoterapeuta iniciante vivencia a angústia diante do medo de não se estabelecer na profissão e, de não ser mais um psicólogo clínico. Visamos resgatar a compreensão gestáltica da resistência clínica, observando-a do ângulo do que é possível, podendo vir a tornar a angústia do terapeuta possível de ser encarada por este, ao menos com uma compreensão maior deste processo. Ao propormos esse início como um lançamento profissional, pensamos em um estar cômico das demandas do exercício da psicologia clínica, das solicitações do mundo e da possibilidade de não dar certo.

Palavras-chave: Psicoterapeuta iniciante; angústia; resistência; clínica social



EDUCAR COM CUIDADO: REFLEXÕES FENOMENOLÓGICAS SOBRE AS DITAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

Alessandro de Magalhães Gemino (UFF/FAMATH)

Kássia Fonseca Rapella (FAMATH)

Este trabalho consiste em propor uma reflexão sobre as práticas de ensino com base no filme “Estrelas na terra: Toda criança é especial”. São constantes as reclamações ou demandas escolares a respeito do chamado “fracasso escolar” ou “dificuldade na aprendizagem”. Aos nos referirmos a tais conceitos, estratificamos determinadas questões: O que seria então, o sucesso escolar? A dificuldade na aprendizagem reside no aluno que aprende ou na forma que lhe é ensinado? E o que seria essa dificuldade? É mesmo uma dificuldade ou uma forma de ser diferente do esperado? A nossa herança histórica nos remete a uma prática profissional marcada por uma relação professor-aluno entre aquele que sabe os métodos de ensino e aquele que busca o saber, vendo o sujeito como passivo em tal processo. Utilizando como base conceitos heideggerianos, propomos uma reflexão a partir do que o filósofo alemão Martin Heidegger chama de “Cuidado”, tendo este duas formas de relação: uma chamada de “ocupação”, que se refere-se ao modo de relação do Dasein (o “homem”, no dizer heideggeriano) com os entes intramundanos. A outra, chamada “preocupação”, pode ser entendida como o modo de relação do Dasein com outro ente de mesma estrutura existencial. Considerando a noção de “ocupação” em que as coisas simplesmente nos vêm ao encontro através do uso, podemos ver aí o tipo de relação que o professor terá ao buscar uma objetivação daquele sujeito que se mostra, ou seja, tratando o aluno do ponto de vista ôntico. A proposta seria de pensarmos esta relação em uma via distinta, considerando o fato de sermos no-mundo-com-os-outros, ou seja, olhando para o “estar junto de” outro ente, de mesmo caráter existencial.

Palavras-chave: disciplina, cuidado, fenomenologia



PSICOTERAPIA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL: ALGUMAS REFLEXÕES INICIAIS A PARTIR DE FRAGMENTOS DE UM DISCURSO CLÍNICO

Conceição Aparecida Alves Assis (IFEN)

No exercício de uma psicologia clínica articulada à filosofia da existência, é necessário recorrer à expressão cotidiana do homem para compreensão do sentido do ser (Heidegger, 1927:1990). Por isso, para suscitar reflexões sobre essa prática, recorri a fragmentos do discurso clínico de L., 63 anos, que buscou terapia porque “*tinha depressão*”. Paralisada na lamentação do que havia perdido com a morte do esposo e o casamento do filho, L. sofria por ser “*sozinha, como jamais imaginara*”. Suspensos os sentidos supostamente definidores – de mãe e esposa – confrontou-se com o vazio de seu ser, e desesperou-se. Tudo o que L. queria era “*voltar a ser*” o que acreditava que era. De início, a terapeuta compartilhou dessa atmosfera de angústia e, estabelecido o vínculo terapêutico, avançou com questionamentos/metáforas para o reconhecimento das limitações impostas pelas contingências, mas também da possibilidade de articulação de sentidos outros, que abriram escolhas impensadas. Através do método fenomenológico, a terapeuta sustentou a atitude antinatural e a suspensão dos valores apriorísticos (Husserl, 1906:1990), mantendo o estranhamento diante do que era trazido como naturalizado. Além disso, foi imprescindível o pensamento meditante (Heidegger, 1927:1990), para aguardar a abertura ao sentido do fenômeno, àquilo que se espreita por entre o que parece óbvio e que, por isso mesmo, constitui o que há de singular. Esse esforço incluiu resistir à tentação de enxergar a analisanda por meio das categorias que a enquadravam como depressiva, bem como de prover a resposta de cura que ela tanto almejava. Com o avançar da terapia, L. compreendeu a impossibilidade de evitar o risco do arrependimento e a tensão inerentes à liberdade que se é e, em cerca de quatro meses, começou a sair da restrição de sentido para realizar-se como poder-ser. Novas possibilidades ousaram emergir: “*Com quem viver? Trabalhar? Adotar um filho?*” Os paradoxos da experiência de estar só foram sustentados para além da esfera do medo, assumindo sentido de independência para “*viajar, resolver a vida sozinha!*”. Nesse enfrentamento, L. contou com a companhia da terapeuta na sustentação da reflexão sobre as escolhas assumidas e a assumir, nas dores e delícias do fluxo indeterminável da existência.

Palavras-chave: Método fenomenológico; depressão, psicologia clínica, filosofia da existência



DIÁLOGOS E DESAFIOS ENTRE HOMEM E ROBÔS-HUMANOIDES: UMA PERSPECTIVA SOCIAL DA ABORDAGEM EXISTENCIAL

Larissa de Oliveira Alves (UERJ)

Paula Andrade Prata Ferreira (UNESA)

Teresa Cristina Mafra Oliveira (UNESA)

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre os fenômenos existenciais e sociais decorrentes dos diálogos e conflitos entre o homem e os robôs humanoides. Assim, procuramos investigar a necessidade de criação desses artefatos cada vez mais semelhantes à condição humana e o seu papel existencial perante uma perspectiva social. A criação de robôs como imagem e semelhança do homem sempre esteve presente no imaginário social cotidiano. A relação entre criador e criatura e as temáticas do pensamento sartriano nos leva a refletir sobre o pensamento da liberdade, que nesta contextualização adquire uma dinâmica investigativa quanto ao futuro. Dessa forma, na dimensão do imaginário do homem, ele crê o que poder vir-a-ser a sua própria existência e finitude. Cabe pontuar que a fascinação por objetos irreais mobiliza o homem. O cinema, em diferentes momentos, mostrou a trajetória de personagens (Andrew em *O homem bicentenário* e David em *Inteligência artificial*, por exemplo) que adquiriam não só inteligência humana, mas também eram munidos de sentimentos, emoções e enfrentavam conflitos existenciais. O cinema assim como as outras formas de arte são gêneros que nos fascinam e povoam nosso imaginário. Assim sendo, pretendemos fazer uma analogia entre esses filmes e a realidade do mundo tecnológica atual. Paralelo à sétima arte, a realidade acompanha a ficção com a criação de robôs humanoides cada vez mais sofisticados. Tais robôs auxiliam o homem em atividades laborais não só de cunho mecânico repetitivo e de precisão, mas também em atividades onde seja necessário a tomada de decisão a partir da significação apreendida do mundo a sua volta, do não- ser ao vir-a-ser.

Palavras-chaves: existência; liberdade; finitude; imaginário; social.



DEIXOU O CORPO EM CASA E FOI PARA A TERAPIA: O CORPO SEGUNDO PSICÓLOGOS

Joanneliese de Lucas Freitas (UFPR)

A relação entre corpo e mente é um problema ainda atual para a psicologia, especialmente frente ao avanço das neurociências. Entretanto, é o corpo tema da psicologia? Investigamos a concepção de corpo entre psicólogos atuantes na cidade de Curitiba-PR. Foram realizadas entrevistas com 21 profissionais, seguidas de análise qualitativa dos resultados, onde se aplicou a redução fenomenológica. A partir dos dados nota-se que o corpo ainda não pode ser delimitado como categoria conceitual em psicologia. Os resultados evidenciam um corpo “dividido” entre teoria e prática. Apesar do frequente relato de que se considera o sujeito como totalidade “corpo-mente”, ao longo das entrevistas essa totalidade foi representada como uma mera soma entre as partes. Ao observar as dificuldades em problematizar a relação entre corpo e psiquismo e a tendência a uma separação entre “interioridade” e “exterioridade”, questionamos sobre a condução da formação em psicologia, tendo em vista que grande parte das teorias psicológicas rejeitam tais noções. A noção de corpo mais comum entre os psicólogos é ainda a de esquema corporal, corpo como depositário ou reflexo do psiquismo. O discurso ou a fala é destacado como elemento mais relevante de suas práticas. Apenas quando são tratados temas e situações de adoecimento físico, o corpo é compreendido como espaço subjetivo, lugar do adoecimento e do sofrimento, já que estão envolvidas questões biológicas que afetam diretamente a materialidade do corpo. Nota-se que, apenas nas especificidades da patologia e da psicossomática, o corpo se mostraria como corpo-sujeito. Nesses eventos o corpo aparece como a incorporação de um conhecimento vivo. O enfoque é dado principalmente no processo de adoecimento, em que relatam observar uma mudança desta imagem pelo paciente. Especificamente no campo fenomenológico nota-se maior influência das concepções de corpo vivido e consciência encarnada mais fortemente na literatura do que nos discursos e práticas profissionais.

Palavras-chave: corpo; corporeidade; psicologia clínica; fenomenologia



PLANTÃO PSICOLÓGICO E AÇÃO POLÍTICA

Henriette T. P. Morato (LEFE/IPUSP)

É tarefa profissional no mundo atual configurar espaços para a ação de cuidado entre homens. Instituições constituem-se, na maioria, em lugares não implicados com uma atenção para cuidar do ser humano: seus atores sociais demandam cuidado, pois sagra um sofrimento confinado e reverberado, revelando um sujeito, e as instituições que deles cuidam, como dependentes de um tecido sócio-cultural que determina modos de ser adequados e ajustados. Enquadrados, seus atores são condenados à des-consideração institucional e ao des-alojamento existencial. O contexto social, político, econômico e cultural contemporâneo clama por mudanças na concepção e implementação na formação profissional de agentes de saúde e educação. Propor alternativas de reflexões teóricas para profissionais, que cuidam de população resultante desta nova ordem mundial, é tarefa desafiadora para psicólogos. Práticas clínico-pedagógicas em saúde e educação poderiam subsidiar a formação de profissionais pertinente às demandas de serviços no contexto social. Compreendida a dimensão ética para o humano, pode ser possível à prática psicológica encontrar sentido para contemplar conflitos próprios do humano: privilegiar o sofrimento de homens entre homens em suas formas de organização. Buscando ações teórico-práticas em Psicologia para demandas inseridas nesta problemática, a inserção da prática psicológica em contextos institucionais com alunos de graduação e pós-graduação, a cartografia possibilitou a inserção de atenção psicológica respondendo à cultura de cada instituição: investigação para um saber mais condizente com a experiência do homem no mundo com outros, aproximando-se do que seria o tácito, o cultural, o étnico e, talvez, o ético. Partindo do contexto social de cada instituição, possibilidades e desafios se impuseram a esses investigadores, inquietos com o sofrimento e desamparo social, refletindo-se na re-criação de prática psicológica, ampliadora do fazer clínico do psicólogo para além do sentido instituído. O fundamento desta clínica opta, de um lado, pela perspectiva fenomenológica existencial, dada a condição constituinte da existência humana, revelada no encontro com o outro, vendo e sendo visto, ouvindo e sendo ouvido. É pelo atributo de plasticidade do Plantão Psicológico e sua singularidade em cada espaço em que se realiza que serão apresentadas como ocorreram três situações em instituições, na clínica-escola e em comunidade.

Palavras-chave: plantão psicológico; fenomenologia existencial; ação política



GRUPO DE ATENÇÃO PSICOLÓGICA NA ATENÇÃO SECUNDÁRIA À SAÚDE

Tatiana Benevides Magalhães Braga (PUCMinas)

Esta pesquisa investiga os modos de constituição de um grupo de atenção psicológica em uma instituição de atenção secundária em saúde. Caracterizada como pesquisa interventiva numa perspectiva fenomenológica-existencial, a investigação utilizou-se de diários de bordo dos participantes, buscando percorrer a trajetória de constituição do grupo de atenção psicológica, bem como o sentido construído para as experiências expressas neste espaço. O grupo de atenção psicológica possui participação aberta e perspectiva de fechamento das temáticas levantadas no próprio encontro, tendo como referência o atendimento em plantão psicológico. No caso estudado, o grupo foi realizado junto a pacientes em diagnóstico ou tratamento para câncer, atendidos em um hospital de atenção secundária em saúde, visando compreender os modos de vivenciar e expressar as experiências do adoecer entre aqueles que dele participam. O primeiro aspecto observado foi a dificuldade de falar sobre o adoecer no cotidiano, tanto nas instituições de saúde quanto na família. Por meio da participação em um grupo, foi possível que a narrativa das experiências possibilitasse a constituição de um espaço dialógico, abrangendo tanto o entrelaçamento da própria vivência à esfera das experiências legitimadas e compartilhadas quanto a abertura para a multiplicidade apresentada através das compreensões e vivências do outro. Constituem-se, desse modo, maiores possibilidades de sentido para tais experiências para se orientar e referenciar quanto ao próprio adoecer, em busca da construção tanto de projetos e espaços para si quanto de esferas de convívio e compartilhamento da experiência. As situações de sofrimento psíquico, co-geradas a partir de uma miríade multifacetada de aspectos, têm lugar na dinâmica de relações humanas que configura seu contexto. Nesta perspectiva, o olhar para os múltiplos atores que tecem a teia de relações na qual situações de angústia e desamparo existencial se desenvolvem, pode desvelar um sofrimento, muitas vezes, simultaneamente silenciado e compartilhado. A atenção a esta dinâmica pode apresentar a necessidade de escuta e cuidado voltado a grupos que vivenciam experiências semelhantes, no intuito de compartilhá-las e permitir vias de elaboração e estratégias de enfrentamento.

Palavras-chave: grupos de atenção psicológica; atenção secundária em saúde; pesquisa interventiva.



SUPERVISÃO DE SUPERVISÃO COMO METODOLOGIA INVESTIGATIVA, CLÍNICA, INVESTIGATIVA, EDUCACIONAL E ÉTICO-POLÍTICA

Tatiana Benevides Magalhães Braga (PUCMinas)

O presente estudo investigou a supervisão de supervisão, modalidade de prática clínica em que supervisores de diferentes projetos de atenção psicológica em instituições e comunidades discutem a trajetória de cada proposta interventiva, bem como os processos de aprendizagem de alunos e profissionais envolvidos na intervenção. Partindo de uma abordagem fenomenológica, a investigação se baseou numa cartografia clínica desta prática. Através de pesquisa documental, foi narrada a trajetória de constituição da supervisão de supervisão, bem como esboçado o contexto de cenários sociais e projetos de intervenção psicológica a partir do qual esta modalidade de prática se mostra. O desenrolar da supervisão de supervisão se apresenta a partir do da participação nos encontros, gravados com autorização dos participantes, transcritos e analisados com base na proposta da analítica do sentido, estabelecendo-se um diálogo com as falas dos supervisores e buscando compreender o sentido da experiência acompanhada. Os encontros entre os supervisores desvelaram alguns eixos de reflexão atinentes à práxis desenvolvida: o delineamento de uma cartografia clínica de orientação fenomenológica, a discussão sobre as relações entre psicologia e fenomenologia e a compreensão teórica da práxis desenvolvida, a pertinência da práxis psicológica realizada nos contextos institucionais e comunitários e sua articulação com o panorama histórico e social contemporâneo, bem como com a construção de direitos de cidadania, as relações entre clínica e política, as possibilidades de exploração da supervisão clínica enquanto modalidade articuladora entre teoria e práxis. A partir destas temáticas, a supervisão de supervisão pode ser compreendida como grande angular, em que se interpenetram cinco dimensões: investigativa, em que a metodologia da cartografia clínica de perspectiva fenomenológica orienta a compreensão dos espaços em que ocorre a prática; prático-teórica em que a experiência ocorrida no desenrolar da intervenção é contemplada e nomeada pela palavra; clínica, em que o diálogo permite o entrelaçamento de significações e experiências; ético-política em que a construção de referenciais na pluralidade das discussões permite compreender e agir nos contextos interventivos; e pedagógica, em que o nomear a experiência e a atribuição de sentido permitem tanto o processo de aprendizagem clínica quanto sua compreensão.

Palavras-chave: Supervisão de supervisão; cartografia clínica; pesquisa fenomenológica; atenção psicológica.



PLANTÃO PSICOLÓGICO NA COMUNIDADE: ATENÇÃO PSICOLÓGICA NA PLURALIDADE DO CONTEXTO SOCIAL

Tatiana Benevides Magalhães Braga (PUCMinas)

Este estudo visa refletir sobre o plantão psicológico como metodologia interventiva junto à comunidade. Partindo da perspectiva fenomenológica existencial, utilizam-se diários de bordo de plantonistas para a investigação participante de um serviço de plantão psicológico realizado em parceria com associações comunitárias de bairro. Os diários de bordo são analisados a partir da proposta de uma analítica do sentido, realizando-se um diálogo com registros e relatos que permita fazer emergir o sentido da experiência. Nestes registros, o plantão psicológico se oferece como serviço frente a uma necessidade emergente e o usuário pode procurá-lo sem nenhuma burocracia, utilizando-se do serviço conforme sua conveniência. Além disso, o serviço se estende a diversos espaços da cidade em que ocorrem ações de promoção da saúde, da educação, do trabalho e da cidadania, facilitando o acesso da população. Assim, o plantão psicológico se apresenta como possibilitador de um espaço permanente de escuta das problemáticas psicossociais trazidas pela população, constituindo-se numa referência para a comunidade no acolhimento de uma queixa, na elucidação da demanda e no seu encaminhamento específico, especialmente em momentos de crise, nos quais se faz necessária a constituição de outras referências que orientem o cuidado. A exploração da demanda permite a elaboração de alguns casos em um número reduzido de atendimentos, abrangendo frequentemente os espaços de socialização em que o usuário está inserido, como a família e a escola, levando à eliminação da fila de espera no encaminhamento à outras modalidades de atendimento em clínica-escola e nos serviços de saúde, como psicoterapia, processos educativos e orientação vocacional. Além disso, o psicólogo plantonista continua acompanhando o encaminhamento realizado, em procedimentos como o contato com os profissionais de saúde que receberão o usuário do serviço, a confirmação de aderência ao atendimento, a discussão do encaminhamento junto ao usuário e, em alguns casos, o atendimento conjunto. O Plantão psicológico na comunidade procura, desta forma, diminuir a distância entre estas pessoas e uma relação de ajuda efetiva. Conclui-se pela pertinência desta modalidade de prática psicológica em contextos institucionais e com demandas diversificadas.

Palavras-chave: plantão psicológico; clínica-escola; comunidade; encaminhamento acompanhado.



EMOÇÕES EM CONTEXTO DA PSICOTERAPIA FENOMENOLOGICA EXISTENCIAL

José Tomás Ossa Acharán (SPPE; ISPA)

A literatura nos diz que as emoções estão sempre presentes em todas as atividades ou manifestações em psicoterapia. É através das emoções, que nos relacionamos com o mundo e divulgamos muitos aspetos sobre o nosso sistema de valores e comportamento. Por outra parte, as emoções manifestam-se de forma reflexiva e pré-reflexiva, sendo acompanhada de sensações corporais ligadas a estas vivências emocionais. Assim, os aspetos emocionais causam, nos clientes, uma redescoberta dos seus valores e do sistema de comportamentos, tornando-se cientes de partes das suas sedimentações mais rígidas. Para estudar as emoções em contexto psicoterapêutico foi escolhido o método qualitativo, onde foram examinadas as descrições das vivências da exploração de uma emoção em contexto psicoterapêutico, em pessoas que estavam a realizar a sua psicoterapia individual no modelo fenomenológico existencial. Os dados foram adquiridos através da entrevista fenomenológica, a partir da pergunta: “Consegue descrever como vivenciou a exploração de alguma emoção na sua psicoterapia?”. Sendo aplicado o método Fenomenológico-Psicológico desenvolvido por Amedeo Giorgi para a posterior análise dos resultados. A amostra foi escolhida por conveniência, constituída por 4 pessoas, das quais 3 são do género feminino e 1 do género masculino. Observou-se nos resultados, a existência de uma estrutura de significado geral que se manteve nas descrições dos diferentes participantes, onde alguns dos elementos desta estrutura são: através da exploração de uma emoção são revividos sentimentos e vivências ligados ao passado, existe uma maior compreensão e reflexão de si sensação física de mudança, dar um novo sentido as vivências do passado e a importância da relação terapêutica para que este processo possa acontecer. Desta forma verificou-se muitas concordâncias dos resultados deste estudo com o que já está escrito na literatura sobre as emoções em contexto psicoterapêutico. Como implicação na prática psicoterapêutica, podemos argumentar que o psicoterapeuta poderá possibilitar a exploração descritiva, das sensações corporais e das vivências que surgem ligadas a emoção (por exemplo), para assim fornecer um espaço de respeito e compreensão para acompanhar a pessoa na reflexão, nas sensações físicas e nas vivências do que estiver conectado a esta emoção.

Palavras-chave: emoção; psicoterapia fenomenológico existencial; método fenomenológico.



PSYCHOTHERAPY PROCESS Q-SET (PQS): UMA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL

Joana Sofia Correia Alegria (ISPA-IU),
Joana Pereira Duarte (ISPA-IU),
Daniel Sousa (ISPA-IU)

Uma dos principais focos da psicoterapia existencial é a relação terapêutica. Contudo, a literatura indica que é ainda escassa a investigação que permite identificar os mecanismos que promovem os processos de mudança no processo terapêutico. O Psychotherapy Process Q-Set, desenvolvido por Enrico Jones nos anos 80, tem o intuito de compreender, através de uma descrição detalhada, os diferentes factores envolvidos no processo terapêutico. Este instrumento é atóxico, isto é, não sofre a influência teórica dos psicoterapeutas em análise. Aborda três aspectos fundamentais: as atitudes, comportamentos e experiências verbalizadas do paciente; as atitudes e acções do terapeuta; e, por último, o ambiente e atmosfera em que se desenvolve a sessão e natureza da interacção entre paciente e terapeuta. O PQS é muito utilizado em estudos de compreensão dos processos terapêuticos, contudo não se encontra citado em nenhuma investigação dentro da psicoterapia existencial. O presente trabalho pretende analisar uma amostra de quatro díades, decorrentes de sessões de Psicoterapia Existencial, que têm lugar na Clínica Universitária de Psicologia do Instituto Superior de Psicologia Aplicada – Instituto Universitário. Serão analisadas, através de gravações áudio, um total de trinta e seis sessões, divididas pelas quatro díades,. Posteriormente, será feita uma análise do conteúdo das mesmas com o Psychotherapy Process Q-Sort. Devido ao escasso número de trabalhos de investigação em psicoterapia que ainda está patente em Portugal e à inexistência de investigações em Psicoterapia Existencial, utilizando o PQS, acreditamos ser um trabalho que poderá ter um contributo significativo na área da Investigação em Psicoterapia.

Palavras-chave: Psicoterapia Existencial; relação terapêutica; processos de mudança; Psychotherapy Process Q-Set (PQS)



FENOMENOLOGIA DA VIDA EM MICHAEL HENRY NA PSICOTERAPIA E NO ATELIÊ DE PINTURA

Andrés Eduardo Aguirre Antúñez;
Karin Hellen Kepler Wondracek;
Jacqueline Santoantonio

A fenomenologia em Michel Henry caracteriza-se pelo reportar os movimentos da vida subjetiva ao seu solo original: à sua afetividade primordial. É pela declinação no afeto que a intencionalidade, a consciência, todas as prestações transcendentais do sujeito são simultaneamente fenômenos vivenciados na dupla dimensão do sofrer / fruir. As implicações da fenomenalidade do afeto nesta dupla dimensão interessam às ciências da saúde, especialmente à psicoterapia e aos trabalhos que envolvem desenhos em Ateliê de Pintura com pacientes psiquiátricos. O essencial da atividade clínica nesta perspectiva relaciona-se com a possibilidade fenomenológica da questão da passagem do sofrer ao fruir da vida, em um trabalho fundamentalmente baseado na dialética dos afetos. É neste contexto que a fenomenologia de Henry entra no Brasil, primeiro nas Faculdades EST, em São Leopoldo/RS, na Sigmund Freud Associação Psicanalítica em Porto Alegre, depois no Departamento de Psicologia Clínica da Universidade de São Paulo e recentemente no Centro de Atenção Psicossocial, na Universidade Federal de São Paulo: atendemos à possibilidade da passagem do poder do sentimento (sofrer o afeto), ao sentimento de poder (fruir do afeto). Como parceiros da nossa investigação temos o grupo «O que pode um corpo?» coordenado por Florinda Martins, do Centro de Estudos em Filosofia da Universidade Católica Portuguesa, que desde os anos 80 trabalha a fenomenologia da Vida, em Henry, na sua articulação direta com a medicina e com o papel do corpo na redefinição da fenomenologia. O nosso ser, mesmo enquanto ego, vivencia-se no corpo e é assim o tema que reúne fenomenologia e ciências psicológicas. Na fenomenologia da vida, a melancolia ou os traumas psíquicos são ressignificados antropológica e clinicamente, abrindo novas possibilidades terapêuticas na relação entre fenomenologia e psicoterapia, fenomenologia e acompanhamento psicológico por meio do uso de desenhos e pinturas em ambiente psiquiátrico, especialmente na dimensão do originário e do irrepresentável.

Palavras-chaves: fenomenologia da vida; ipseidade; sofrer/fruir; psicoterapia, arte terapia.



UMA ANALISE EXISTENCIAL SOBRE AS REDES SOCIAIS E AS RELAÇÕES HUMANAS NA CONTEMPORANEIDADE

Jurema Barros Dantas (UVA)
Diego Ferreira Moura de Paula (UVA);
Jéssica Mara Mendes (UVA)

Este trabalho pretende elucidar a especificidade das relações contemporâneas engendradas a partir das interações virtuais via redes sociais. Este estudo, parte da premissa de que, atualmente, o fluxo de informações via internet é extremamente significativo e que, em alguns casos, é até substituto de relações e interações pessoais. A tecnologia atual proporcionou uma grande aproximação virtual das pessoas com redes de relacionamento cada vez mais expressivas e com possibilidades de obtenção de informações cada vez maiores. Pode-se dizer que, a rede virtual deixou de ser uma simples ferramenta de interação, trabalho e lazer, para se tornar e se desvelar um meio próprio de se relacionar na contemporaneidade. As relações virtuais parecem complementar o *modus operandi* do homem socializar. Torna-se, cada vez mais evidente, o modo como a chamada “Era da Técnica”, com sua premissa de manipulação, de uso e de controle parece atravessar e constituir os modos de relação contemporânea. Apresenta-se um cenário em tempo real onde torna-se possível dispor do outro, se expor e, permanentemente, se manter concetado. Relações do horizonte da técnica que podem maravilhar, encantar, fascinar bem como podem entorpecer, encobrir ou até empobrecer o âmbito de nossas relações. Assim, discutir esses novos modos de relacionamento a partir do uso das redes sociais se mostra um tema atual, pertinente e imprescindível na busca por uma compreensão dos desafios apresentados pelo cenário contemporâneo. Trata-se de um modo de presença da existência, em um novo terreno, com leis e circunstâncias totalmente próprias. É um novo universo construído a partir de experiências amplamente manipuláveis. Um olhar atento para esta situação pode revelar inúmeros desdobramentos a respeito do humano pois as relações virtuais acabam se apresentando no contexto contemporâneo, como um modo próprio de se relacionar, caracterizado pela globalização e pelo uso de novas ferramentas tecnológicas que abarcam este fenômeno. Assim, discutir a apropriação das redes sociais bem como dos adventos tecnológicos e sua influência nos modos de relacionamento desvelados na contemporaneidade é a preocupação central deste estudo.

Palavras-chaves: Tecnologia, redes sociais, relações humanas, contemporaneidade.



O MEDO SEM RAZÃO

José Fabiano Ferraz (UNISAL)

Como lidar com as questões invisíveis que envolvem alguns transtornos de ansiedade como: o ataque de pânico e as fobias? A sensação de estar sendo invadido por algo estranho a si mesmo? Neste trabalho apresento uma proposta fenomenológica de lidar com esse invisível, em seu estado invisível, ou seja, em sua pura afetividade. Se, como postula a metafísica da representatividade, o invisível somente chega a nós em representidade, como poderemos acessá-lo em sua forma originária? Foi através da fenomenologia da vida de Michel Henry, e do seu método de redução radical fenomenológica, que desenvolvi o trabalho clínico de ir à raiz, a fenomenalidade do pânico. O manejo da manifestação – ocorrência – foi conseguido a partir da consciência fenomênica. Aprender a lidar com o fenômeno em si mesmo, sem distanciamento, antes do puro pensar, em sua pura autoafecção. A relevância, desse trabalho, se destaca por se tratar de um método que altera o modo de investigação tradicional. A fenomenologia da vida permite abandonar a visibilidade e fazer uma fenomenologia do invisível, pois a manifestação originária do pânico se dá nessa dimensão. Na representação encontramos uma realidade pensada (noemática), o significado do fenômeno. Apenas quando se prova e experimenta o fenômeno – o pânico -, em seu puro sofrer, a realidade e a revelação se unem e assim permite a apropriação. Henry mostra uma diferença ao método tradicional, de considerar o pensamento como precursor de apreensão do corpo: *“como adquirir no pensamento um conhecimento desta vida que dá este ver a si mesmo sem, contudo, se mostrar a si”*.

Palavras-chaves: Fenomenologia; Fenomenologia da Vida; Pânico; Ansiedade. Ok sessão coordenada.



PSICOLOGIA, CIÊNCIA E PENSAMENTO DO SER: UMA REFLEXÃO SOBRE O SER DA PSICOLOGIA A PARTIR DO HEIDEGGER II

Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista (UNIP-SP / LEFE-USP / Feno&Grupos)

A analítica da existência desenvolvida por Heidegger em *Ser e Tempo* foi rapidamente apropriada pelas ciências psicológicas, principalmente por Binswanger e Boss, vindo a influenciar vários outros autores. De modo geral, encontraram na analítica do ser-aí uma nova compreensão da existência, livre dos pressupostos e do determinismo característicos do pensamento científico-natural, possibilitando uma crítica aprofundada dos conceitos e interpretações psicanalíticos. Surge aí a *daseinsanalyse*, uma psicoterapia fundamentada na compreensão da existência como ser-aí. Mas a crítica aos modos contemporâneos de interpretação do humano é apenas uma das possibilidades abertas pelo pensamento heideggeriano. Frequentemente, entende-se mal a *daseinsanalyse* como uma nova ‘teoria’ sobre o homem em substituição às teorias vigentes. Ademais, associa-se o pensamento *daseinsanalítico* às várias psicologias humanistas críticas do cientificismo do século XX. Mas a obra de Heidegger possibilita mais do que isso. Nos escritos posteriores a *Ser e Tempo* (*Kehre*), o foco da investigação fenomenológica se desdobra na direção dos modos epocais de manifestação do ser, de maneira que a abertura de mundo contemporânea, que Heidegger chamara de Era da Técnica, torna-se tema de análise fenomenológica. Esta fase do pensamento possibilita uma reflexão sobre o ser da ciência moderna, na qual as várias psicologias se inserem. Assim, encontramos no pensamento fenomenológico a possibilidade de refletir sobre o ser da ciência Psicologia. Nosso objetivo nesta comunicação é acompanhar um caminho de reflexão aberto por Heidegger sobre o ser da ciência psicológica, recorrendo principalmente ao artigo “Ciência e Pensamento do Ser”, de 1954. Nesta reflexão retomamos a história dos modos de desvelamento do ser dos entes no Ocidente, desde o surgimento da questão do ser na Grécia antiga até nossa contemporaneidade, para a qual o ser se desvela como objetividade disponível para as pesquisas das ciências modernas. Nesse modo de aparecer dos entes já está pré-determinado como devem ser acessados cientificamente. Assim, a estrutura das pesquisas científicas – introdução, pressupostos teóricos, método, resultados – atualiza a objetividade como único modo de ser dos entes, fechando novamente para a possibilidade de outros modos de mostração. Com isso, perguntamos sobre a possibilidade de novos modos de ser das pesquisas em Psicologia.

Palavras-chave: Analítica existencial; Martin Heidegger; Fundamentos da psicologia; Ciência Moderna



PLANTÃO PSICOLÓGICO COMO MODALIDADE DE PRÁTICA CLÍNICA A INSTITUIÇÕES JURÍDICA E HOSPITALAR

André Prado Nunes (LEFE/IPUSP)
Henriette Morato (LEFE/IPUSP)
Heloisa Antonelli Aun (LEFE/IPUSP)
Walter Cautella Júnior (LEFE/IPUSP)

O trabalho sustenta-se na investigação de dois projetos de extensão permanentes à comunidade que se apresentam como serviços de Plantão Psicológico. Tais serviços buscam ampliar as possibilidades de prática clínica, pois transcendem o modelo tradicional de consultório na construção de alternativas de atenção psicológica em instituição. No Departamento Jurídico XII de Agosto da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, o projeto surgiu do pedido feito pela diretoria para um trabalho voltado à comunidade e aos estagiários de Direito, na área da Psicologia. No Hospital Universitário da USP o projeto surgiu de um pedido da diretoria para intervenção junto a pacientes de diversos setores da instituição. Diferenciadamente de uma Psicologia Jurídica e de uma Psicologia Hospitalar, o Plantão Psicológico desvela-se como modalidade de prática clínica em instituição com aproximações da perspectiva fenomenológica existencial. Em ambos os projetos, trata-se da constituição de um espaço de cuidado sigiloso para aqueles que circulam na instituição, sejam eles usuários, pacientes ou funcionários, que se apresentam inicialmente aos plantonistas com diversas queixas, relacionadas ou não com as relações institucionais. Neste sentido, o Plantão Psicológico não busca se orientar pelos princípios da gerência de cada instituição, mas pela atenção e cuidado às singularidades presentes neste contexto, em sua diversidade e imprevisibilidade. Assim, o serviço de Plantão não é compreendido como um modelo pronto a ser aplicado nas instituições, mas como um projeto de intervenção clínica com características específicas dependendo de cada contexto e dos sujeitos envolvidos. Por esta via, os dois projetos de extensão são oferecidos como possibilidade de estágio clínico a alunos de graduação desde o segundo ano, propiciando o contato com a perspectiva fenomenológica existencial em Psicologia

Palavras-chave: plantão psicológico, fenomenologia existencial, instituição.



POSTER



O CORPO EM MERLEAU-PONTY: O CASO CLÍNICO DE MARIA

Georgia Silva Romcy (UNIFOR)

Anna Karynne da Silva Melo (UNIFOR)

Virginia Moreira (UNIFOR)

O presente trabalho objetiva articular a noção de corpo para Merleau-Ponty na obra *Fenomenologia da Percepção* (1945/2011) com um caso atendido numa clínica escola de psicologia em Fortaleza. Partiremos do pensamento ambíguo para compreender este caso clínico. Entendemos que para pensar a existência humana é necessário considerar a ambiguidade. Discutiremos o caso de Maria¹, 47 anos, sexo feminino, solteira e sem filhos, encaminhada ao ser diagnosticada com anorexia grau 3, após uma esofagite. Nas sessões, Maria conta que no início da doença não conseguia reconhecer seu próprio corpo, que ele não parecia ser seu, era muito magro e causava-lhe vergonha. O sujeito, segundo Merleau-Ponty (1945/2011), se expressa através de seu corpo, sendo através dele que nos relacionamos com o mundo, e, portanto, um espaço de relação entre sujeito e objeto. No caso de Maria, ela relata que quando fica muito ansiosa sente dores nos braços, emagrece, tem dores no estômago, embaixo do peito, portanto, podemos compreender que é a partir de sintomas físicos que ela manifesta suas experiências. Maria ainda diz que não tem relações sexuais há 10 anos e que resolveu não sentir desejo de estar com alguém. Segundo Merleau-Ponty (1945/2011), a sexualidade não é algo autônoma ao sujeito, é intrínseca, sendo que ela, não é uma função do instinto, mas da experiência humana. Assim, os reflexos sexuais só atingem o sujeito quando por ele é significado, o que, a partir dos seus relatos, parecem não ocorrer com Maria. No caso dela, em que relata que a parede do colo do seu útero está grudada ao seu intestino, podemos perceber que estes são órgãos ligados às questões discutidas na psicoterapia e que são bastantes presentes em sua vida. No pensamento de Merleau-Ponty encontramos a ideia de entrelaçamento entre psiquismo e as ocasiões corporais, o que podemos entender que há entre o psíquico e o fisiológico uma relação de mútua constituição. Este estudo conclui que Maria se expressa pelo seu corpo, seja a ansiedade, a vida sexual inativa, sendo assim, o corpo aqui não é somente matéria, corpo físico, mas é um corpo de significado, de expressão.

Palavras-chave: Corpo, Merleau-Ponty, estudo de caso.

¹ Nome fictício.



A PRÁTICA CLÍNICA FENOMENOLÓGICA-EXISTENCIAL NA CENTRAL DE APOIO ÀS MEDIDAS E PENAS ALTERNATIVAS (CEAPA)

Rita Luiza Garcia Rangel Britto (Letrans-Univasf)

Darlindo Ferreira de Lima (Letrans-Univasf)

A Central de Apoio às Medidas e Penas Alternativas da Violência Doméstica Contra a Mulher (CEAPA/VDFCM- Petrolina-PE) está vinculada ao Poder Executivo de Pernambuco, tendo por objetivo desenvolver atividades de apoio, acompanhamento e monitoramento das penas alternativas relacionadas à Lei Maria da Penha (11.340). A violência contra mulher se caracteriza por uma forma de violência de gênero, na qual a mulher é concebida como objeto de pré-conceito e/ou ações que a destituem do lugar de ser humano dotado de direito. Nesse contexto, a prática clínica vem se constituindo a partir de experiências que propiciam o reconhecimento da singularidade do humano nos espaços instituídos, sobretudo, aqueles atravessados pela dimensão da violência. O objetivo desse trabalho é compreender a prática do psicólogo na CEAPA/VDFCM a partir da perspectiva fenomenológica existencial. Assim, no período de dez meses foram atendidos 58 casais; 250 atendimentos individuais; 05 encontros em grupos reflexivos; 15 encaminhamentos para outras redes de apoio (SUS, SUAS). Os resultados encontram-se em fase final de análise, preliminarmente, indicam que: a) a forma de encaminhamento dos usuários para a CEAPA/VDFCM influenciam diretamente na escolha da intervenção a ser realizada; b) as ações clínicas individuais e coletivas se constituem como espaços de escuta e elaboração para as experiências de sofrimento quanto a violência contra mulher. Dessa forma, podemos compreender que a prática clínica se caracterizou por intervenções breves, não emergenciais, havendo uma abertura para colaboração com o trabalho clínico por parte daqueles que foram atendidos no serviço. A dimensão de acolhimento e escuta dessa prática parece ter sido fundamental para instaurar uma relação dialógica na qual foi se dando uma abertura progressiva para que os usuários pudessem transitar entre a dimensão ôntica e ontológica de suas experiências com a violência. Portanto, a prática do psicólogo parece ter contribuído para que esse espaço de apoio não se caracterizasse, apenas, como um momento de cumprimento de pena, mas sim, como possibilidade de uma intervenção que visa criar novas formas de compreensão, nas quais, cada envolvido na relação possa se reconhecer como ser humano de direitos e deveres em sociedade.

Palavras-chave: violência contra mulher; prática clínica; escuta; intervenção; direitos humanos.



KUNG FU PANDA II: UM ESTUDO DE CASO ATRAVÉS DA FILOSOFIA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL

Marina Aparecida Rogeri (UNIFRAN)

Este trabalho tem como objetivo realizar a interpretação do filme Fung Fu Panda II através da filosofia fenomenológico-existencial. Em sua obra Heidegger amplia a compreensão da existência humana diferenciando o ser dado no mundo daquele ser humano enquanto *Dasein*, ou seja, aquele ser aí que busca encontrar-se no mundo, que vai ao encontro de e não um ser encerrado, fechado e inexistente. Apoiado na abertura de novas possibilidades e caracterizado pela liberdade de poder ser-no-mundo, o Dragão Guerreiro Po do referido filme, buscará, com a ajuda de seu mestre, sua “essência”, aquilo que constitui a natureza de um ser, deixando de lado o determinismo e acreditando que ele é o que escolhe ser. Foi realizado um estudo de caso do filme no qual buscou compreendê-lo à luz da filosofia fenomenológico-existencial. Foi possível analisar, a partir de então, que mestre Shifu auxilia o panda a encarar e enfrentar seus temores, a fim de que ele possa encontrar a si mesmo e que aprenda a assumir as responsabilidades de suas escolhas e do que continua escolhendo ser, proporcionando um encontro com o ser-aí que está vivendo a angústia de não saber de suas origens, ao passo que, até então, Po acreditava ser um urso panda, filho de um ganso. Entenda-se angústia não como um temor, e sim de forma mais ampla, onde o mundo já não oferece ao sujeito coisa alguma, retirando a possibilidade de compreensão de si mesmo a partir deste mundo. Não é suficiente para Po saber que não é filho de seu pai adotivo. Ele precisa ir além, necessita entender a sua própria história, onde foi encontrado e quer saber o porquê de seus pais o abandonaram. Pelo fato de estar na angústia decide ir ao encontro de respostas, acreditando ser o único modo de encontrar a paz interior, que é o próximo passo da construção de ser um Dragão Guerreiro. Observa-se na análise do filme, que utilizando o método fenomenológico de ir às coisas mesmas, Po consegue encontrar seu ser-aí, ou seja, o seu ser-no-mundo.

Palavras-chave: Kung Fu; fenomenologia; existencialismo; *dasein*.



ANÁLISE DA FÁBULA O CAVALEIRO PRESO NA ARMADURA À LUZ DA PSICOTERAPIA FENOMENOLÓGICA-EXISTENCIAL

Marina Aparecida Rogeri (UNIFRAN)

A psicoterapia fenomenológico-existencial implica o estudo da existência humana proporcionando ao sujeito entrar em contato com o ser-aí, auxiliando-o a realizar suas escolhas de forma mais própria e permite a construção do seu destino em um processo de vir-a-ser. Na filosofia heideggeriana a impessoalidade encerra o homem, limita o seu ser-aí reduzindo as suas possibilidades de expansão. Toda essa vivência inautêntica remete o ente à angústia. Ser autêntico é aceitar sua condição humana, mas enfrentar a ansiedade que a liberdade de escolha no traz. Este trabalho procura compreender a Psicoterapia Fenomenológica-Existencial através da interpretação da fábula “O Cavaleiro Preso na Armadura”, escrita por Robert Fischer. Através da obra é apresentado a atuação do psicoterapeuta e a busca do cliente em um processo de autoconhecimento. Merlin acompanha o cavaleiro no “Caminho da Verdade” encorajando-o a se conhecer melhor, além de mostrar suas significações, enquanto isso, o cavaleiro vai se descobrindo através dos “castelos da vida”. Aprisionado em uma armadura por acreditar que a qualquer momento seria necessário partir em combate, o cavaleiro se angustia com a possibilidade de ser deixado pela sua família. Acreditando que a única forma de ser livre novamente e encorajado pelo mago Merlin, o cavaleiro escolhe passar pelo “Caminho da Verdade” superando os “Castelos da Vida”. No primeiro deles, o Castelo do Silêncio, o ajudou a voltar-se para si e perceber o efeito da armadura em sua vida. No segundo castelo, o Castelo do Conhecimento, leva o cavaleiro ao sentimento de culpa, que na visão existencialista é caracterizado pelo aprisionamento do sujeito aos acontecimentos do passado. No terceiro castelo, o Castelo da Vontade e da Ousadia revela ao cavaleiro a necessidade de se lançar no desconhecido e ser mais próprio em seu existir. Merlin está ao lado do cavaleiro, em todo o processo de autoconhecimento, mostrando que suas dimensões históricas foram evidenciadas para que ele pudesse chegar à responsabilidade individual na construção do seu destino. Percebe-se nesta análise a descoberta que o cavaleiro faz de si mesmo através da abertura e clarificação do mago Merlin no papel de psicoterapeuta.

Palavras-chave: cavaleiro; fenomenologia; existencialismo; psicoterapia.



A PSICO(PATO)LOGIA SOB O OLHAR DA FENOMENOLOGIA – EXISTENCIAL

Luisa Xavier de Brito Silva (UFBA)

O presente trabalho tem como objetivo desenvolver algumas reflexões sobre o conceito de psicopatologia dentro da abordagem fenomenológica, trazendo contribuições teóricas de autores como Husserl, Sartre e Karl Jaspers. Considerando o indivíduo normal como “aquele que supera os conflitos, criando-se dentro de sua liberdade, atendendo igualmente às coações da realidade” (Augras, 2002), a fenomenologia pensa a patologia numa perspectiva de inércia, da falta de angústias e conflitos que poderiam vir a suscitar mudanças no indivíduo, uma vez que é a partir do conflito que surgem novos posicionamentos, atitudes e possibilidades de existências. Desta forma, a fenomenologia enxerga o indivíduo em sua condição de inseparabilidade do mundo, ampliando a ideia sobre saúde e cura, não como conceitos que se encerram em si mesmos, mas entendendo-os como processos, onde o sujeito cria suas próprias condições de existir, expandir e criar. O psicodiagnóstico nesta abordagem modifica o olhar: Tenta entender o fenômeno que está emergindo por si mesmo, e compreender que o sujeito em processo de sofrimento mental possui sua essência, ele existe, faz parte da realidade e cria eixos de significados do mundo e de si. Neste sentido, a pesquisa propõe um entendimento sobre o indivíduo em suas relações, suas condições de existência e seu potencial para gerar diversos modos de ser, não permitindo que a compreensão sobre o outro e o psicodiagnóstico sejam pautados por procedimentos de objetificação e generalização, reduzindo o homem a uma existência isolada e estática.

Palavras-chave: Psicopatologia; Fenomenologia; Existência; Psicodiagnóstico.



UM OLHAR FENOMENOLÓGICO SOBRE O SENTIDO DA FINITUDE PARA PROFISSIONAIS DE SAÚDE

Andréia Elisa Garcia de Oliveira (PUC Campinas);
Vera Engler Cury (PUC Campinas)

Trata-se de projeto de pesquisa qualitativa em andamento, no qual objetiva-se investigar o sentido atribuído à morte e à finitude por profissionais de saúde que atuam com pacientes terminais em um ambulatório de oncologia de um Hospital Universitário do interior do Estado de São Paulo. Diversos estudos apontam para a necessidade da atenção aos profissionais de saúde que se vêm expostos a situações psicologicamente difíceis em seu cotidiano, tais como o convívio com os pacientes terminais. Embora já se tenha caminhado no sentido de um atendimento mais humanizado aos pacientes e a seus familiares, o profissional que se dedica a estes cuidados, bem como o impacto desta prática em sua subjetividade, ainda se encontram negligenciados na literatura científica. Buscando compreender esse fenômeno, serão oferecidos aos profissionais deste ambulatório, atendimentos nos moldes do Plantão Psicológico. Concebido como uma iniciativa inovadora que busca romper os parâmetros do setting clínico tradicional, o Plantão Psicológico dispõe-se a ser realizado no contexto próprio do surgimento das demandas psicológicas. Considerando-se a ausência de espaços/momentos de atenção psicológica aos profissionais que atuam nesse ambulatório e as características da prática assistencial que desenvolvem impondo-lhes o convívio com a finitude e as limitações do cuidar, acredita-se ser o Plantão Psicológico uma modalidade de intervenção capaz de propiciar a emergência dos sentidos envolvidos nesse contato. Tal estratégia de atenção clínica possibilitará a construção de narrativas pela pesquisadora acerca do impacto destes atendimentos na experiência dos participantes à luz do referencial fenomenológico husserliano. A narrativa é considerada neste estudo como estratégia metodológica apropriada à descrição e compreensão dos fenômenos em foco, pois propicia uma aproximação da experiência tal como foi vivida pelo narrador ao relacionar-se dialogicamente com os participantes, constituindo-se num processo rigoroso de interpretação da experiência intersubjetiva. Pretende-se destacar nesta apresentação o delineamento metodológico da pesquisa, enfocando os elementos tomados como fio condutor do estudo: a compreensão da angústia no contato com a finitude humana a partir do referencial fenomenológico e humanístico, o Plantão Psicológico como uma modalidade de atenção clínica em instituições e o uso das narrativas como possibilidade de apreensão da experiência humana a partir de encontros dialógicos.

Palavras-chave: Finitude; Plantão Psicológico; Narrativas; Método Fenomenológico.



A EXPERIÊNCIA DE PACIENTES EM UMA UNIDADE HOSPITALAR PARA QUEIMADOS: NARRATIVAS COMPREENSIVAS

Sara Regina Moreira Pansani (PUC-Campinas)

Vera Engler Cury (PUC-Campinas)

O objetivo desta pesquisa será compreender a experiência de sofrimento de pacientes internados em uma unidade para tratamento de queimados de um hospital do interior de São Paulo, em relação ao momento em que estão vivendo. As queimaduras são descritas como lesões da pele causadas por diversos fatores como: chama direta ou indireta, líquido fervente ou quente, contato com superfície quente, corrente elétrica ou agente químico. Elas rompem com a integridade da pele comprometendo suas funções, acarretando assim uma repercussão sistêmica. Os acidentes por queimaduras constituem atentado à integridade física e psicológica, causando grande trauma devido ao alto grau de dor, à destruição dos tecidos e membros, à alteração da auto-imagem. As queimaduras podem ser classificadas quanto à extensão (porcentagem da superfície corporal queimada) e à profundidade, dividindo-se em primeiro, segundo e terceiro grau. Este estudo terá como método a pesquisa qualitativa de inspiração fenomenológica. A pesquisa qualitativa tem como foco a experiência do indivíduo, buscando seus significados. A narrativa será utilizada nesta pesquisa como *estratégia metodológica*, possibilitando uma compreensão fenomenológica da pesquisadora a partir de encontros dialógicos com os participantes. É uma representação do encontro, em que a pesquisadora descreverá elementos por ela apreendidos, via empatia, ao estar com o participante da pesquisa conversando sobre como ele significou a experiência de estar hospitalizado em função de um episódio no qual teve partes de seu corpo queimado. Esta narrativa incluirá impressões, sentimentos e pensamentos que surgirem ao longo do encontro, constituindo-se, assim, numa forma de analisar os dados deste estudo. A pesquisadora construirá narrativas a partir dos encontros que realiza cotidianamente com os pacientes em sua prática profissional no contexto de um hospital localizado no interior do estado de São Paulo. Este estudo pretende contribuir para o desenvolvimento de novas formas de atenção psicológica às pessoas que sofreram queimaduras e foram hospitalizadas, bem como trazer elementos significativos para toda a equipe multiprofissional no que diz respeito ao relacionamento e trato com esses pacientes.

Palavras-chave: Narrativa; Método Fenomenológico; Pacientes em Sofrimento por queimadura.



EU SEM TU: UMA ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA DO LUTO

Thayane Leonardi Zomkowski(UFPR)

Joanneliese de Lucas Freitas (UFPR)

Luís Henrique Fuck Michel (UFPR)

Amanda Galerani Thomaz (UFPR)

O luto é reportado na literatura psicológica como uma reação à perda. Do ponto de vista existencial, pode ser compreendido como uma vivência típica em situações de transformação abrupta nas formas de se dar do ser em uma relação eu-tu. A presente pesquisa é um recorte de um projeto mais amplo sobre a vivência do luto em uma perspectiva fenomenológica, que envolve o acompanhamento de um grupo de enlutados. Levantou-se a hipótese de que o luto apresenta três aspectos essenciais: uma mudança abrupta de uma relação eu-tu com a supressão da presença do tu (aspecto geral), as características da relação (aspecto particular) e os significados culturais e sentidos familiares sobre a morte e o luto (horizonte histórico). Frente a atual patologização do luto e sua hipermedicalização, pretendemos construir uma reflexão que trate o luto não como uma doença, mas como uma vivência tipicamente humana, apesar das restrições impostas a quem o experiencia. Neste trabalho, apresenta-se um estudo de caso de uma mãe enlutada, em que se buscou compreender sua vivência na articulação desses três aspectos. Foi entrevistada uma mulher de 43 anos que perdeu dois de seus três filhos em um acidente de carro. A entrevista desenvolveu-se a partir da pergunta disparadora: "você pode descrever sua experiência ao passar pelo luto?". Buscou-se, por meio da redução fenomenológica, identificar os sentidos essenciais da experiência apresentada. Os resultados revelam uma experiência onde podem ser destacados três momentos particulares. No primeiro, ao deparar com uma perda tida como insubstituível, o mundo exige um novo sentido para a existência, pois se perde um modo habitual de ser diante de um tu agora ausente (elemento geral). No segundo momento, a espiritualidade e o suporte dos amigos atuam como atenuantes do sofrimento e abertura para novos sentidos (articulação entre elementos particulares, horizonte histórico). No terceiro e último, ocorre uma resignificação do luto, quando a entrevistada assume projetos e atividades de seus filhos (emergência das particularidades vivenciais). Nota-se que esta é uma forma de recuperar o sentido do eu por meio da apropriação dos projetos e atividades do tu, mantendo sua presença na ausência inalienável da morte.

Palavras-chave: Luto, relação eu-tu, psicologia fenomenológica.



TEMAS FUNDAMENTAIS DA FENOMENOLOGIA APLICADOS AO CONTEXTO DO PLANTÃO

Livia Nayara Tomás Silva (PUC-GO)

Isadora Samaridi (PUC-GO)

Virginia Elizabeth Suassuna Martins Costa (PUC-GO)

O Plantão Psicológico é uma modalidade de atendimento clínico-psicológico emergencial aberta à comunidade que almeja proporcionar uma escuta e um acolhimento à pessoa no momento de crise. Esta proposta não tem como finalidade resolver ou curar o problema da pessoa, mas de ser um momento de compreensão do seu sofrimento. Não substituindo a psicoterapia, mas sendo uma alternativa a esta. A eficácia desse plantão não está relacionada à resolução da problemática, pois o mais importante não é a queixa ou o sintoma, mas o mundo de significado daquela pessoa, sendo que o psicólogo tem como papel ajudar o cliente a refletir e buscar maneiras novas para lidar com as suas dificuldades. A proposta é acolher o cliente e facilitar para que ele diante de seu sofrimento esteja aberto ao aconselhamento, orientação ou psicoterapia. Neste sentido, os grandes conceitos teórico-metodológicos da perspectiva fenomenológica, a saber: redução fenomenológica, intencionalidade, subjetividade e intersubjetividade constituem-se como ferramentas importantes para auxiliar a prática clínica, especialmente no contexto abordado. Assim, a partir de um levantamento bibliográfico pretende-se discorrer sobre a aplicação dos fundamentos teórico-prático da fenomenologia no contexto prático do Plantão Psicológico. Desta forma, o psicólogo contemporâneo compromete-se com a escuta sensível do cliente, no momento da sua procura, ainda que seja em um único encontro. O plantonista se dispõe a receber a pessoa na ocasião em que ela decide mudar e o procura, sem ter preocupação centrada no tempo de duração do atendimento, ou no problema em si, mas na pessoa que fala e precisa ser ouvida. É de suma importância que o profissional da clínica contemporânea tenha um compromisso político/ social com as necessidades da comunidade, atuando como um agente de transformação da realidade, uma vez que, as possibilidades de mudança se estabelecem nas relações, isto é, na intersubjetividade, e no encontro que vá além dos limites da clínica em consultório. Portanto, o psicólogo clínico contemporâneo fazendo uso da fenomenologia deverá estar comprometido com a escuta e acolhimento do outro onde quer que este esteja, compreendendo o mesmo a partir da experiência e dos significados que ele atribui as relações que estabelece no mundo.

Palavras-chave: Plantão Psicológico, Fenomenologia, Psicólogo Clínico Contemporâneo



DO CONTATO À ADEÇÃO AO TRATAMENTO DA EPILEPSIA: UM ESTUDO FENOMENOLÓGICO

Lívia Nayara Tomás Silva (PUC-GO)

Isadora Samaridi (PUC-GO)

Gleyce Kelly Gomes Vila Verde

Simone Moreira Alves Candido

Dra. Vrginia Elisabeth Suassuna Martins Costa

Analizando o impacto que a epilepsia infantil causa no ajustamento psicossocial da criança e sua família e, como consequência, pode trazer uma pobre adaptação ao tratamento, pretende-se com este projeto de pesquisa compreender “como o esclarecimento ao portador de epilepsia e seu cuidador contribui para a adesão ao tratamento”. Ao mesmo tempo, correlacionar a melhora objetiva via prontuário médico, do portador com sua adesão ao tratamento. Simultaneamente, compreender a vivência do cuidador no que se refere à adesão ao tratamento e descrever o processo de obtenção do esclarecimento a respeito da doença por parte do portador e do cuidador. O local de realização da pesquisa será no ambulatório de epilepsia do Núcleo de Neurociências sediado no Hospital das Clínicas de Goiás. O procedimento para a análise compreensiva dos dados será a fenomenológica que se caracteriza pela descrição das experiências vividas pelos sujeitos pesquisados sobre um determinado fenômeno com o objetivo de buscar sua estrutura essencial. O modelo de Giorgi expressa muito bem as possibilidades que o método fenomenológico tem de acessar o mundo vivido. Pretende-se, com isso, apontar para o fato de que, a fenomenologia, como fundamento teórico e metodológico, mostra-se um modelo adequado às ciências humanas, sociais e da saúde quando elas tomam o sujeito em seu contexto de vivência e o homem como protagonista. Utilizar-se-á a seguinte pergunta disparadora aos seis pacientes portadores de epilepsia e seus respectivos cuidadores: como você percebe seu contato com o diagnóstico e a adesão ao tratamento. As respostas serão gravadas em áudio, para facilitar a análise de dados.

Palavras-chave: Epilepsia, Adesão, Esclarecimento, Fenomenologia.



CONSTRUÇÃO DE UM INSTRUMENTO DE AUTOAVALIAÇÃO SOBRE A RELAÇÃO PROFISSIONAL DE SAÚDE-PACIENTE

Graciana Sulino Assunção (UnB)

Elizabeth Queiroz (UnB)

Muito tem sido discutido sobre a importância da relação dos profissionais de saúde com os pacientes. Vários estudos têm pesquisado a influência da qualidade desta relação no tratamento das doenças e na promoção de saúde. A partir das resoluções do início deste século dos Ministérios da Saúde e Educação, que focaram a assistência na relação humanizada e valorizaram a perspectiva crítica, reflexiva e ético-humanista na formação dos profissionais de saúde, entende-se a necessidade de criar condições para a integração da competência técnica com a relacional dos profissionais que atuarão nesse novo milênio. Para avaliar o efeito de um programa de intervenção gestaltpedagógico, com enfoque na Relação Dialógica e na Fenomenologia, sobre a percepção da relação profissional de saúde-paciente em estudantes da área da saúde, vão ser feitas entrevistas antes de depois da intervenção, que serão analisadas pelo método fenomenológico de Giorgi, e foi elaborado um instrumento de autoavaliação. O presente trabalho objetiva apresentar a construção desse instrumento. A partir da literatura consultada foi elaborada uma versão do instrumento contendo 22 itens. Na primeira revisão, foi identificada a necessidade de afirmativas que refletissem situações práticas vivenciadas pelos profissionais de saúde na relação com o paciente. Essa versão resultou em 18 afirmativas e foi enviada para quatro profissionais com experiência tanto da área da saúde quanto da Abordagem Gestáltica e para quatro psicólogas com formação na área de Psicologia da Saúde, para análise em relação ao formato do instrumento, construção e conteúdo das sentenças. Concomitante à avaliação dos pareceristas, houve a aplicação do instrumento em cinco estudantes do curso de Psicologia. Essa amostra foi escolhida de forma a não comprometer possíveis participantes da pesquisa. A partir do feedback dos especialistas e estudantes foram feitas substituições de algumas palavras, agrupamento de itens e inversão da ordem de apresentação das respostas. O instrumento foi então revisto em relação ao equilíbrio entre os temas abordados e aplicado novamente em estudantes. O formulário final inclui 18 questões, variando de discordo totalmente a concordo totalmente, e descrevem fenômenos vivenciados na relação com o paciente contemplando aspectos da Abordagem Gestáltica no contexto de saúde.

Palavras-chave: psicologia da saúde; formação profissional; relação dialógica; gestaltpedagogia; fenomenologia.



PSICOPATOLOGIA E FENOMENOLOGIA: UM MODO DE COMPREENSÃO

Hílcia Silva Rodrigues (FAFIRE)

Desvendar a história da psicopatologia, a popular “loucura”, é trazer à tona o desenrolar do passado ainda vivido e tido como constructo do presente. O laudo psiquiátrico configura-se um instrumento informativo da condição da saúde mental do sujeito, em dado momento e, portanto o indivíduo não deve ser reduzido a ele. O presente trabalho orienta-se pelo objetivo de ampliar a compreensão do olhar fenomenológico no processo de crescimento e no modo de vida de indivíduos com manifestações psicopatológicas. Utilizando como método a pesquisa bibliográfica, percebeu-se que o outro é um ser de potencialidades que se encontra em um constante vir-a-ser, em processo de crescimento. É importante contestar e acolher o ser além do “desarranjo”, o indivíduo que ali se mostra, se re-vela, a constituição complexa e multifatorial que o compõe. Sendo assim, acredita-se que a doença não é apenas a interrupção da saúde, e sim, a busca incessante de um equilíbrio, são complementares e não antagônicos. Uma vez que, se deixando guiar apenas pelos sintomas, faz com que acarrete o questionamento dos padrões de normalidade, entendimento de aspecto unilateral e incompreensão do sujeito. O sintoma ou uma síndrome é um estilo de ser no mundo, um modo particular de vivenciar seu ser. O sintoma enquanto um estilo de ser, é encontrado também na pessoa normal. A patologia ou seu estado mórbido vai depender da forma pela qual o sujeito se “coloca” na estrutura de ser no mundo. Acredita-se que a proposta de ter uma visão sistêmica (orgânica, psíquica, sócio cultural), característica da abordagem Existencial, é se deixar ir além e não se limitar as partes, à superficialidade; é compreender o modo do indivíduo. Tais fatores tornam o Existencialismo um marco diferencial e de grande valia. Neste sentido, com a enfermidade também se encontra a compreensão baseada na forma de lidar com o mundo, o vivenciar das relações, do “ser no mundo”.

Palavras-chave: Psicopatologia; Fenomenológico-Existencial; Ser no Mundo.



PODEMOS (NÃO) FALAR SOBRE SUICÍDIO?

Aneliana da Silva Prado (UFPR)
Joanneliese de Lucas Freitas (UFPR)
Géssica Greschuk Ribeiro (UFPR)

Ao indagar pelo sentido do ser, o ente se confronta com o próprio tempo, com sua possibilidade mais própria e inegável da finitude. O sentido é o tempo, mas um tempo que não nos dá sentido. Deparar com a finitude é deparar com a angústia, pedra fundamental da existência. Desafio para o *dasein*, a busca de sentido é incessante. Desafio para os psicólogos, salvaguardar a possibilidade de sentido. Apesar de condição do ser-aí, a morte, tal qual enfrentada pelo suicida, é pouco estudada pela fenomenologia. O número de suicídios é crescente e visto como um importante problema de saúde pública. Contudo, tema de que pouco se fala e sobre o qual não se pergunta, mesmo em atendimentos psicológicos. Iniciamos este trabalho com uma pergunta sobre estudos em “suicídio e fenomenologia” derivada dos resultados de um mapeamento das produções disponíveis nas bases de dados da CAPES, Medline, Pepsic e Scielo, em português e espanhol, na primeira década de 2000, com a palavra-chave “suicídio”. Verificou-se pouca produção sobre suicídio em fenomenologia. Outra destaca-se como pesquisadora de maior expressividade. Defende a multideterminação do suicídio e sua dificuldade de compreensão (inclusive por parte da própria pessoa). Enfatiza ser a dimensão existencial a mais relevante dentre quaisquer outras condições. Conclui que na tentativa de suicídio, há vivências com as quais não se consegue lidar, e a não-vida se apresenta como uma maneira de enfrentamento da angústia. A tentativa de suicídio seria um modo desesperado de se apropriar do ser, ainda que seja eliminando-o, como uma forma de assumir o ser-para-a-morte. Tendo em vista a relevância do tema, torna-se evidente a necessidade de mais investigações desde uma perspectiva fenomenológica. Há um sentido no suicídio? Este pode ser considerado uma busca de sentido ou é a sua ausência marcante? O tabu da morte na atualidade cala a sociedade. Quando se fala em suicídio há uma crença de que o falar sobre seja uma forma de incentivar o ato. Romper o silêncio permitirá qualificá-lo como ato existencial, evitando a subnotificação, o ocultamento das informações e uma melhor compreensão sobre seu impacto social.

Palavras-chave: suicídio; morte; fenomenologia



RELATO DE EXPERIÊNCIA DE PLANTÃO PSICOLÓGICO COM ESTUDANTES DE MEDICINA DA UFRN

Andressa Aryane Figueredo Rego (UFRN)

Thaynara Roberta da Silva Costa (UFRN)

Dra. Elza Dutra (PPGPSI/UFRN)

O presente trabalho apresenta e discute a experiência de implantação de um serviço de Plantão Psicológico destinado aos estudantes do curso de Medicina da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. O estudante do curso de Medicina vivencia momentos de adaptação e integração ao curso e às novas metodologias. Ao mesmo tempo, esses estudantes encontram-se repletos de fantasias e desejantes de se tornarem médicos respeitados. Aliado a isso, existe o fato de que muitos estudantes, em razão das suas singularidades, apresentam dificuldades em lidar com a sobrecarga de estudos, com o contato com a morte e com a pressão por um bom desempenho acadêmico, aspectos estes que podem favorecer experiências de fracasso e frustração. A submissão a esses e outros eventos estressores, além do contato com situações de impotência diante da morte e da dor, torna esses alunos mais suscetíveis a crises, que podem levar à depressão, à ideação suicida e até ao suicídio, enfim, ao sofrimento. O plantão psicológico, por sua vez, caracteriza-se como uma prática clínica emergencial e pontual que, a partir de uma perspectiva fenomenológico-existencial, proporciona uma escuta e acolhimento no momento da crise da pessoa, que procura o atendimento de maneira espontânea. Esta atividade está sendo realizada há três anos, como ação de extensão, numa parceria entre o Departamento de Psicologia e Departamento de Medicina Clínica da UFRN. Funciona no Hospital Universitário, em dois dias da semana, em horários e local determinados. O plantão psicológico destinado a esses estudantes tem se mostrado uma ferramenta eficaz no sentido de acolher o sofrimento desses alunos, ao proporcionar um espaço de cuidado, na medida em que a escuta e a relação com o plantonista tornam possível a organização das demandas psicológicas, bem como a identificação da necessidade de possíveis encaminhamentos para atendimentos psiquiátricos e/ou psicológicos mais prolongados.

Palavras-chave: Estudante de Medicina; Plantão Psicológico; Perspectiva Fenomenológico-existencial.



A POSTURA FENOMENOLÓGICA NA CONTEMPLAÇÃO DO OUTRO: UMA PERSPECTIVA DA GESTALT-TERAPIA

Nayara Aguiar Martins (PUC-GO)

Virginia Elizabeth Suassuna Martins Costa (PUC-GO)

Compreender o homem em suas diversas formas de existir e se comportar tem sido alvo de inúmeras proposições filosóficas e psicológicas, ressaltando a existência humana como um fenômeno essencialmente singular e individual. A fenomenologia, especialmente, em sua elaboração por Husserl, promove um salto qualitativo nesta direção, promovendo um rompimento às concepções mecanicistas cartesianas e dicotomizadoras. O revolucionário pensamento fenomenológico rompe com o extremismo objetividade-subjetividade, propondo-lhe o trânsito eminentemente intersubjetivo, em que a significação da situação transparece no encontro das vivências entre o eu e o Outro, na tentativa de compreender este a partir de sua consciência intencional e, apreender a coexistência homem e mundo. Com o intuito de chegar à essência das coisas vividas, a fenomenologia se apresenta como uma filosofia e um método que se estende à prática psicoterápica da Gestalt-terapia. Neste sentido, o presente trabalho busca refletir as contribuições oferecidas pela fenomenologia a esta perspectiva clínica, a partir de uma de uma compreensão teórica que evidencia a postura descritiva e não a explicativa no contexto terapêutico no qual se utiliza do *como* ao invés do *porque*, a descrição da vivência imediata, à ida às coisas mesmas a partir da redução fenomenológica (ou *epoché*), priorizando a escuta fenomenológica. A utilização da postura fenomenológica na Gestalt-terapia contribui para que haja uma posição de profundo respeito à experiência do Outro, a fim que não o cale, mas que ambos se permitam a uma relação de mútua confirmação e autenticidade, na qual existe a disponibilidade de compreender a partir do referencial de quem fala, e não de quem escuta.

Palavras-chave: Fenomenologia; Gestalt-terapia; psicoterapia; intersubjetividade.



A PSICOLOGIA CLÍNICA SOB O OLHAR FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL

Vera Aparecida Galha-(UNIFAE)

Aline Cristina Pais – (UNIFAE)

Flávia Cristina Bassotto - (UNIFAE)

Maria da Glória Pirinoto – (UNIFAE)

Roberta Pecoraro Bertulussi – (UNIFAE)

A fenomenologia enquanto pensamento filosófico é uma relevante referência para a psicologia. Em termos de modalidade de atendimento clínico esta pode ser uma alternativa por não se pautar em um pensamento linear e/ou causal, além de possibilitar o acesso ao vivido. O Estágio Supervisionado em Psicologia Clínica realizado no Núcleo de Estudos e Atendimentos em Psicologia (NEAP) da UNIFAE, possibilita que os alunos se apropriem desta perspectiva e de seu uso na clínica. Com base no “cuidado da existência” que ela propõe, seis alunos do último ano do curso de Psicologia, objetivando um trabalho que diga respeito ao ôntico, ao concreto do que acontece na vida de cada cliente, participam deste estágio, supervisionado pela Profª Draª Ellika Trindade. Atualmente, dez clientes estão sendo atendidos pelos alunos sob essa compreensão. O método que se usa na psicoterapia é o da entrevista e descrição cuidadosa do fenômeno relatado. A análise das entrevistas se dá tendo em vista os pilares da filosofia heideggeriana: corporeidade, historicidade, espacialidade e o ser-no-mundo. Procura-se ter, para cada cliente, um olhar que é dirigido para ele em particular, para aquela história de vida, para as possibilidades de desdobramento daquele futuro. Diferentemente das outras abordagens, não há hipóteses diagnósticas nem classificação em estruturas ou patologias. Busca-se a compreensão, pela escuta atenta, do fenômeno que, a cada conversa, se desvela ou se oculta, numa hermenêutica própria de cada ser. Não se sabe bem quando e como aquela pessoa começa a aceitar e a acolher suas possibilidades e sua maneira de ser-no-mundo, no ressurgimento da confiança outrora perdida mas, ao desvelar-se o fenômeno, isso acontece.

Palavras-chave: fenomenologia; fenômeno; psicoterapia; ser-no-mundo.



A LUTA PARA PODER SER AS SUAS POSSIBILIDADES EXISTENCIAIS

Fábio José Torres

Marcos Roberto Corse

Malene Marchi Sousa (USC)

Este caso clínico está sendo atendido na Clínica-Escola da Universidade Sagrado Coração, Bauru/SP, dentro do estágio supervisionado de Psicologia Clínica, na abordagem Humanista Existencial. Essa perspectiva da Psicologia, que é subsidiada pelos fundamentos filosóficos do Humanismo, da Filosofia Existencial, do Existencialismo e da Fenomenologia, apresenta uma visão de homem integradora, que o apreende nas diversas dimensões da sua existência e prioriza a subjetividade, as vivências e a existência em sua concretude. O presente estudo traz o processo terapêutico de uma mulher de 47 anos de idade, divorciada, consultora de vendas, que procurou ajuda psicológica por sentir necessidade de trabalhar suas dores emocionais devido às experiências dolorosas vivenciadas no percurso de sua trajetória existencial. A morte de entes queridos associada a sua separação conjugal gerou intenso sofrimento e desestabilização emocional que se desdobrou num quadro de depressão associado à síndrome do pânico. A experiência do fracasso em seu casamento levou-a experimentar inúmeras vivências que ficaram como ressonâncias afetivas dolorosas ocasionando sentimentos de tristeza, mágoa, abandono, irrealização na dimensão afetiva-amorosa e fragilização de sua auto-estima e autoconfiança. No percurso temporal do referido processo foi possível apreender a dimensão do vivido e as ressonâncias nas experiências cotidianas de sua existência e na abertura das possibilidades existenciais. Os objetivos terapêuticos foram direcionados a identificar os núcleos de fragilidades, fortalecendo sua auto-estima e autoconfiança e ampliando a autoconsciência, de forma a desenvolver uma percepção mais construtiva de si, ressignificar as experiências dolorosas e aprender a se posicionar diante das dificuldades advindas das exigências do mundo para alcançar um modo de existência mais autêntico e construtivo. O método utilizado foi o fenomenológico, que busca apreender os fenômenos tais como se mostram e se revelam à consciência com seus significados e sentidos, sem nenhum pressuposto *a priori*. Conclui-se que o processo psicoterapêutico, que se encontra em andamento com 18 sessões realizadas, tem proporcionado à cliente a ampliação da consciência de si, de suas fragilidades e recursos potenciais, abrindo novas perspectivas para sua existência, tornando seu cotidiano e modo de ser-no-mundo mais produtivo, construtivo e satisfatório na maioria das dimensões existenciais.

Palavras-chave: Psicologia Clínica; morte de entes queridos; desestabilização emocional; método fenomenológico; ampliação da consciência de si.